

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**CARISMA DOMINICANO E O PROCESSO EDUCATIVO  
NO COLÉGIO EXTERNATO SÃO JOSÉ**

SANDRA BARBOSA MELO

GOIÂNIA  
2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**CARISMA DOMINICANO E PROCESSO EDUCATIVO  
NO COLÉGIO EXTERNATO SÃO JOSÉ**

SANDRA BARBOSA MELO

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Ciências da Religião,  
da Pontifícia Universidade Católica de  
Goiás.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Quadros

GOIÂNIA

2013

Melo, Sandra Barbosa.

M528c O carisma dominicano e o processo educativo no Colégio Externato São José [manuscrito] / Sandra Barbosa Melo. – 2013. 104 f. ; il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Filosofia e Teologia, 2013.

“Orientador: Prof. Dr. Eduardo Quadros”.

1. Carisma (Traço da personalidade). 2. Educação. I. Título.

CDU: 37.0(043)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, DA PONTIFÍCIA  
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, NA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM  
MOVIMENTOS SOCIAIS, DEFENDIDA EM 27 DE FEVEREIRO DE 2013 E  
APROVADA COM NOTA 8,5.

1. Prof. Dr. Eduardo Quadros /PUC/GO (Presidente) \_\_\_\_\_

2. Prof. Dr. Valmor da Silva /PUC/GO (membro) \_\_\_\_\_

3. Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Heliana Prudente Nunes \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho a minha tia paterna, dominicana de Monteils, Irmã Maria Antonieta Barbosa (*in memoriam*), responsável pela minha inserção profissional junto às Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils e à Irmã Ana Rita Lopes, minha grande amiga e irmã de alma, exemplo vivo de dominicanidade e militante incansável na construção de “outro mundo possível”.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus na Santíssima Trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

A Nossa Senhora Aparecida, padroeira do nosso Brasil e minha protetora, proteção esta, reafirmada na fala fervorosa de minha amada, inesquecível e saudosa mãe, Helena.

Ao corpo docente do Mestrado em Ciências da Religião, professores e professoras pelo aperfeiçoamento acadêmico que me proporcionaram e, de modo especial, aos professores Eduardo Quadros, meu orientador, Heliana Prudente Nunes, leitora desta dissertação e Valmor da Silva, membro da Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás.

Ao Colégio Externato São José, espaço de aprendizagem para a minha vida profissional.

Ao meu esposo por facilitar minhas idas e vindas à universidade no seu jeito tão peculiar de ser companheiro.

Aos meus filhos adorados pelo incentivo deste caminhar acadêmico.

Aos meus netos pela euforia que me afastava da leitura e do estudo e me proporcionavam um tempo de descanso “forçado” e uma aprendizagem do saber desfrutar momentos de intensa amorosidade, euforia e alegria.

*Estudai e instruí-vos com o pensamento sobrenatural, com amor no coração; tudo serve, mesmo o fracasso. Aproveitar tudo.*

Madre Anastasie.

## RESUMO

MELO, Sandra Barbosa. *Carisma Dominicano e Prática Educativa no Colégio Externato São José*. Dissertação de Mestrado: PUC Goiás, 2013.

Esta dissertação pretende aprofundar o entendimento do carisma, em especial, o dominicano, em sua relação com a educação. A partir desse entendimento, far-se-á a investigação de uma instituição educacional pautada nessas características. Por meio de pesquisa bibliográfica, será percorrido o histórico do carisma dominicano a partir da Ordem dos Pregadores, na pessoa de São Domingos de Gusmão. Outros nomes, dentro desse mesmo carisma, também serão pesquisados, como São Tomás de Aquino, Santa Catarina de Siena, Madre Anastasie. O histórico da Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils e de sua atuação no contexto educacional também irão compor essa dissertação, bem como a contextualização da educação católica no Brasil, mais especificamente em Goiás. Por fim, analisar-se-á a prática educativa do Colégio Externato São José, escola confessional católica da Congregação das Irmãs Dominicanas de Monteils de Nossa Senhora do Rosário, objeto central deste estudo.

Palavras-chave: Carisma; Dominicanos; Congregação; Educação.

## ABSTRACT

MELO, Sandra Barbosa. *Dominican Charism and Educational Practice at St. Joseph College Externato*. Dissertation: PUC Goiás, 2013.

This dissertation aims to deepen understanding of the charism, particularly the Dominican, in its relation to education. From this understanding, it will be far the investigation of an educational institution guided by these characteristics. Through literature, history will be covered from the Dominican charism of the Order of Preachers, in the person of Saint Dominic. Other names within that same charism, will also be investigated, as St. Thomas Aquinas, St. Catherine of Siena, Mother Anastasie. The history of the Congregation of the Dominican Sisters of Our Lady of the Rosary of Monteils and his performance in the educational context will also compose this dissertation, as well as the context of catholic education in Brazil, more specifically in Goiás. Finally, it will examine educational practice Externato College St. Joseph catholic confessional school of the Congregation of the Dominican Sisters of Monteils of Our Lady of Rosary, the central object of this study.

Keywords: Charism; Dominicans; Congregation; Education.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

a.C - antes de Cristo

Ap - Apocalipse

apud - citado por

AT - Antigo Testamento

CESJ - Colégio Externato São José

CLAR - Conferência Latino Americana de Religiosos

CRB - Conferência dos religiosos do Brasil

Cor - Coríntios

d.C - depois de Cristo

DEFT- Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia

DTVC- Dicionário Teológico da Vida Consagrada

ibidem - na mesma obra

idem - do (a) mesmo (a) autor (a)

Is - Isaías

Jr - Jeremias

Mt - Mateus

NT - Novo Testamento

p - página

s.d. - sem data

s.l. - sem local

v. - volume

# SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>07</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>08</b>
<b>LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....</b>	<b>09</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 ASPECTOS DO CARISMA.....</b>	<b>15</b>
2.1 O CARISMA COMO CONCEITO SOCIOLÓGICO.....	15
2.2 CARISMA NA TRADIÇÃO TEOLÓGICA/BÍBLICA/CATÓLICA.....	23
<b>3 CARISMÁTICOS DOMINICANOS.....</b>	<b>32</b>
3.1 SÃO DOMINGOS E A ORDEM DOS PREGADORES.....	33
3.1.1 São Domingos de Gusmão.....	38
3.1.2 São Tomás de Aquino.....	39
3.1.3 Santa Catarina de Sena.....	41
3.2 MADRE ANASTASIE E A CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DOMINICANAS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE MONTEILS.....	43
<b>4 O CARISMA EDUCACIONAL DAS IRMÃS DOMINICANAS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE MONTEILS.....</b>	<b>50</b>
4.1 CHEGANDO AO BRASIL E A GOIÁS.....	50
4.2 APROFUNDANDO O ESTUDO DE CARISMA DOMINICANO.....	56
<b>5 A “COTIDIANIZAÇÃO” DO CARISMA DOMINICANO/ANASTASIANO NO COLÉGIO EXTERNATO SÃO JOSÉ.....</b>	<b>64</b>
5.1 DAS ORIGENS DO COLÉGIO EXTERNATO SÃO JOSÉ.....	64
5.2 A DINÂMICA DA RELAÇÃO CARISMA E PROCESSO EDUCATIVO NO COLÉGIO EXTERNATO SÃO JOSÉ.....	70
5.2.1 O modo dominicano de ser (carisma) do Colégio Externato São José.....	72
5.2.2 Explicitando a missão.....	72

5.2.3	Sobre a modernização dos métodos .....	73
5.2.4	Perfil do educador dominicano .....	74
5.2.5	E quanto ao perfil do aluno? O que é ser um aluno dominicano/anastasiano? .....	76
5.2.6	Quanto aos pais, os testemunhos também são bastante interessantes.....	77
5.2.7	Formação humana e religiosa .....	78
5.2.8	O Desenvolvimento dos projetos pedagógicos e sociais.....	79
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>96</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>99</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação trata do carisma dominicano e sua ênfase no processo educativo do Colégio Externato São José. Nesta pesquisa fazemos uma análise do termo carisma nas concepções: sociológica e teológica. Buscamos o entendimento da dinâmica deste carisma específico em nomes tidos como exemplos de vida dominicana, como São Domingos de Gusmão, fundador da Ordem dos Pregadores e Madre Anastasie, fundadora da Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils.

A partir de São Domingos de Gusmão é feita uma análise sobre as principais características de outros “carismáticos dominicanos”, que são igualmente estudados e entendidos em seus diferentes contextos: social, político e histórico, na tentativa de definir os traços marcantes deste carisma que, ao longo dos tempos, vem marcando a história da Igreja, de instituições e congregações. Assim, este estudo caminha até os tempos atuais, para percepção e entendimento de como tem sido processado e vivenciado o carisma dominicano no século XXI, dentro de uma instituição educacional confessional católica, fundada pela congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, em Goiânia-Goiás, o Colégio Externato São José.

A metodologia que direciona o trabalho recai sobre o estudo sistemático e descritivo da pesquisa bibliográfica que permeia todo o processo de investigação. Nesse processo investigativo, são utilizadas a pesquisa documental, a pesquisa exploratória e principalmente a histórica, investigando os acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar sua influência na sociedade de hoje. (LAKATOS; MARCONI, 1987, p. 66). A forma é a expositiva, que consiste em reunir e relacionar o material de várias fontes, expor o assunto de modo fidedigno, com habilidade de levantamento e organização. (REIMER, 2007, p. 63)

O método adotado vai além da análise do discurso histórico, pois busca a discussão de natureza sociológica e política da sociedade. A questão central que buscamos defender e compreender está na elucidação das motivações dos dominicanos ao longo dos tempos, principalmente, no que diz respeito ao carisma da educação.

Nossa pesquisa pretende demonstrar a presença e a atuação de pessoas que se colocaram na continuidade da vivência dominicana, entre eles, as Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils e os educadores dominicanos, buscando, os significados histórico, social e religioso de suas ações.

O eixo fundamental que sustenta nossa análise, portanto, é construído a partir dos autores da História e da Sociologia da Religião, ainda que, em vários momentos, solidificamos este eixo a partir das contribuições de autores que trabalham o carisma dominicano na educação católica no Brasil.

O referencial teórico do termo carisma é uma recorrência a Max Weber, e aos teólogos e historiadores no conceito de carisma na tradição católica. No estado da questão autores como Geraldo Ávila (2002), Batista Neto (1989), Franco Cambi (1999), Riolando Azzi (1997), Laércio Dias Maura (2000), Carlos Josaphat (1981), Maria Dominique Poinset (1986), entre outros contribuem para a pesquisa. Estes autores lançam luzes sobre categorias com as quais trabalhamos. A teoria weberiana nos ilumina, no sentido de oferecer o suporte necessário para a compreensão da manutenção e materialização do carisma dominicano ao longo dos séculos e em especial, nos tempos atuais.

Ocupamos em evidenciar dados concretos e analíticos da secular missão missionária, evangelizadora, humanística das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils nos últimos sessenta anos, na cidade de Goiânia, no Colégio Externato São José.

O que nos motiva a escrever este texto é o fato de trabalharmos há mais de quatro décadas junto às Irmãs Dominicanas. Surgindo assim, a vontade de deixarmos registradas as lutas, as vitórias e a humildade que marcam o trabalho delas, que à luz do pensamento de Madre Anastasie, luta pela justiça e paz no encalce de respostas mais reais, consequentes e coerentes com as carências sociais e necessidades vitais dos homens e mulheres de hoje.

O objetivo central da nossa pesquisa é investigar as características da educação trabalhada em uma instituição confessional católica, de teor humanista, pautada no carisma dominicano/anastasiano.

Nosso texto é composto de quatro capítulos.

No primeiro capítulo, é trabalhado o entendimento do termo carisma, nos enfoques sociológico e teológico/bíblico/católico.

No segundo capítulo, iniciamos a pesquisa histórica acerca das lideranças carismáticas dominicanas, fazendo ver de que forma os dominicanos tentaram responder, com seus acertos e fracassos, aos problemas das sociedades em diferentes épocas. Analisamos os princípios filosóficos e as estrelas condutoras do carisma dominicano. Debruçamo-nos na história da fundação da Ordem dos Pregadores e da Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils no Brasil, para perceber de que modo a congregação tomou consciência das necessidades pelas quais clamava a sociedade brasileira do século passado até os dias atuais.

Iniciamos o terceiro capítulo com o estudo da Educação Católica no Brasil e damos continuidade com a pesquisa da inserção das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils em Goiás.

O quarto capítulo trata da consolidação histórica do Colégio Externato São José desde seu início até os dias atuais, na sociedade goianiense. Este capítulo versa sobre como se dá na historicidade do colégio a relação do carisma dominicano/anastasiano e processo educativo seja, em sua filosofia, missão, relação família-escola, perfil de seus educadores e alunos e nos seus projetos pedagógicos e sociais. Entre esses projetos três são discutidos detalhadamente como exemplos que contribuem para uma demonstração positiva de nossa hipótese.

Depois de percorrida a proposta investigativa dessa dissertação, com os dados analisados, dá-se a conclusão, na tentativa de elucidar a nossa hipótese, que assim se constitui: os valores dominicanos/anastasianos, entendidos como ação evangelizadora, são fatores ímpares para o exercício da preservação do carisma dominicano e de sua cotidianização no processo educativo do Colégio Externato São José, nesses tempos de terceiro milênio.

## 2 ASPECTOS DO CARISMA

O contexto do nosso objeto de estudo privilegia a questão do carisma, em especial, o carisma dominicano. Essa escolha demanda, pois, o entendimento desse conceito seja em termos sociológicos, seja nos termos da tradição bíblico/teológico da Igreja Católica. Essa compreensão direciona a análise das possíveis repercussões que o carisma dominicano tem nas escolas dominicanas brasileiras atuais, em particular, no Colégio Externato São (CESJ), em Goiânia.

Para tanto buscamos em Weber o referencial teórico sociológico e, em teólogos católicos, o apoio histórico-conceitual para o entendimento bíblico/teológico do conceito. A opção pela fundamentação em Max Weber justifica-se devido à diversidade e à profundidade de sua produção intelectual, incluindo a questão sobre os tipos de dominação, no caso específico, a dominação carismática e sua possibilidade histórica de transformação.

Na literatura bíblica/teológica católica, a ideia de carisma é a de um dom transcendente que já estava presente tanto no Antigo como no Novo Testamento. Como um dom transcendente advindo do Espírito Santo a concepção percorre os fundamentos do cristianismo desde São Paulo até o Vaticano II.

A pretensão deste primeiro capítulo é palmejar esses dois aspectos na direção de melhor entender o carisma dominicano e suas interpelações ao processo educativo da escola em questão.

### 2.1 O CARISMA COMO CONCEITO SOCIOLÓGICO

Conforme o Dicionário de Política, o conceito sociológico clássico de carisma foi apresentado por Max Weber para caracterizar uma forma peculiar de poder e dominação. (BOBBIO, 1995, p.149).

Para Weber o poder é “toda a probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade”. E, por sua vez a dominação é “a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo, entre determinadas pessoas indicáveis”. (WEBER, 1999, p.33).

Assim, para Weber poder e dominação são, evidentemente, relações assimétricas, mas sempre pressupõem uma disposição ou um interesse em obedecer, um “mínimo de vontade de obediência”, por parte dos subjugados pelo poder. (WEBER, 1991, p.139). Sem a aceitação da pretensão de dominação por parte dos subjugados não pode existir uma dominação legítima e, com isso, também nenhuma chance de permanência e criação de ordem. Para o autor ação social é “um comportamento compreensível em relação a objetos, isto é, um comportamento especificado ou caracterizado por um sentido subjetivo real ou mental, mesmo que ele quase não seja percebido”. (WEBER, 1999, p.13).

Para a sociologia weberiana, os acontecimentos que integram o social têm origem nos indivíduos. A meta do cientista é compreender os nexos causais que dêem sentido à ação social. Embora os acontecimentos sociais possam ser quantificáveis, a análise do social sempre envolve uma questão de subjetividade. Weber destaca que a ação é um comportamento humano dotado de sentido e fim. A interpretação do sentido de uma ação ou a razão pela qual ela se manifesta é objeto a ser investigado pelo pesquisador de maneira que ele possa enxergar as conexões de sentido, ou seja, os motivos que possibilitam determinado comportamento. Quanto ao fim, é preciso considerar que se trata de ações racionais, próprias de sociedades mais avançadas que permitem o desenvolvimento de processos de racionalização social (invenção da burocracia) e diferentes maneiras de se estabelecer as relações de poder e dominação. Nestas circunstâncias,

nenhuma dominação contenta-se voluntariamente com motivos puramente materiais ou afetivos ou racionais referentes a valores, como possibilidades de sua persistência. Todas procuram despertar e cultivar a crença em suas legitimidades. Dependendo da natureza da legitimidade pretendida diferem o tipo de obediência e do quadro administrativo destinado a garanti-la, bem como o caráter do exercício da dominação. E, também, com isso, seus efeitos. (WEBER, 1999, p.139).

É nesse contexto teórico do exame da dominação legítima que Weber a tipifica.

Existem três tipos puros de dominação legítima: De caráter racional: que descansa na crença da legalidade de ordenações instituídas e os direitos de mando dos escolhidos para exercer essa autoridade legal. De caráter tradicional: que descansa na crença cotidiana, na veracidade das tradições oriundas de tempos anteriores e na legitimidade dos sinais designados por essa tradição para o exercício da autoridade tradicional de caráter carismático: que descansa na entrega extraordinária à santidade, ao

heroísmo exemplar de uma pessoa e as ordenações para ela criadas e reveladas. (WEBER, 1996, p.172).

Como se pode perceber, a dominação carismática supõe a crença no carisma que para Weber é,

uma qualidade pessoal considerada extraordinária (na origem, magicamente condicionada, no caso tanto dos profetas quanto dos sábios ou jurídicos, chefes de caçadores e heróis de guerra) em virtude da qual se atribuem a essa pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a torna como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como líder. (WEBER, 1999, p.159).

A partir dessa definição, o autor especifica três condições para a existência da dominação carismática: reconhecimento, legitimidade e comunicação. Nas palavras do autor:

a validade do Carisma decide o reconhecimento originário da entrega à revelação, a reverência ao herói e a confiança aos chefes por parte dos dominados; esse reconhecimento se mantém por corroboração das supostas qualidades carismáticas, sempre oriundas de estados de prodígios [...]. Este reconhecimento é, psicologicamente, uma entrega plenamente pessoal amparada na fé surgida do entusiasmo ou da indignação e da esperança.

[...] Se essa corroboração faltar ou o portador carismático for abandonado por seu Deus ou por sua força mágica ou heróica, ou ainda seu poder e autoridade não encerrar bem estar aos dominados há a probabilidade de que sua autoridade se dissipe [...]. Neste caso, não teria o carisma da virtude exigida (classicamente determinada) pelo espírito do céu e assim não seria, portanto um legítimo filho do céu! [...] no sentido genuinamente carismático do império por graça de Deus.

A dominação carismática supõe um processo de comunicação de caráter emotivo. No quadro administrativo dos chefes carismáticos não há nenhuma burocracia, no mínimo uma burocracia profissional. Sua eleição não tem lugar nem em estruturas estamentais nem em dependências patrimonial ou pessoal. Sua eleição é exclusiva às suas qualidades carismáticas: ao profeta correspondente os discípulos, ao príncipe da guerra o séquito, ao chefe os homens de confiança. Não há nenhuma contratação ou demissão, nenhuma carreira ou acesso, somente há o chamamento pelo senhor segundo sua própria inspiração fundada na sua qualificação carismática. (WEBER 1996, p.194).

Reforçando o já dito, Weber ainda explica que o carisma é:

a grande força revolucionária nas épocas com forte vinculação à tradição [...]. O carisma destrói [...] em suas formas de manifestação mais sublimes regra e tradição e inverte todos os conceitos sacrais. Ao invés da piedade em relação aquilo que é, desde sempre, considerado comum, e por isso sacral, ele força a sujeição interna sob aquilo que nunca existiu, sob o absolutamente singular, e por isso divino. Nesse sentido puramente

empírico e neutro, é, porém, o poder especificamente criativo e revolucionário da história. (WEBER, 1991, p.161).

Nessa perspectiva pode-se inferir que o carisma é um conceito geral que vence o abismo entre o nível extrassensorial e o mundo do aquém, que sempre é alvo das ações mágicas e religiosas. A irresistível força do carisma é o núcleo e a essência da ação e do pensamento religiosos.

Além disso, Weber também estabeleceu uma relação teórica entre a dominação carismática e as transformações sociais: “a dominação carismática derruba o passado (dentro de seu âmbito) e, neste sentido é especificamente revolucionária”. (WEBER, 1999, p.160).

Continua Weber:

[...] o carisma pode ser uma transformação como ponto de partida, a qual nascida de miséria ou entusiasmo significa uma modificação da direção da consciência e das ações, como orientação totalmente nova de todas as atitudes diante de todas as formas de vida e diante do mundo, em geral. Nas épocas pré-racionalistas, a tradição e o carisma dividem entre si a quase totalidade das direções de orientações das ações. (WEBER, 1999, p.161).

Dessas considerações pode-se entender que carisma é uma força social essencialmente criativa ou destrutiva, que irrompe de modo abrupto no decorrer dos acontecimentos e que pode dar à história um rumo novo, dar origem a uma nova religião, destruir as ordens e instituições políticas dominantes ou abrir caminho para novas formas de vida, de uma ética e constituição econômica sem precedentes históricos.

A dominação carismática em sua forma pura, portanto, possui relevância na prática social apenas como fenômeno efêmero de transição. Ela sempre existe apenas em sua fase inicial e está sujeita a um dinamismo interno da autodissolução e do fracasso. Os poderes do cotidiano, acima de todas as obrigações econômicas e estruturas de poder, mas também estruturas de sentido na vivência do mundo exigem que se pague seu tributo de imediato. Assim é preciso compreender com Weber:

A cotidianização ou adaptação ao cotidiano não se realiza em geral sem lutas. Sem dúvida, as lutas entre as exigências pessoais do carisma do chefe e o carisma pessoal ou do hereditário contra o objetivado (carisma de cargo) constituem um processo típico na história. (WEBER, 1996, p.202).

Para a gênese dos processos históricos carismáticos, é decisiva, por parte de um círculo limitado de pessoas, a crença nas qualidades extracotidianas do pregador ou na personificação de novas ideias de valores. A fé como relacionamento de confiança incondicional em algo, seja um poder mágico, seja Deus, seja a razão ou até mesmo as supostas faculdades sobre-humanas de uma pessoa, é essencialmente uma dimensão de sentido irracional que, pela sua natureza, dificilmente pode ser conciliada de forma duradoura com as exigências racionais do intelectualismo e do conhecimento racional.

O carisma precisa então ser entendido como chave sociológica para a compreensão daquelas correntes sociais que interrompem, muitas vezes de forma inesperada e abrupta. Nesse sentido a teleologia aparentemente evolucionista e unidimensional do racionalismo, suspendendo os valores institucionais vigentes e fazendo com que, através de personificações, novos coletivos com forte pressão para a conformidade conquistem o controle. Portanto, o conceito de carisma não possui, apenas um status residual reservado para descrição de epifenômeno ou anomalias sociais. Segundo Weber:

é preciso compreender que o carisma denota uma tensão fundamental que, como processo contrário, sempre está presente no cosmo do racionalismo fundamentalmente contraditório em si mesmo.

Em relações genuinamente carismáticas, os motivos de submissão específicos não podem ser encontrados em interesses de fins racionais nem na ação habitacional do cotidiano. Pelo contrário, o que age de forma decisiva aqui são os motivos específicos de valores racionais, ou seja, a dedicação irracional ao exagerado valor próprio ético-morais, sociais ou políticos.

A obrigação de obediência em relação ao portador do carisma resulta, de um lado, da devoção ao absolutismo, a mensagem proclamada e, de outro, da fé nas qualidades espirituais e físicas da pessoa de seu portador, da qual o sucesso da missão parece depender essencialmente. É por isso que justo a personalidade do indivíduo carismaticamente qualificado assume uma posição tão predominante dentro da comunidade carismática dos fieis – mesmo que o carisma como dimensão de sentido e experiência do extracotidiano seja, naturalmente, um fenômeno de emergência da respectiva comunidade e de sua comunicação religiosa. Resumindo, a dominação carismática é caracterizada pela personificação das orientações de valores vinculadas à missão e pela relação de autoridade. A personificação se baseia em um processo psicológico de atribuição coletiva de faculdade extraordinária. A pessoa carismaticamente qualificada é atribuída ou insinuada característica de personalidade “em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar, e, portanto, como líder”. (WEBER, 1991, p.159).

O ciclo do carisma, que agora analisaremos, se dá através de um processo social de dinâmica própria, que Weber chamou de “cotidianização”.

Em sua forma genuína, a dominação carismática é de caráter especificamente extracotidiano e representa uma relação social estritamente pessoal, ligada à validade carismática de determinadas qualidades pessoais e à prova destas. Quando esta relação não é puramente efêmera, mas assume o caráter de uma relação permanente — “comunidade” de correligionários, guerreiros os discípulos, ou associação de partido, ou associação política ou hierocrática — a dominação carismática, que, por assim dizer, somente *in status nascendi* existiu em pureza típico-ideal, tem de modificar substancialmente seu caráter: tradicionaliza-se ou racionaliza-se (legaliza-se), ou ambas as coisas, em vários aspectos. (WEBER, 1999, p.161).

O carisma como fenômeno especificamente extracotidiano consegue, portanto, irritar as estruturas do cotidiano; porém não consegue destituí-las de sua posição de predominância. Não são apenas as experiências de transposição de limites, causadas por excitações religiosas, políticas, estéticas, eróticas, mas em todos os casos pronunciadamente emocionais que conseguem se impor durante pouco tempo.

Paradoxalmente, a predominância dos interesses materiais é reinstaurada em primeiro lugar pelos seguidores mais próximos ao portador do carisma que se transforma, na força impulsionadora da cotidianação. Assim, interesses racionais adquirem já estado de exceção carismático imediato. Através de seus interesses econômicos e de status, a dominância do cotidiano é restaurada e a dinâmica revolucionária do carisma é convertida em seu oposto. Dessa forma e nesse sentido, a dominação carismática é tradicionalizada, em outra palavra, cotidianação.

Weber aprofunda:

[...] teremos que examinar agora fenômenos cuja característica comum representa uma peculiar objetivação do Carisma. Uma graça rigorosamente pessoal se converte em uma qualidade, 1) transferível, 2) adquirível, ou 3) não vinculada a uma pessoa enquanto tal, senão ao titular de um cargo ou a um substituto sem ter em conta a pessoa. Contudo, o carisma segue justificado como extraordinário, não acessível a todos, pois esses são os princípios preeminentes frente às qualidades dos dominados pelo carisma. [...] Porém como é natural é justamente esta forma de penetração do carisma no cotidiano, sua transformação numa organização permanente que significa a mais profunda modificação de sua natureza e sua ação específica. (WEBER, 1996, p. 869).

Os interesses cotidianos dos seguidores e discípulos se tornam agudos quando, no mais tardar, surge à questão da sucessão. Para o processo da cotidianação, são típicos, em termos bem gerais, uma institucionalização, ou seja, “objetivação” da dominação e, com isso, um enfraquecimento da

dimensão pessoal. Procedimentos formais – como, por exemplo, regras para a designação sucessória, normas para o recrutamento dos quadros administrativos ou também as eleições – e estruturas regradas (legalidade) substituem, como motivos de legitimação tradicionais, burocráticos ou também legais, a revelação alheia a regras e o decisionismo jurídico pré-legal do carisma: “Está escrito, eu, porém, vos digo! (WEBER, 1991, p.177).

E Weber continua explicando:

Se a capacidade carismática se converter em uma qualidade objetiva suscetível de ser transferida por quaisquer procedimentos ante todos os puramente mágicos, está aberto o caminho para que se transforme de uma graça cuja possessão é verificada e comprovada, porém não pode ser transmitida ou apropriada como um princípio adquirível. Desse modo, a capacidade carismática se converte em um objeto possível de educação. (WEBER, 1996, p.876).

Portanto, a dominação carismática é concebida por Weber como fenômeno de transição social específico. O poder revolucionário, que lhe é próprio, é contrastado por uma duração apenas efêmera. O carisma, portanto, consegue causar uma perturbação passageira da realidade cotidiana, mas não rompe o seu domínio estrutural de forma duradoura. O carisma genuíno rapidamente desvanece sob a pressão dos interesses e poderes cotidianos, ele é cotidianizado. Assim, o imenso potencial provocativo do carisma e as transposições de limites possibilitadas por seu surgimento são reintegrados ao cotidiano e a ele confinados. Nesse sentido, o ciclo carismático torna-se um processo educativo<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Recentemente foi publicado o livro Educação e liberdade em Max Weber, de Alonso Bezerra de Carvalho que diz: Pretendo mostrar que o carisma pode ser entendido como o *clinamen* (desvio) das regras estatuídas e burocratizantes, garantindo o desenvolvimento da liberdade que, rompendo com o determinismo inerente a qualquer situação objetiva, abre espaço para o exercício da autonomia. Com isso estamos em condições de afirmar que é possível pensar uma educação que, em vez de burocratizar e normalizar friamente, liberta, rompe e revoluciona, se expande [...] garantindo a autonomia. A burocracia, que tende a representar a ausência de liberdade, pode ser impedida de avançar ainda mais se a colocarmos num confronto equilibrado com as qualidades carismáticas. É preciso, porém, ressaltar que a noção de burocracia e carisma são entendidas em Weber, como conceitos típicos ideais, que não encontramos em estado puro na realidade. Não cabe, portanto, atribuir a eles qualquer tipo de juízo valorativo.

[...] Weber distingue três tipos de educação através da História: a educação carismática, a educação para a cultura e a educação especializada [...].

[...] ao olhar a educação do ponto de vista da Sociologia, conclui que se, por um lado, as pedagogias são os fundamentos das práticas educacionais, por outro aponta as crenças, os valores e as normas sociais como os fundamentos da Pedagogia, [...]. No modelo weberiano educação é [...] socialmente dirigida a três tipos de finalidades: despertar o carisma, preparar o aluno para uma conduta de vida-pedagogia do cultivo- e transmitir conhecimento especializado- pedagogia do treinamento.

Se para Durkheim a educação é o mecanismo pelo qual o indivíduo se torna membro da sociedade, socializando-se, e para Marx ela pode ser um mecanismo a ser utilizado para oprimir ou para emancipar o homem, Weber está preocupado com os rumos da educação, numa época onde a liberdade está sob desígnios da especialização, da burocratização e da racionalização. (CARVALHO, 2004, p. 29- 30-40-41).

Weber, tipificando, diz:

no curso dessa transformação, a educação por um princípio carismático pode se converter em uma instituição formalmente estatal ou eclesiástica, ou pode se achar abandonada à livre iniciativa de sequazes agrupados em uma corporação. O caminho seguido a esse respeito depende de múltiplas circunstâncias e especialmente das proporções de poder entre os diversos grupos carismáticos rivais. E depende em última instância da resposta à questão referente à importância universal que adquirirá dentro de uma comunidade da educação, militar ou sacerdotal. Justamente, o espiritualismo da educação eclesiástica tende a uma formação racional em oposição à educação cavalheiresca. A educação com vistas à formação de sacerdotes, xamãs, feiticeiros, curandeiros, dervixes, monges, dançarinos e cantores sagrados, escribas e jurisperitos, assim como cavalheiros. O que os diferencia é o alcance das comunidades educativas assim formadas guerreiros têm lugar entre as mais diferentes formas, de modo essencialmente análogo em sua relação entre si. [...] o desenvolvimento de uma educação especificamente clerical se dará em função de uma burocratização do domínio, no caso do domínio sagrado. (WEBER, 1996, p. 878).

Nesse raciocínio reside a ideia de que o racionalismo sempre parte de constelações irracionais. O irracional — por exemplo, das práticas mágicas ou também do carisma — muitas vezes é incorporado a institucionalizações e diferenciações racionais. Estas, porém, nunca são imunes à virada para o irracional e à desdiferenciação e desracionalização. Elas sempre acabam desembocando novamente em racionalizações. Esse é, portanto, um processo dialético, cuja tensão básica foi conceituada teoricamente por Weber pelo par terminológico polar carisma *versus* racionalismo.

As manifestações da racionalização sempre se defrontam com manifestações da desracionalização, o que, no entendimento de Weber (1999, p. 203), apesar de suas utopias negativas de pessimismo cultural, postura expressa, por exemplo, na metáfora da “férrea cápsula da vassalagem” mantém a história dinâmica e aberta.

Assim, o carisma pode ser compreendido como cifra sociológica para aqueles processos sociais que, muitas vezes de forma inesperada e explosiva, interrompem a tendência aparentemente evolucionária e unidimensional do racionalismo, suspendendo validades institucionais e possibilitando que personalizações conquistem o domínio em novos contextos coletivos intensamente vivenciados durante um período de transição. O conceito do carisma possui, portanto, não apenas um *status* residual e reservado para a descrição de epifenômenos e anomalias sociais. Antes, Weber usa o carisma para denotar uma

tensão fundamental que sempre está presente no cosmo contraditório do racionalismo.

O estudo de Weber permite então inferir que a dominação carismática não é apenas um fenômeno histórico que desaparece com a modernização. Pelo contrário, o carisma, como movimento irracional contrário ao racionalismo, pode surgir a qualquer instante também na sociedade moderna e desenvolver a sua força revolucionária. Isso, porém, apenas durante um período de transição, pois o carisma é, como se viu, sempre uma manifestação efêmera. No processo da cotidianização, o extracotidiano refluí às vias do cotidiano. Carisma, vocação, embora conceitos vinculados a tipos ideais que se supõem verificáveis, não são categorias que se possam impor sobre objetos de estudo, mas no máximo servir de pontos de observação do sujeito, muitas vezes exagerando-lhe as formas, porém com o intuito de poder capturá-lo em torno de sentidos e significados.

É nesse contexto teórico, acrescido do estudo a seguir – O conceito de carisma na tradição teológica/bíblica/católica que se desenvolverá nosso objeto de estudo: o carisma dominicano/anastasio e o processo educativo do CESJ.

## 2.2 CARISMA NA TRADIÇÃO TEOLÓGICA/BÍBLICA/CATÓLICA.

Conforme o Dicionário Teológico da Vida Consagrada (DTVC), (1994, p. 89), “o termo carisma é vocábulo procedente da raiz grega *char* e refere-se ao objeto e resultado da graça divina (*charis*): algo que produz bem-estar, um dom outorgado por Deus aos crentes de qualquer ordem ou grau”. Teologicamente, compreende-se carisma como dom divino, ação gratuita de Deus, dom do Espírito. É o chamamento de Deus para um determinado serviço, acompanhado da aptidão para desempenhá-lo. O Carisma é fruto da ação do espírito que se traduz em serviço para a comunidade; impulso interior com dinamismo criativo e renovador.

Na história da Igreja o termo carisma, em tempo e espaço, se apresenta sob diferentes enfoques e compreensões. Antigo Testamento, Novo Testamento, São Paulo, Santos Padres (séc. I a IV); Idade Média e São Tomás; Concílio de Trento (sec. XIV); reflexões esporádicas de alguns teólogos e exegetas até o século XIX; século XX período anterior ao Vaticano II, período posterior do Vaticano II e Catecismo da Igreja Católica em temporalidade atual. (DTVC, 1994, p.89).

No antigo testamento, considera-se como texto básico para entendimento do carisma cristão Isaias 11,1-5. Jz 11, 29; 13, 25; 1Sm 11, 26. O texto de Isaias anuncia em profundidade a efusão do espírito e a concessão de graças, livremente advindas do Senhor Deus Javé.

1. Um renovo sairá do tronco de Jessé, e um rebento brotará de suas raízes.
2. Sobre ele repousará o Espírito do Senhor, Espírito de sabedoria e de entendimento, Espírito de prudência e de coragem, Espírito de ciência e de temor ao Senhor.
3. (Sua alegria se encontrará no temor ao Senhor.) Ele não julgará pelas aparências, e não decidirá pelo que ouvir dizer;
4. Mas julgará os fracos com equidade, fará justiça aos pobres da terra, ferirá o homem impetuoso com uma sentença de sua boca, e com o sopro dos seus lábios fará morrer o ímpio.
5. A justiça será como o cinto de seus rins, e a lealdade circundará seus flancos. (Is. 11,1-5).

Nessa passagem o pensamento teológico localiza a premissa dos sete dons do Espírito Santo: sabedoria e inteligência, conselho e fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus. Esses dons, virtudes, graças, fenômenos particulares extraordinários, ofícios e ministérios serão retomados por São Paulo e constituirão a base de toda a discussão teológica sobre carisma que se fará daí por diante. É importante tomar conhecimento de que:

Os especialistas estão de acordo em afirmar que Apóstolo não pôde tomar o termo do AT, precisamente porque nos textos mencionados [→acima I, 2] aparece somente como variante. Paulo nos oferece em seus escritos quatro listas de carismas: 1 Cor 2, 8-10; 1Cor 12, 28-30; Rm 12, 6-8; Ef 4, 11. Nessas listas são enumerados 19 carismas, porém, dadas as repetições, distinguimos 20 carismas diferentes. O Apóstolo não quis, por certo, redigir uma lista completa, exaustiva e concordante, sobretudo porque a abundância e riqueza desses dons não permite redução a um sistema ou a uma regra. Paulo lê nos carismas a ação e a eficácia da única graça, oferecida benévola e gratuitamente pelo único Espírito, que se diversifica sensivelmente em cada pessoa singular (1 Cor 12, 4. 11. 12-27. 28-31), a fim de produzir em cada uma delas determinada capacidade, apta para servir a toda a comunidade eclesial (1 Cor 14, 12).

[...] E precisamente a articulação do pensamento paulino que permite aprofundar a compreensão da essência e do significado dos carismas na multiplicidade de suas manifestações e em seu caráter orgânico para bem comum e para a unidade do mesmo Espírito. Paulo adota posição muito equilibrada diante dos fenômenos espirituais de suas comunidades.

[...] Não são dons privados, mas seu destino é o público e social para o crescimento dinâmico e para o bem de todo o corpo eclesial, em qualquer lugar e tempo. Podem ser passageiros ou permanentes, ordinários ou extraordinários, de acordo com a missão e o serviço para quais são dados ou oferecidos aos fiéis de qualquer condição e grau. Esses dons torna-os dóceis às moções do Espírito. Distinguem nitidamente dos talentos.

Efetivamente, enquanto estes são simples dotes naturais inerentes à própria natureza do homem, os carismas são dons sobrenaturais concedidos pela amável liberalidade divina; são atuação especial do Espírito Santo que se propõe e interage nas aptidões naturais dos homens, e habilita o cristão para colaborar na salvação do mundo a partir de vocação especial. Não podem ser provocados nem forçados, muito menos previstos e obtidos mediante os sacramentos ou os ministérios hierárquicos. São dons transmitidos pelo Espírito Santo e destinados a todo o povo batizado e crente, depois da ressurreição e ascensão de Cristo ao céu, a fim de que todos possam alcançar sua estatura e maturidade. (DTVC, 1994, p. 89 - 90).

A partir da era cristã primitiva, as menções ao termo carisma no pensamento dos Santos Padres<sup>2</sup>, segundo os teólogos historiadores da Igreja tornaram-se raras e com interpretações diferentes. São localizados três períodos.

Primeiro período:

Padres dos séculos I-III – Na tradição da igreja o uso da palavra carisma passou logo a ser raro e como tendência prevalecente assume as características do extraordinário. Os Padres dos três primeiros séculos tomam o vocábulo de Paulo e o usam em sentido muito genérico. Temos informação tanto do Oriente como do Ocidente: Clemente Romano (+101), Inácio de Antioquia (+107?), Justino, Ireneu e Lião (+ ca, 220), Tertuliano (ca. 220), Lipólito (+ 235), Novaciano, Orígenes (185-54). Este último é o primeiro que nota a diminuição dos carismas e o primeiro também que teoriza sobre eles. (DTVC, 1994, p. 91).

Segundo período:

Padres dos séculos IV-VI – Neste período propõe-se uma pergunta fundamental: Os carismas extraordinários são dons reservados à igreja primitiva ou pertencem à história de todos os tempos? Para os Padres deste período, onde está o Espírito aí estão também seus carismas. Por conseguinte, partindo destas considerações da presença e atividade do Espírito na Igreja, sua resposta é que os carismas são perenes porque a presença do Espírito na Igreja também é perene. Acrescentam outras listas às listar paulinas: o carisma da interpretação na escritura, o do exorcismo, do matrimônio, do jejum, da virgindade perpétua, da misericórdia. Nossa informação vem de Cirilo de Jerusalém (313-387); de Basílio de Cesaréia (323-379), o primeiro autor de um tratado sobre o Espírito Santo que tem presente os carismas e sua distribuição; de Gregório Nazianzeno (330-390); de São João Crisóstomo (344-407). Somente este último se propõe amargamente o problema da falta de carismas no seu tempo e trata de dar explicação afirmando que, dada maturidade da igreja, já não são estritamente e necessários como nos primeiros séculos. Sua posição será muitas vezes citada por vários autores de autoridade indiscutível. (DTVC, 1994, p.91).

---

<sup>2</sup> “Os Padres da Igreja são todos aqueles homens que contribuíram de modo determinante para construir o edifício doutrinário do cristianismo, que a Igreja acolheu e sancionou”. (REALE, 1990, p. 400).

Esta posição de São João Crisóstomo influenciará o período seguinte e permanecerá até a Idade Média quando no século XIII São Tomás de Aquino retomará a questão sob discussão teológica.

Terceiro período:

Entre os Padres latinos recordemos Hilário de Poitiers (+366) João Cassiano, Santo Agostinho, que sublinha várias vezes a raridade dos carismas, ao passo que Gregório Magno (540-604), ainda que creia em sua existência sob diversas formas da igreja de seu tempo, sustenta que eram, antes, reservados à igreja primitiva, e insiste em afirmar que os milagres espirituais são superiores aos milagres materiais de outros tempos. Na realidade, depois de Santo Agostinho, os Padres latinos se referirão à doutrina de Crisóstomo sobre a cessação dos carismas, apoiando-se nas suas mesmas razões, enquanto a posição de Agostinho, para quem a santidade da igreja já ocupa o lugar dos antigos carismas. (DTVC, 1994, p. 91).

Na Idade Média, a palavra carisma, reaparecerá em seus movimentos espirituais<sup>3</sup> entre os seguidores de Bernardo de Claraval, Francisco de Assis, Joaquim de Fiore. Durante séculos um dos raros lugares em que se tratava dessa palavra era na tradição dominicana, proveniente de São Tomás de Aquino. Carisma. [s.d.s.n.]. Disponível em: <http://www.capuchinhosprsc.org.br>. Acesso em: 12/10/2012.

Os historiadores, falando em carisma e São Tomás de Aquino observam:

O grande teólogo desta época, São Tomás de Aquino, explica que são sinais da credibilidade da igreja; é lícito pensar, por isso, que a podem acompanhar no curso de sua história. Especifica que a graça *grátis data* é *potius ad iustificationem alterius cooperatur*, distinguindo, por uma parte, a graça *gratum faciens* - o dom pessoal e exclusivo que santifica a pessoa destinatária do dito dom - e, por outra, a graça *grátis data*, que não se distingue daquela por sua gratuidade, mas pela utilidade específica de edificação geral do corpo místico. Os carismas, para Tomás, são sinais da credibilidade da Igreja. Podem acompanhá-la ao longo de sua história, sobretudo o sinal da profecia. Da mesma opinião é João Gerson<sup>4</sup>, o qual,

<sup>3</sup> Movimentos espirituais na Idade Média- Durante a Idade Média, a Igreja Católica experimentou seu momento de maior poder e expressão na sociedade. Toda a vida civil estava regulada pelas observações religiosas. As estações do ano agrícola, as reuniões das assembléias consultivas, o calendário anual eram marcados pelas atividades religiosas. Ao longo de todo o período medieval a Igreja contou com diversos movimentos que tentaram reformar a Instituição nascidos no seio da própria Igreja. A Igreja enfrentou também grande número de guerras, movidas por reis, príncipes e senhores feudais, muitas vezes com o apoio da população, que lutavam contra o abusivo poder dos papas. Entretanto a Igreja saiu vitoriosa na maioria das vezes, mantendo sua unidade, até meados do século XVI, quando ocorreu o movimento da Reforma Protestante. Movimentos/Idade/Média. Disponível em: <http://www.casadehistoria.com.br/book/export/html/75>. Acesso em 12/10/2012.

<sup>4</sup> João Gerson- Teólogo conciliativo do século XIV, defensor da paz e dos direitos civis entrou em controvérsia com o papado de sua época. (REALE, 1990, p.639)

citando Isaías, afirma que a mão do Espírito não se retirou e ainda hoje pode fazer as mesmas coisas, e ainda maiores, do que nos tempos antigos. (DTVC, 1999, p. 91).

E ainda, nas palavras de um dominicano da atualidade:

Santo Tomás aborda e estuda os carismas sob o nome de “graças grátis dadas”, que se distinguem assim das graças santificantes, seja a graça habitual sejam as graças atuais. As graças grátis dadas são ajudas que vêm do Espírito Santo, não diretamente para o bem de quem as recebe, mas para o proveito dos outros, especialmente da comunidade.

O mestre estuda ampla e cuidadosamente os carismas, nas questões 171-178 da II-II, dividindo-os em carismas que aperfeiçoam o conhecimento: as questões 171-175; a comunicação ou a palavra: questões 176-177; e a ação ou a influência benéfica sobre outrem: questão 178. Vê-se o destaque dado aos carismas que enriquecem e tornam mais eficaz a palavra, com um grande relevo dado à Profecia, a que se consagram cinco questões. Semelhante importância dada à profecia segue o ensino do Apóstolo Paulo. Paulo, que é para mestre Tomás o Apóstolo por excelência, como Aristóteles é o Filósofo por antonomásia, se apresenta, fala e age como o homem da Palavra e do Espírito. E tem o mesmo a plena consciência de ser como um “possuído do Espírito”, pois “só é de Cristo quem age movido pelo Espírito” (Rm 8,11). Ele testemunha que o Espírito não só é o único que “nos ensina a rezar”, mas Ele mesmo intercede em nós com gemidos que a palavra alguma pode interpretar” (Rm 8, 20). Por outro lado, sua pregação apostólica é a “Palavra na força do Espírito” (1 Cor 2,1-5). Paulo nos dá o ensino definitivo sobre os dons e carismas do Espírito. Ele se baseia na experiência vivida, sua e das comunidades. E profere uma Palavra consciente de se enraizar nessa experiência quente de Pentecostes e na corrente tranquila de uma tradição que vem dos profetas e do próprio Senhor Jesus Cristo. Tomás de Aquino terá a grande missão de ser o intérprete lúcido e fiel de Paulo, tornando-se o doutor dos dons e do Dom do Espírito.

Essas grandes certezas evangélicas, proclamadas com clareza e vigor pelo Apóstolo, inspiram e animam a teologia dos carismas, carinhosa e minuciosamente elaborada por Mestre Tomás de Aquino. Não é a primeira vez que encontramos essa linda e longa seção que coroa a Segunda Parte da *Suma Teológica*. (II-II, 171-178).

O estudo dos carismas não vem apresentado na perspectiva do proveito e satisfação da pessoa, mas em plano comunitário. Liga-se à reflexão sobre formas de vida ativa e contemplativa e à diversidade dos ofícios e estados de vida. O que se visa diretamente é ao bem comum, que merece tanto mais o qualificativo de “divino” quanto se mira à obtenção dos próprios objetivos da Igreja. Tomás distingue e ordena o conjunto dos carismas e define cada um deles olhando sempre para o bem da comunidade, o aperfeiçoamento espiritual das pessoas só é encarado indiretamente, enquanto decorre do melhor serviço prestado aos outros mediante essas graças (“grátis dadas” ou carismas), que não são de si santificantes. (JOSAPHAT, 1998, p. 232-233 -309).

Depois de São Tomás a discussão teológica sobre o conceito de carisma só voltará durante o Concílio de Trento,<sup>5</sup> no século XVI. Agora com base no tomismo

---

<sup>5</sup> CONCÍLIO DE TRENTO: O Concílio de Trento foi convocado pelo Papa Paulo III, a fim de estreitar a união da Igreja e reprimir os abusos, isso em 1546, na cidade de Trento, no Tirol italiano. No Concílio

a teologia amplia o conceito dos carismas para além dos limites da igreja primitiva. Define-os como dons excepcionais e extraordinários que Deus concede a alguns cristãos não para o seu bem pessoal, e sim para o bem de toda a igreja. (DTVC, 1994, 91).

Contudo, a partir daí, o carisma dominicano com a referência a São Tomás, os posicionamentos se diversificam e as contendas se fundamentam na questão do carisma como dons permanentes na Igreja ao longo da história ou como dons que, “nos inícios da igreja foram numerosos, posteriormente diminuiram e podem desaparecer completamente”. (DTVC 1994 p.92). Essa controvérsia durará até o século XVIII quando novamente em algumas encíclicas papais a temática se reacende.

Alguns pontífices referem-se de forma geral à ação do Espírito Santo quando tratam mais diretamente o tema da fundação dos institutos religiosos: Pio VI na carta *Quod aliquantum* (10 de março de 1791), Pio VII na constituição apostólica *Ad cathedram apostolorum principis* (24 de maio de 1807) e Pio IX na encíclica *Ubiprimum arcano* (17 de junho de 1847). Pouco antes do Vaticano I<sup>6</sup> havia a respeito do carisma a seguinte opinião: são dons somente extraordinários, vistosos e transitórios, oferecidos principalmente à igreja das origens e comunicados mediante a imposição das mãos dos apóstolos. De fato, durante este concílio considerou-se carisma, sobretudo o da verdade e da fé, prerrogativa da infalibilidade do pontífice. (DTVC, 1994 pag. 92).

---

tridentino os teólogos mais famosos da época elaboraram os decretos, que depois foram discutidos pelos bispos em sessões privadas. Interrompido várias vezes, o concílio durou 18 anos e seu trabalho somente terminou em 1562, quando suas decisões foram solenemente promulgadas em sessão pública.

Todo o corpo das doutrinas católicas havia sido discutido à luz das críticas dos protestantes. O Concílio de Trento condenou a doutrina protestante da justificação pela fé, proibiu a intervenção dos príncipes nos negócios eclesiásticos e a acumulação de benefícios. Definiu o pecado original e declarou, como texto bíblico autêntico, a tradução de São Jerônimo, denominada "Vulgata". Manteve os sete sacramentos, o celibato clerical e a indissolubilidade do matrimônio, o culto dos santos e das relíquias, a doutrina do purgatório e as indulgências e recomendou a criação de escolas para a preparação dos que quisessem ingressar no clero, denominadas seminários.

No Concílio de Trento, ao contrário dos anteriores, ficou estabelecida a supremacia dos Papas. Assim é que foi pedido a Pio IV que ratificasse as suas decisões.

Os primeiros países que aceitaram, incondicionalmente, as resoluções tridentinas foram Portugal, Espanha, Polônia e os Estados italianos. A França, agitada pelas lutas entre católicos e protestantes, demorou mais de meio século para aceitar oficialmente as normas e dogmas estatuídos pelo concílio, sendo mesmo o último país europeu a fazê-lo. Concílio de Trento. Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br>. Acesso em 15/09/2012.

<sup>6</sup> Concílio Vaticano I-Vigésimo concílio ecumênico, reunido na Basílica de S. Pedro, no Vaticano, entre 1869 e 1870, convocado pelo papa Pio IX. Teve que encerrar os trabalhos por força da ocupação de Roma pelas tropas de Garibaldi. Ocorreu, ao longo de quatro sessões, tendo iniciado a 8 de dezembro de 1869 e terminado a 18 de julho de 1870. Decorreu numa época de grande conflitualidade entre a Igreja e os estados soberanos europeus, numa época de laicização crescente da Europa e de ataque cerrado das anticlericais ideologias liberais e socialistas à instituição católica, conotada com o Antigo Regime absolutista e feudo-vassálico que o Liberalismo pretendia derrubar. Concílio Vaticano I. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$vaticano](http://www.infopedia.pt/$vaticano). Acesso em: 17/10/2012.

Entretanto, a teologia do magistério tem algum sintoma de sensibilidade para um discurso teológico mais amplo, pouco depois do Vaticano I. Leão XIII em sua encíclica dedicada ao Espírito Sando Divinum illud munus (9 de maio de 1897), fala disso como demonstração da origem divina da igreja e considera os carismas como dons extraordinários oferecidos pela benevolência divina para um necessidade particular, faz uma referência particular aos santos e à ação do Espírito Santo, que os suscita continuamente na igreja (DS 328). Pouco depois, Pio XI trata esse tema na carta apostólica Unigenitus Dei Filius (19 de março de 1924). Pio XII, na encíclica Mystici corporis (29 de junho de 1943), embora continue a considerar os carismas como dons extraordinários e prodigiosos, supera uma concepção reducionista da igreja e promove, ainda que influenciado pelos novos movimentos do pensamento eclesial de fins do século XIX, uma eclesiologia na qual os carismas começam a ser considerados, a partir do interior da igreja-comunhão, no ministério do corpo místico de Cristo, com grande equilíbrio entre dimensão hierárquica e carismática da Igreja. (DTVC, 1994 p. 92).

Neste contexto acontecem João XXIII (1958) e o Concílio Vaticano II (1962–1965)<sup>7</sup>

Correspondente ao Vaticano II a glória de ter restituído ao termo carisma seu significado primitivo: mais pleno não limitado unicamente a compreender os fatos extraordinários, mas também os mais simples comuns (LG 4; 12; AA 3; AG 28). Lexicamente o vocábulo aparece 14 vezes nos textos conciliares, e quase outra centena se referem de algum modo a esses textos. (DTVC, 1994 p. 93).

O texto da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* é explícito e claro:

Não é apenas através dos sacramentos e dos ministérios que o Espírito Santo santifica e conduz Povo de Deus e o orna de virtude, mas, repartindo seus dons “a cada um como lhe apraz” (1 Cor 12, 11), distribui entre os fiéis de qualquer classe mesmo graças especiais. Por elas os torna aptos e prontos a tomarem sobre si vários trabalhos e ofícios, que contribuem para renovação e maior incremento da Igreja, segundo estas palavras: “A cada um é dada a manifestação do Espírito para utilidade comum” (1 Cor 12,7).

<sup>7</sup> Concílio vaticano II - Foi uma série de conferências realizadas entre 1962 e 1965, consideradas o grande evento da Igreja Católica no século 20. Com o objetivo de modernizar a Igreja e atrair os cristãos afastados da religião, o papa João XXIII convidou bispos de todo o mundo para diversos encontros, debates e votações no Vaticano. Da pauta dessas discussões constavam temas como os rituais da missa, os deveres de cada padre, a liberdade religiosa e a relação da Igreja com os fiéis e os costumes da época. "O Concílio tocou em temas delicados, que mudaram a compreensão da Igreja sobre sua presença no mundo moderno. Foram repensadas, por exemplo, as relações com as outras igrejas cristãs, o judaísmo e crenças não-cristãs", diz o teólogo Pedro Vasconcelos, da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Após três anos de encontros, as autoridades católicas promulgaram 16 documentos como resultado do Concílio. Muitas novidades apareceram nas questões teológicas e na hierarquia da Igreja. O papa, por exemplo, aceitou dividir parte de seu poder com outros cardeais. E as missas passaram a ser rezadas na língua de cada país - antes eram celebradas sempre em latim. Na questão dos costumes, porém, o encontro foi pouco liberal. A Igreja continuou condenando o sexo antes do casamento e defendendo o celibato para os padres. Roberto Navarro. Disponível em: <http://.abril.com.br/materia/o-que-foi-o-concilio-vaticano-ii>. Acesso em: 18/10/2012.

Estes carismas, que eminentes, quer mais simples e mais amplamente difundidos, devem ser recebidos com gratidão e consolação, pois que são perfeitamente acomodados e úteis às necessidades da Igreja. Os dons extraordinários, todavia, não devem ser temerariamente pedidos, nem deles devem presunçosamente ser esperados frutos de obras apostólicas. O juízo sobre sua autenticidade e seu ordenado exercício compete aos que governam a Igreja. A eles em especial cabe não extinguir o Espírito, mas provar as coisas e ficar com o que é bom (cf.1 Tess 5, 12 e 19, 21). (KLOPPENBURG, 2000, p.53).

Do ponto de vista dos historiadores do pensamento católico das últimas décadas, o Concílio Vaticano II foi o fato mais importante para o encontro daquelas vertentes do pensamento teológico que haviam enfrentado com seriedade e compromisso a leitura dos “sinais dos tempos”, buscando compreender as novas “realidades terrenas” apresentadas pelo mundo contemporâneo a luz da Revelação e da Fé. Nessa, perspectiva o Concílio Vaticano II

deu a conhecer o mais amplo mundo Católico a existência de diversos aguerridos e cultíssimos teólogos que, tendo abandonado o anterior (especialmente o do século XIX e do início do século XX) comportamento apologético e agressivo (típico de quem deve se defender por estar sendo atacado por todos os lados), por um lado tinham a oferecer elaboradas perceptivas teológicas sobre o mundo do trabalho, sobre o progresso e a justiça social, análises e avaliações críticas das modernas formas de opressão dos povos, ideias sobre a colaboração internacional, sobre a família, sobre a educação, sobre a vida sexual, etc., e por outro lado, haviam recusado pela raiz, percorrendo caminhos por vezes diversos, mas frequentemente convergentes, os fundamentos da teologia, as relações entre fé e teologia, entre fé e ciência, entre fé e política e ainda entre católicos e outras confissões cristãs e entre católicos e ateus, bem como a questão antropológica”. (REALE, 1991, p.749-750).

Entre esses teólogos dois dominicanos chamam a atenção dos historiadores:

“Marie – Dominique Chenu<sup>8</sup> - que, além de seus estudos sobre a história da teologia medieval e de suas pesquisas teóricas sobre a natureza da teologia, também ficou conhecido por sua teologia das realidades terrenas; Yves Congar<sup>9</sup> o dominicano francês que enfrentou a questão da relação entre cristianismo e mundo atual, contribuindo para a construção de uma teologia do ecumenismo”. (REALE, 1991, p. 750).

---

<sup>8</sup> Marie-Dominique Chenu, op-teólogo francês com grande influência no Concílio Vaticano II. CHENU. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Marie-Dominique\\_Chenu](http://pt.wikipedia.org/wiki/Marie-Dominique_Chenu). Acesso em: 20/11/2012.

<sup>9</sup> Yves M. J. Congar (1904-1995), dominicano, teólogo.

Voltando a teologia do carisma pós Vaticano II é fundamental indicar o teólogo alemão Karl Rahner.<sup>10</sup>

Foi sem dúvida, K. Rahner o teólogo que mais influenciou, no século XX, para a reabilitação dos carismas, favorecendo com isso uma atenção mais proveitosa para teologia e para a visão renovada – misteriosa e sacramental – da igreja. (DTVC, 1994 p. 93).

Depois do concílio verifica-se desenvolvimento extraordinário, delineando-se uma doutrina eclesiológica e pneumatológica mais madura. Inicia-se a recomposição de uma parábola, dinâmica e equilibrada, de reavaliação dos carismas e do que comportam. Isso não só porque o termo aparece explicitamente citado nos documentos oficiais, mas também devido à nova e veraz reavaliação das dimensões carismáticas da igreja.

A tese de K. Rahner é muito explícita neste ponto: o elemento carismático não se situa à margem da igreja, mas pertence, necessariamente, à sua essência como os ministérios e os sacramentos. A única diferença estriba-se no fato de o carisma, que pertence à ação livre e imprevisível do Espírito, emergir na história de forma sempre nova e, conseqüentemente, toda a igreja deve acolhê-los também de maneira nova. Incumbe ao ministério hierárquico, em particular, o dever de examinar e cultivar estes dons de Espírito Santo, de acordo com a identidade original para a qual foram dados no seio do povo de Deus. (DTVC, 1994, p. 93).

Nessa nova perspectiva de Vaticano II e Karl Rahner abrem-se outras possibilidades de se pensar o carisma na atualidade seja do ponto de vista teológico, seja do ponto de vista sociológico.

O carisma, nestas polêmicas, em virtude do seu caráter de não ser organizado, esteve em geral na posição do mais fraco. Uma “oficialização” crescente da Igreja foi o resultado. Contudo, as variadas novas erupções do carisma não se deixam abafar inteira e duradouramente. As ordens e congregações religiosas representam a tentativa de se implantar nos quadros da própria Igreja o elemento carismático, ainda que também a este respeito tenham existido sem cessar tentativas de institucionalizar as novas erupções do Espírito, tolhendo-lhes assim o ímpeto reformador. (DEFT, 1993 p.63).

Será, pois, com base nestas duas vertentes teóricas, o conceito sociológico de carisma em Weber e o estudo histórico e teológico do conceito de carisma na tradição do pensamento católico que prosseguirá nosso trabalho de correlacionar o carisma dominicano/anastasioano com o processo educativo que acontece há mais de 60 anos no Colégio Externato São José.

---

<sup>10</sup> Karl Rahner – 1904 - “é certamente o teólogo católico hoje mais conhecido. Para ele, a obra do teólogo consiste na interpretação da revelação mediante conceitos filosóficos. E, embora aprecie as concepções e tentativas da filosofia moderna que levam a estruturar o próprio sistema de modo novo e original e a superar todo o formalismo estereotipado e todo verbalismo, ele assume como válida para seu trabalho teológico a filosofia de Santo Tomás, desenvolvendo-a, porém, em sentido antropocêntrico. (REALE, 1991 p. 751).

### 3 CARISMÁTICOS DOMINICANOS

No primeiro capítulo foi aprofundado o significado do termo Carisma, na busca de subsídios para o estudo do tema aqui pesquisado- Carisma Dominicano. No segundo, a retrospectiva histórica será pautada em nomes que abarcam a liderança carismática dominicana, desde a fundação da Ordem dos Dominicanos, perpassando pela fundação da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Rosário de Monteils até a sua vinda para o Brasil.

Portanto, a intenção desse capítulo é apresentar os projetos de vida de São Domingos de Gusmão (1170-1221), fundador da Ordem dos Pregadores, também chamados de frades dominicanos e de Madre Anastasie (1833-1878) fundadora da Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils<sup>11</sup>.

Para tanto o capítulo está assim sequenciado: São Domingos de Gusmão e a Ordem dos Pregadores; Madre Anastasie e a Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils.

Contudo, para um melhor entendimento histórico-sociológico e religioso desses projetos em seus sentidos carismáticos, na continuidade das reflexões feitas no primeiro capítulo faz-se necessário diferenciar o conteúdo institucional e visível desses carismas que se tornaram fundações ou institutos e ainda ordens e congregações no seio da igreja daquele mais interior que só pode ser percebido como efeito e presença da ação do Espírito naquelas almas que progredem tanto no cotidiano como no representativo no percurso do trabalho incansável de construção do Reino.

Sobre isso a literatura dominicana é rica e esclarecedora. O teólogo Fr. M.D.Chenu, sabiamente nos ensina, ilumina e também provoca. E ainda, considerando os fins desse trabalho sintetiza o que já foi dito até aqui sobre carisma. Traça também uma metodologia de como esses carismas, originalmente pessoais devem ser estudados como fatos importantes da história e na história da igreja em seu sentido comunitário e totalizado de povo de Deus.

---

<sup>11</sup> Localização Monteils: País França, Região Médios Pirenéus, Departamento Aveyron

Primeiramente, os carismas não se exercem como aplicações de um corpo de leis preestabelecidas, às quais nos submetemos por obediência. Os carismas comportam uma iniciativa, uma inspiração, uma descoberta, uma novidade que o legislador não havia previsto. Eles não emanam assim da autoridade, mas de um instinto – o instinto do Espírito Santo - que discerne as novas necessidades e as aspirações da existência cristã num mundo em mutação. Em consequência – e esta é a característica mais importante – os carismas são provocados e produzidos por e em uma conjuntura que os condiciona e justifica, na sua gênese e estrutura, conferindo-lhe deste modo uma originalidade imprevista, no curso da gestão comum. (CHENU, 1981, p. 19).

Com esta perspectiva entremos então na história de São Domingos de Gusmão.

### 3.1 SÃO DOMINGOS E A ORDEM DOS PREGADORES

O contexto histórico no qual habitam os fundadores da ordem dominicana é historicamente denominado Baixa Idade Média, que vai do século XI (1066) ao século XV (1453). É o último período medieval, que pode também ser considerado como a aurora da Modernidade ou Idade Moderna, que, por sua vez, vai do século XV (1453) ao século XVIII (1789). Tais datas foram escolhidas por grande parte dos historiadores para delimitar o início e o fim desses períodos pelo fato de que foram nelas que se deram acontecimentos de rupturas históricas muito importantes.

O sistema feudal começou a partir do momento em que vários proprietários romanos de grandes extensões rurais (posteriormente denominadas feudos), devido aos riscos e perigos de invasões promovidas pelos povos bárbaros, bem como de guerras civis, nas várias cidades e aldeias das províncias romanas, tomaram a iniciativa de se recolherem às suas propriedades, construindo fortificações (castelos) nos quais poderiam se abrigar, tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz, contratando mercenários (soldados) para os protegerem e arrendando lotes de terra para trabalhadores livres (servos) que, geralmente, não dispunham de outra forma de sobreviver a não ser oferecendo trabalho nas terras do proprietário em troca de um pouco de comida e de proteção. Era o início de uma nova forma de organização econômica que perduraria por um longo tempo e que só começaria a perder força na Baixa Idade Média.

A sociedade feudal era marcada profundamente pela desigualdade. As relações sociais entre senhores, vassallos e servos eram baseadas na dominação dos primeiros em relação aos segundos e na consequente subordinação destes

àqueles; tais tipos de relações podem ser denominadas como relações servis. Havia, portanto, entre os senhores, relações recíprocas, como as relações de suserania e de vassalagem, denominadas, como relações senhoriais ou vassálicas, relações essas que giravam em torno dos direitos e dos deveres tanto daquele que doava o feudo (suserano) quanto daquele que o recebia (vassalo). Entre os servos, havia também relações recíprocas, denominadas relações comunitárias, que giravam em torno das trocas de produtos agrícolas e de serviços artesanais e/ou comerciais.

O modelo econômico feudal era espoliador, uma vez que os servos tinham uma enorme e pesada carga tributária e, além disso, tinham uma série de serviços a serem prestados para os senhores. Assim, não havia estímulo para o aumento da produção por parte dos servos, pois, quanto mais produziam, mais tinham de contribuir. Isso desembocou num quadro de produção estática e num desenvolvimento técnico quase nulo. A técnica que merece destaque no período medieval é a agricultura rotativa, que consistia em dividir os campos para o cultivo num plano bienal ou trienal, o que prolongava a fertilidade do solo. Contudo, isso se esgotou por força de movimentos migratórios da população pobre que, com fome e sem condições de trabalho, buscassem outras paragens.

No plano social, o êxodo rural faria com que a população urbana crescesse desordenadamente, o que não era acompanhado por modificações infra-estruturais por parte das cidades feitas no sentido de acomodar adequadamente o contingente populacional vindo dos feudos, o que acarretava uma situação extremamente caótica nas cidades, que mal conseguiam satisfazer, por exemplo, as condições de saneamento básico tão necessárias a uma vida urbana mais higiênica e, portanto, mais saudável; isso tornava propícias as condições de proliferação de doenças e de epidemias como, por exemplo, a famosa peste negra, responsável pela dizimação de, aproximadamente, um terço da população europeia, o que fez dela uma verdadeira pandemia. Além disso, as guerras ocorridas na Baixa Idade Média – dentre as quais se destaca a Guerra dos Cem Anos – contribuíam largamente para o agravamento dos quadros de pobreza, de miséria, de fome e de peste.

No plano político, começam a acirrar-se os choques entre o poder nobiliárquico de origem secular e o poder eclesiástico de origem religiosa, isto é, inicia-se o questionamento com mais afinco sobre qual dos dois poderes teria preponderância, questionamento esse que se concretizava nas disputas pela

hegemonia política entre papas e bispos de um lado, representando o poder da Igreja e, do outro lado, senhores feudais, reis e imperadores, representando o poder do Estado; tais disputas também giravam em torno da separação ou da junção dos poderes estatais ou eclesiásticos, isto é, se deveria ou não haver interferência mútua entre os negócios da Igreja e os do Estado.

A Igreja Católica era a maior proprietária das terras cultiváveis da Europa Medieval. Em âmbito social, os clérigos detinham o controle da vida dos indivíduos, tanto nobres quanto plebeus. Em âmbito cultural, as artes giravam em torno da religiosidade que a Igreja Católica queria que fosse apresentada, razão pela qual a arte medieval é tão rica, abundante e profundamente marcada pelo Cristianismo. Em âmbito intelectual, o pensamento científico e filosófico era regulado pelo pensamento defendido pela Igreja Católica, o que fazia com que a ciência e a filosofia ficassem atreladas ao pensamento cristão católico, cuja base eram as Sagradas Escrituras (Bíblia), a Tradição Católica e o Magistério Eclesiástico. Desse modo, se alguma teoria científica ou filosófica fosse contra algum aspecto apoiado pelo pensamento eclesiástico, isso já era razão suficiente para a condenação tanto da referida teoria quanto dos seus defensores ou simplesmente simpatizantes.

Eram tempos difíceis, tanto para os senhores feudais como para a igreja. Grandes transformações estavam a caminho.

Na literatura dominicana, no relato de suas origens, isso é assim explicado.

Na vertente do século XII para o século XIII, a cristandade medieval que parecia ter chegado ao apogeu, começou a passar por transformações que a puseram em questão.

Fora de seus limites geográficos, ao sul, os muçulmanos contra os quais se organizaram inutilmente as cruzadas, continuavam montando o cerco à Europa cristã. A leste ameaçavam-na os Tártaros, com o poderio e a vitalidade humana do continente asiático, até então desconhecido. A cristandade que, moldada nas formas geográficas e culturais, do império romano, acreditava descobrir a humanidade, e que o universo existia com seus imensos recursos profanos.

No seu interior, nas cidades e nas escolas surgia uma sociedade nova que aspirava a um teor de vida diferente daquele que lhe apresentavam o feudalismo e a igreja. O movimento comunal se levantava contra os senhores leigos e eclesiásticos, a velha nobreza agrária e sacerdotal, reivindicando-lhes, vigorosamente, liberdade econômica e política. As instituições que até então tinham sido válidas, se revelaram agora ineficazes e inoperantes. O comércio conhecia um grande desenvolvimento e povoava os caminhos da Europa de caravanas, gerando um novo tipo de riqueza, cujo símbolo não era mais a terra, porém, o dinheiro.

Quanto à igreja, achava-se cativa do mundo que ela mesma criara, com tanta energia e tenacidade. Seus compromissos feudais dificultavam-lhe a lucidez tornando-a uma força conservadora. Ainda mais que, no campo

especificamente religioso, enfrentava dificuldades as mais graves, pois seu poder era contestado, em nome do próprio Evangelho.

Mostra-nos a história que, periodicamente, a igreja é como que sacudida por uma vibração evangélica que repercute em todo o seu corpo. Dir-se-ia que o vírus do Evangelho, escondido no interior de seu imenso organismo, sobe-lhe violentamente à consciência, numa ânsia de mudança e renovação. Desperta-se a “memória perigosa” da igreja que se lembra de suas origens e empreende uma volta à verdade e o fervor do Evangelho: sua fonte primeira de inspiração e norma definitiva de sua práxis. São os maiores momentos de sua história, apesar da turbulência que provocam. (ROCHA, 1981, p. 28-29).

E aprofundando e detalhando mais ainda a circunstância histórica sob as quais São Domingos cria a Ordem dos Pregadores, continua Frei Mateus Rocha.

Foi nesse contexto sócio-religioso que nasceram as duas primeiras ordens mendicantes: franciscanos e dominicanos. Eram uma resposta aos desafios à igreja daquela época. A volta ao Evangelho, a imitação dos Apóstolos como então se dizia, meditava e vivida por homens novos, num clima europeu de Inocêncio III<sup>12</sup>, procurava novos caminhos, suscitou ideias novas e instituições novas. E seu evangelismo não foi vivido em si mesmo, como algo à parte, mas em relação com o mundo que os viu nascer e que eles, por sua vez, ajudaram a moldar.

Os primeiros mendicantes foram homens que viveram profundamente os problemas de sua época e abraçaram seus ideais. Assim é que, para citar apenas alguns exemplos, substituíram a ideia de Cruzada contra infiéis pela de Missão. Foram grandes missionários. São Francisco chegou a pregar ao sultão do Egito. São Domingos acalentará a vida inteira o sonho de evangelizar os Cumanos. Seus discípulos partirão mais tarde para os quatro cantos do mundo, não como lobos, porém como cordeiros. Participaram do movimento comunal ajudando várias cidades a conquistar sua alforria e a se organizar segundo os princípios de suas próprias instituições. As universidades que então nasciam e onde se lançavam os fundamentos do pensamento europeu, contaram com sua presença ativa e corajosa. Haja vista o que fizeram para recuperar o aristotelismo que invadia as escolas, através dos árabes. E às aspirações dos leigos a uma vida cristã mais perfeita deram uma resposta inédita, com a fundação das Ordens Terceiras.

---

<sup>12</sup> Papa Inocêncio III (Anagni, Itália, 1160 ou 1161 — 16 de Julho de 1216 na Perugia) foi papa de 8 de janeiro de 1198 até sua morte. Ele nasceu com o nome *Lottario dei Conti di Segni*, por vezes escrito apenas como Lotário de Segni. Nascido em uma notável família nobre italiana, com grande influência na Igreja, inicialmente teve uma formação educacional requintada e logo ocupou vários cargos eclesiásticos na Cúria Romana. Eleito papa em 1198, Inocêncio convocou o IV Concílio de Latrão, o mais fundamental concílio da Idade Média, que teve grande importância em diversos campos teológicos. Desempenhou um papel importante na política da França, Suécia, Bulgária, Espanha, e especialmente na Inglaterra. Foi contemporâneo de São Francisco de Assis e é muito conhecido por ter aprovado sua recente ordem religiosa. No entanto ele é mais lembrado possivelmente pelas suas fortes afirmações em defesa do primado papal, tendo continuado as medidas disciplinares conhecidas como Reforma Gregoriana, iniciada no século XI, bem como sua importante participação em questões seculares, que o levou a reposição dos direitos papais no Sacro Império Romano-Germânico. Assim como por ter convocado a Cruzada Albigense e a Quarta Cruzada ao Oriente, assim como uma Quinta Cruzada que não chegou a assistir. O papa, ao ver a Quarta Cruzada ser desviada para Constantinopla e apesar de ter castigado os cruzados que atacaram cidades cristãs, manteve sua presença neste local, porque sentia, erroneamente, julgava que ela traria uma reconciliação entre a Igreja Ortodoxa e a Igreja Católica. Papa Inocêncio II. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki>. Acesso em 10/01.2013.

Referindo-se aos Dominicanos, escrevia P.Mandonnet: “A fundação da Ordem dos frades pregadores se acha intimamente ligada às necessidades gerais que se faziam sentir na cristandade do início do século XIII. Levando a vida religiosa a dar um novo passo, a igreja romana decidiu utilizá-la para a solução dos problemas urgentes que então se colocavam. Nem os monges voltados anteriormente à sua santificação pessoal pelo trabalho da terra e pelo ofício divino nos mosteiros aos quais se prendiam por um voto de estabilidade, nem os cônegos regulares cuja instituição era por demais próxima do regime monástico, podiam ser utilizados para um ministério que reclamava, antes de tudo, uma milícia eclesiástica letrada e imersa na vida social do tempo. Os pregadores com sua vocação e sua pregação novas, responderam às necessidades de uma idade nova”. (ROCHA, 1981, p.32-33).

Esse foi o mundo experienciado e experimentado por Domingos de Gusmão (1170-1221), Tomás de Aquino (1221-1274) e um século depois Catarina de Sena (1347-1380). São três dominicanos que compreenderam e enfrentaram com fé, tenacidade e coragem os “sinais dos tempos. Cada um, com suas peculiaridades pessoais, passou à história de diferentes formas, mas todos com o mesmo Espírito como diria São Paulo. Iniciando com São Domingos que foi significado pelos outros dois, guiaram-se e valorizavam o que graça e o mundo apresentavam como necessidade eminente para a construção do Reino e que hoje, após o Vaticano II podemos chamar sem dúvida, conforme estudamos anteriormente, de carisma.

Nas palavras dos dominicanos Frei Chenu e Frei Mateus, a origem do carisma dominicano, assim se explica:

A reviravolta estratégica punha em ação o discernimento das condições necessárias para que o Evangelho fosse ouvido, nas conjunturas em que o reformismo moral e autoritário praticado pelos cistercienses<sup>13</sup> não podia satisfazer. Também não bastava formar, dentro do clero, funcionários regulares, nem reprimir as faltas morais dos fiéis. A palavra de ordem era outra: anunciar a Boa Nova aos pobres.

Alguns meses depois, o papa, evidentemente cúmplice, ratificava a iniciativa e as decisões: “Nós mandamos e prescrevemos à tua discreção, escrevia ele a seu legado, escolher homens de virtude provada, aptos a um ministério que imite a pobreza do Cristo e que, numa atitude humilde, mas

---

<sup>13</sup> Cistercienses são membros de uma ordem religiosa católica romana fundada em 1098 por São Roberto, abade de Molesme. Ele e um punhado de monges deixou a abadia beneditina de Molesme para uma área isolada chamado Cister, não muito longe de Dijon, na Borgonha, onde começaram uma vida monástica austera. De Cister outros mosteiros foram fundados. Em 1112 ou 1113, São Bernardo de Claraval entrou Cister. Desde o início, os cistercienses salientaram a observância literal da Regra de São Bento, a retirada de embaraços feudais e de responsabilidade, e um retorno à simplicidade e austeridade dos monges do deserto iniciais. Os Cistercienses vestiam hábitos brancos com um escapulário preto. Durante a Idade Média, eram chamados os monges brancos. Um grupo reformada de Cister foi iniciada no século 17, eles são conhecidos como Os monges trapistas originais cistercienses são chamados Cistercienses dos Comuns Respeito. Muitos mosteiros dos Comuns Respeito foram reprimidos durante a Revolução Francesa. No século 20, a ordem passou por uma renovação da vitalidade. Cistercienses Disponível em: <http://www.mb-soft.com/believe/ttom/cisterc.htm>. Acesso em:10/01/2013.

com o ardor do Espírito, não tenham medo de ir ao encontro dos pobres. Ordena-lhes que dialoguem com os hereges, a fim de libertá-los do erro, pelo duplo testemunho do exemplo e da palavra”. Aqui se acha expresso o carisma de Domingos. (CHENU, 1981, p. 24-25).

Seja como for, a visão crítica da realidade que exigia uma ruptura com o passado e uma procura de caminhos novos, provocou gestos de audácia evangélica, e levou São Domingos a fundar a Ordem.

A meu ver, este é o acontecimento que mais definitivamente marcou nossas origens. Temos também aqui os elementos fundamentais do espírito dominicano: visão crítica da realidade e participação nos movimentos da história, procura de caminhos novos que exigia ruptura com o passado e audácia evangélica que inventa o futuro. (ROCHA, 1981, p. 32).

Enfim quem foram Domingos de Gusmão, Tomás de Aquino e Catarina de Sena?

### 3.1.1 São Domingos de Gusmão

Em 1170 nasce São Domingos de Gusmão em Caleruega, Espanha. Recebeu o nome Domingos, devido a uma devoção que sua mãe tinha com São Domingos de Silos<sup>14</sup>, do qual um dia teve uma aparição, comunicando-lhe os planos divinos em referência ao recém-nascido. (POINSENET, 1986, p. 10).

Durante o tempo dos estudos em Valência, isto é, durante seis anos, dedicou-se à arte retórica, além da filosofia e teologia. Acompanharam-lhe os trabalhos científicos às práticas da piedade, inclusive, severas penitências. Retraído por completo do mundo, visitava somente os pobres e doentes, protegia as viúvas e órfãos. Por ocasião de uma grande fome, vendeu os livros para poder socorrer os necessitados. Certa vez, ofereceu sua própria pessoa para resgatar um jovem que cair a nas mãos dos mouros. São Domingos dedicou-se principalmente às necessidades espirituais do próximo. (POINSENET, 1986, p. 14).

São Domingos contava com vinte e quatro anos e era considerado um dos mais competentes mestres da vida interior. Dom Diego de Asebes, bispo de Osma, conhecendo os brilhantes dotes de São Domingos, convidou-o a incorporar-se ao cabido da diocese, esperando desta aquisição uma reforma salutar do clero. O prelado não se viu iludido nas suas previsões. Domingos em pouco tempo, foi objeto da admiração de todos, como modelo exemplar em todas as virtudes cristãs.

O projeto apostólico de Domingos de Gusmão, ao fundar a Ordem dos Frades Pregadores, constitui um grande momento da história do cristianismo. É uma volta às fontes do Evangelho, sempre gerador de vida e sempre apto a fermentar a nova missão que a história lhe oferece.

---

<sup>14</sup> (Cañas, 1000 - Silos, 1073) beneditino espanhol. Pastor e, em seguida, um eremita. Seus restos mortais são venerados no mosteiro, que tomou o nome de Santo Domingo de Silos. (POINSENET, 1986, p.10).

Para os movimentos libertários da época, que viviam à margem da igreja e na maioria contra ela, viver como apóstolo consistia em andar a pé, dois a dois em grande humildade, sem possuir nada e esperar que lhes oferecessem alimentos. Em suma, era tornar-se mendigo.

Domingos e seus companheiros viveram intensamente os problemas de sua época. Abraçaram os ideais, as lutas e as conquistas, superando-as, entretanto, naquilo em que se desviavam do ideal maior e absoluto do Evangelho. Por exemplo, substituíram a ideia de Cruzadas contra os infiéis pela de Missão. Foram grandes missionários, evangelizando os quatro cantos do mundo. Em 1216, São Domingos de Gusmão obteve do Papa Honório III a confirmação definitiva da Ordem dominicana. Desde então manifestava o seu desejo de ser missionário entre os povos pagãos, especialmente entre os Cumanos da nação pagã das regiões balcânicas, famosos por sua crueldade, tornaram-se a obsessão de São Domingos. Somente a morte, que sobreveio em 1221, o impediu de realizar o seu intento. O ardor missionário dos primeiros tempos era muito forte. Rapidamente a Ordem Dominicana se espalhou por todo o mundo.

Doze anos depois de sua morte foi canonizado e seu culto espalhou-se largamente.

O carisma de Domingos, um dom de Deus para a Igreja, é uno e indivisível: a graça da pregação que se nutre e cresce na contemplação. Este carisma, pela sua grande vitalidade apostólica vai-se revelando sucessivamente ao longo do tempo.

Da fraternidade dominicana brota não só a força evangelizadora, mas também uma mentalidade e um gênero de vida que se refletem nos elementos fundamentais da vida dos integrantes da ordem. Segundo o projeto de fundação de Domingos, a pregação, a contemplação, o estudo e a vida comunitária configuram a identidade do carisma dominicano. E serão os elementos fundamentais da ordem dos dominicanos, o elo que os guiará através dos tempos, para a percepção da dominicanidade nos tempos atuais.

### 3.1.2 São Tomás de Aquino

Depois de aproximadamente quatro anos após a morte de Domingos de Gusmão, nasce Tomás de Aquino, outra liderança carismática dominicana. Sobre a biografia e a produção intelectual de Santo Tomás de Aquino, há que se verificar que tanto a sua vida quanto a sua obra estão intimamente ligadas à sua devoção pessoal em favor do ensino e, sobretudo, em favor

da Igreja. O seu entusiasmo por uma vida consagrada ao magistério eclesiástico era tamanha a ponto de não medir esforços para que a doutrina cristã oficial não se perdesse em meio a tantas heresias que aconteciam na Europa. Em se tratando de discorrer sobre os principais temas presentes no legado filosófico e teológico de Santo Tomás de Aquino, tem-se que os mesmos, direta ou indiretamente, acabam convergindo para a arquiproblematiza de toda a filosofia escolástica, a saber: a questão da fé e da razão. Assim, é do seu pensamento em torno de tal questão que deriva todo o resto de sua filosofia e de sua teologia. (BOEHNER, ETIENNE, 1988, p. 451).

São Tomás de Aquino recebeu a primeira formação intelectual na abadia de Monte Cassino e, mais tarde, estudou lógica e artes liberais na Universidade de Nápoles, de recente fundação. Vencida forte oposição familiar, entrou, aos 18 anos, na ordem mendicante dos frades pregadores ou dominicanos, que o enviaram a Paris e Colônia, onde completou estudos filosóficos e teológicos sob a orientação de Alberto Magno, que sobre ele exerceu profunda e duradora influência. Ordenado sacerdote, regressou em 1252 a Paris, onde iniciou o seu magistério acadêmico.

A filosofia de São Tomás de Aquino (o tomismo), nasceu com objetivos claros: não contrários à fé. A finalidade de sua filosofia era organizar um conjunto de argumentos para demonstrar e defender as revelações do cristianismo. Reviveu em grande parte o pensamento aristotélico com a finalidade de nele buscar os elementos racionais que explicassem os principais aspectos da fé cristã. Fez da filosofia de Aristóteles um instrumento a serviço da religião católica.

Pelo mérito de São Tomás de Aquino, a Igreja católica o proclamou como "Doutor Angélico" e "Doutor por Excelência". Tomás de Aquino é permanentemente reverenciado nos meios católicos.

E para encerrar Tomás de Aquino, fiquemos com a veia poética de Frei Carlos Josaphat.

O jovem nobre Tomás de Aquino não encontrou pelas veredas fantásticas da cavalaria e das cruzadas. Em toda a sua carreira, pouco ou nada se ocupou das justas militares ou românticas, das canções dos bardos e tertúlias amorosas, que ainda jogam uns suaves toques de magia nos quentes abraços e nas mal suportadas separações de Abelardo e Heloísa. Mas não se poderia dizer que andou sempre voltado para o Eldorado da sabedoria e do amor, dedicando-lhe umas Sumas, longas e muito trabalhadas, no feitio de todo amante profundamente apaixonado? Em sua prosa escolástica, apontava, do jeito, para montanhas resplandecentes muito além dos horizontes, as mesmas que haviam de ser buscadas e cantadas, em fraternidade com Petrarca, Dante e Camões, por mestre Eckart, João da Cruz e outros místicos trovadores dos tempos novos. (JOSAPHAT, 1998, p.15-16).

### 3.1.3 Santa Catarina de Sena

Catarina Benincasa, denominada da cidade de Siena, é a terceira referência dominicana pertencente à Idade Média. Ela buscou fazer parte da sua existência humana na radicalidade do Evangelho, no caminho e no autoconhecimento em Deus. Para ela a Igreja é, todavia, o caminho que leva para o encontro do sobrenatural.

Assim como São Domingos de Gusmão e São Tomás de Aquino, Santa Catarina de Sena também é filha do seu tempo. Sendo uma personagem histórica e inserida em seu contexto, empenhou-se na promoção da paz e da reforma dos costumes da sociedade. Ela se fez porta-voz do anúncio profético. Forma em torno de si um grupo de homens e mulheres que a seguiram até seus últimos dias. Ela faz parte da tradição judaico-cristã, um novo homem, uma nova mulher que “buscaria a vitória de teor profético, messiânico e apocalíptico” (VALLE, 2001, p. 72).

Santa Catarina, uma mulher crente, leiga e também consagrada no segmento da ordem terceira<sup>15</sup> dos padres dominicanos, dentro de uma Igreja normatizada e estruturada mediante o seu Magistério e sua Tradição, constrói o seu itinerário místico. No caso de Santa Catarina, a união mística é o processo que cruza pela individuação, pelo amor e pela fusão espiritual com Deus. Inclui não só o amor do outro, mas também o amor de si mesma, o que significa aceitar-se de maneira significativa, permitir-se o direito de atingir sua totalidade.

Ela exorta um leigo anônimo a seguir o caminho estreito de Cristo, na Carta número 60 e com “este temor santo nos leva a um grandíssimo amor, brotando na fonte do sangue do Filho de Deus, derramado para a nossa redenção, a fim de lavar nosso pecado.” (SENA, 2005, p. 2001).

Inspirada pelo seu Deus, fruto dessa dedicação, vem agraciada pelos estigmas (invisíveis) no seu corpo, pelo êxtase, pelas visões e pelas austeras penitências que fazia.

Desta forma, a figura de Catarina e seus anseios torna-se, como modelo imagético bastante coeso desse novo contexto de transformações políticas, sociais e religiosas do seu tempo, como uma guerreira dentro da linha narrativa de desestabilização das convenções preestabelecidas no contexto misogênico. Aos vinte anos foi admitida na ordem terceira das dominicanas, cujos congregados levavam uma vida religiosa fora do claustro.

O seu trabalho religioso começou a aparecer quando começou a pregar uma cruzada contra o Islã, e foi até Avignon, e convenceu o papa Gregório XI<sup>16</sup> a voltar para Roma (1377) para fazer a paz na Itália. Com a morte de

<sup>15</sup> Ordem terceira das dominicanas. As Ordens terceiras são associações de leigos católicos, vinculadas às tradicionais ordens religiosas medievais, em particular às dos franciscanos, carmelitas e dominicanos. Reúnem-se em torno à devoção de seu santo padroeiro. Espalharam-se pela América através dos colonizadores e foram um elemento importante na vida social da América portuguesa e espanhola. Ordem\_terceira. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/>. Acesso em: 10/11/2012.

<sup>16</sup> Gregório XI- Papa da Igreja Católica Romana (1370-1378) nascido no Castelo de Maumont, Diocese de Limoges-Fourche, França, último papa francês e avignonense, período em que Avignon foi a sede papal (1309-1377). Desde Clemente V que os papa foram obrigados a estabelecer residência em Avinhão, na França, fugindo de problemas políticos e dos roubos e ataques aos bens das igrejas em Roma. Embora não fosse padre ordenado, tornou-se cardeal (1348) por ordem de seu tio, Papa Clemente VI. Foi eleito por unanimidade papa, em Avignon (1370), para suceder Urbano V e pontificou até a sua morte sob o nome de Gregório XI. Eleito, enfrentou hostilidades de todo o tipo, entre elas crimes, violências, escândalos e o surgimento de novas heresias, mas corajosamente enfrentou estes desafios como também lutou contra os abusos do Estado contra a Igreja. Por exemplo, Henrique IV promoveu de forma escandalosa a venda de bispados e abadias a pessoas indignas como vingança por não aceitar a perda do poder sobre a Igreja. Aí entrou a influência pacificadora de Santa Catarina de Siena e como pontífice, fortemente influenciado por Catarina, imediatamente passou a trabalhar para a volta da sede papal em Roma, convencido que na

Gregório XI (1378), apoiou o papa eleito Urbano VI<sup>17</sup> de Roma, contra o antipapa Clemente VII<sup>18</sup>, o que provocou o grande cisma do Ocidente. Morreu em Roma com imensa popularidade de que gozou em vida e depois da morte. A participação nos conflitos políticos de sua época a qual intensas experiências místicas a tornaram uma figura excepcional entre os santos da Igreja Católica e foi canonizada (1461), e juntamente com São Francisco de Assis, proclamada padroeira da Itália por Pio XII e declarada doutora da igreja (1970) pelo papa Paulo VI.

Seus escritos se encontram dentro da literatura religiosa devocional do século XIV. A identidade de Catarina de Sena se deixa entrever através do seu epistolário, a mensagem messiânica. Para sugerir um caminho de compreensão da mística e da mensagem ceteriniana, faz-se necessário lançar um olhar nas profundezas de uma linguagem poética composta de metáforas, mitos, ritos e símbolos, próprios ou ressignificados pela cultura. (SENA, 2005, p. 201).

qualidade de Bispo de Roma, cuja catedral era a Basílica de São João de Latrão. Era, pois, neste local que deveriam residir os papas e sete anos depois (1378) conseguiu restabelecer a Santa Sé em Roma, fato que gerou séria divergência entre Cardeais italianos e franceses. O papa de número 202 morreu em Roma, Estados Pontifícios, hoje na Itália, e foi sucedido por Urbano VI (1378-1389), período em que se iniciou o Grande Cisma do Ocidente, porque embora Urbano tenha sido legitimamente eleito, os franceses elegeram outro papa cognominado Clemente VII, um antipapa em Avignon. Este cisma iria fomentar futuramente a reforma do protestantismo de Martinho Lutero e o surgimento do anglicanismo de Henrique VIII, na Inglaterra.

Gregorio GregórioXI. Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/>. Acesso em: 09/12/2012.

<sup>17</sup> Urbano VI- Bartolomeo Prignano era natural de Nápoles e foi feito Arcebispo de Bari em 1377. A parte inicial da sua carreira eclesiástica foi feita ao serviço dos Papas de Avinhão, onde desenvolveu uma reputação de homem moderado. Em 8 de Abril de 1378 foi eleito Papa por pressão da população de Roma sendo o último que não era Cardeal, eleito para o cargo já que ainda era um arcebispo, pois o povo queria ver um italiano no pontificado para assegurar a permanência do papado na cidade. Com a subida na hierarquia, Urbano VI revelou uma personalidade colérica e intempestiva que depressa lhe arranhou inimigos. Os cardeais da Igreja, e em especial os de origem francesa, revoltaram-se contra Urbano VI e começaram a conspirar a sua substituição. No fim do verão do mesmo ano, reuniram novo conclave e elegeram Roberto de Genebra, que tomou o nome de Clemente VII. Urbano VI excomungou Clemente e declarou-o o novo anticristo, mas nada pode fazer contra o seu estabelecimento em Avinhão. A sua impopularidade não ajudou a sua causa e em breve algumas potências europeias passaram para o lado de Clemente. Urbano VI morreu em 1389, após cair da sua mula numa procissão, sem que o cisma fosse resolvido. Urbano VI. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/>. Acesso em: 12/12/2012.

<sup>18</sup> Clemente VII- Papa Igreja Cristã Romana (1523-1534) de origem italiana nascido em Florença, cujo pontificado foi marcado pela preocupação em manter o poderio dos Medici frente à ameaça espanhola e francesa, e crescimento do domínio do protestantismo por quase todo o norte da Europa. Sobrinho de Leão X, arcebispo de Florença e cardeal (1513), foi escolhido como papa em 26 de novembro (1523), sucedendo ao papa Alexandre VI (1523), com o nome de Clemente VII. Celebrou o 9º jubileu (1525) e aliou-se a Francisco I da França, na Liga de Cognac (1526), contra o imperador Carlos V, do Sacro Império Romano-Germânico. No ano foi aprisionado e confinado ao castelo de Sant'Angelo até acatar as pretensões de Carlos V: sua coroação como imperador, o que ocorreu em Bolonha três anos mais tarde, e a celebração de um concílio para reformar a igreja e deter o avanço do luteranismo na Alemanha. Sua indecisão em convocar o concílio, favoreceu a difusão do protestantismo e impediu-o de adotar uma postura enérgica diante do cisma anglicano, provocado pela recusa papal a anular o casamento de Henrique VIII. Excomungou Henrique VIII da Inglaterra, o qual renegou a fé católica, passou a perseguir a Igreja, condenou Santo Thomas Morus à morte e fundou o Anglicanismo. A ruptura da Inglaterra com Roma (1533-1534), também abriu caminho para o protestantismo naquele país. Tardiamente tentou, sem sucesso, impedir as lutas entre católicos e luteranos e a Igreja perdeu a Alemanha, a Escandinávia e a Suíça. Saques e pestes reduziram Roma a 30.000 habitantes. Papa de número 220, morreu em 25 de setembro (1534), em Roma, e foi sucedido por Paulo III (1534-1549). Clemente VII. Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/>. Acesso em: 12/12/2012.

Fala Joulin, no texto “Domingos\_Homem de Deus e servidor da palavra” \_ sobre os seguidores de São Domingos de Gusmão:

Domingos torna-se assim a cabeça de uma longa sequência de Irmãos e Irmãs os quais, através dos séculos, continuaram a sua obra e vivência do seu espírito. Entre eles uma centena foi proposta como modelo aos cristãos mediante o reconhecimento oficial da sua santidade.

Assim, entre seus primeiros companheiros e seus contemporâneos, vários foram beatificados ou canonizados: Reginaldo de Orleans, Manés, seu Irmão de sangue, Jordão de Saxe, seu sucessor, Jacinto da Polônia, Sadok o Croata, Bertrand de Garrigues, Raimundo de Peñaforte, e depois as Irmãs Cecília de Prouille e Diana de Andalo.

Após esses, outros permaneceram particularmente queridos aos seus Irmãos de hoje. Santo Tomás de Aquino, em meados do século XIII, encarna toda a seriedade da investigação para uma melhor inteligência da fé. Santa Catarina de Sena, uma leiga filiada à Ordem, consagra sua vida pela paz no mundo e pela unidade da igreja (1347-1380). No início do século XVI, Bartolomeu de Las Casas defende com grande coragem a dignidade dos índios da América, e cinquenta anos mais tarde, são Martinho de Lima, um humilde converso de raça negra, torna-se no Peru a providência dos pobres e dos doentes. Mais próximo de nós, o Padre Lacordaire (1802-1861) é na França o restaurador da Ordem, após a dispersão de 1793.

Os frades Pregadores são hoje cerca de 8000 espalhados pelo mundo. As Irmãs dominicanas são muito mais numerosas, monjas consagradas à oração ou Irmãs apostólicas encarnando diversos aspectos da misericórdia do Domingos. Leigos, homens e mulheres, estão associados à Ordem e esforçam-se também eles por viverem segundo o seu espírito.

Domingos gritava na sua oração: “Meu Deus, o que será dos pecadores?” Essa misericórdia e essa paixão pela salvação do mundo os seus discípulos as acolhem de coração aberto e são elas que podem unificar neles a oração, o estudo, o testemunho do amor, abertura a todas as misérias, a escuta e o anúncio da Palavra que dá a vida.

As testemunhas do processo de canonização de São Domingos repetiram incansavelmente que ele era humilde, doce, paciente, alegre, semeador de paz e consolador de todos. E Jordão conclui: “Ele acolhia todas as pessoas no seio da sua amizade, e como ele amava a todos, todos o amavam”. Um belo programa para que os que se colocam no seu seguimento! (JOU LIN, 1997, p.149-150-152).

## 2.2 MADRE ANASTASIE E A CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DOMINICANAS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE MONTEILS

A origem da ordem das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, na qual o Colégio Externato São José, objeto de nossa pesquisa, está ligado, remonta ao longínquo século XIII, conforme vimos no início desde capítulo. De Domingos, portanto, deriva não só a palavra “dominicana”, como também a inspiração do gosto por falar de Deus, por agir de forma cristã e por respeitar os homens segundo o tempo e o contexto em que vivem.

Séculos depois da vida santa de São Domingos de Gusmão, Alexandrine Conduché que toma o nome religioso de Madre Anastasie fundou uma congregação feminina dedicada ao ensino e ao cuidado dos enfermos, numa rara junção de apostolado e profissão -“Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils”. Vale lembrar que esta congregação nasceu de uma vontade do pároco de Bor, Padre Jean Pierre Gavalda.

Nos registros da história da Congregação informa-se:

A congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário nasceu em Bor, no Aveyron sobre as elevadas terras de Rouergue, em 1851. Sua história inscreve-se no quadro da vida política, administrativa e social da França deste período. (DOMINICANAS, 1986, p.11).

Eram tempos difíceis para a igreja católica, a França atravessava seu governo de Terceira República constituída após o acontecimento revolucionário de 1848. Assim nos constam historiadores católicos do período:

O governo da Terceira República foi, a principio, bastante favorável à religião e à igreja, pois as chagas da guerra e os horrores da comuna em Paris (março-maio de 1871), onde se tinha visto o fuzilamento do arcebispo Darboy com outros 62 reféns, sacerdotes e laicos, tinham despertado uma reabilitação salutar. O indiferentismo e o ateísmo, porém ainda muito disseminados incrementava-os especialmente o historiador e orientalista Ernesto Renan († 1892), com a sua frívola “Vida de Jesus” e outros escritos sobre a história do cristianismo primitivo. As tentativas de restauração monárquica falharam, enquanto à esquerda e o radicalismo maçom anti-elesiástico tomaram sempre maior relêvo. Já em 1877 Leão Gambetta tinha lançado na Câmara a palavra de ordem: “Le cléricalisme, voilà l’ennemi!”. Guiada pelos ministros da instrução Ferry e Bert teve início então uma acrimoniosa luta cultural contra a igreja católica, que trouxe gravíssimos danos às faculdades católicas livres, fundadas apenas em 1875; foi-lhes de novo tirado o direito de conferir graus acadêmicos (1879); com os decretos de março de 1880, foram suspensas todas as casas e as escolas dos Jesuítas e as outras congregações religiosas, não reconhecidas pelo estado, obrigadas a buscar a autorização dentro de três meses; 261 conventos masculinos foram fechados. Outras leis (1880-83) decretaram a obrigação do serviço militar para os clérigos, a abolição da cura de almas militar e hospitalar, a “laicização” dos cemitérios e dos tribunais a facilitação do divórcio e a abolição do repouso dominical oficial. Com o incremento do ensino obrigatório, gratuito e laicista, foi, enfim, banido das escolas estatais todo ensino religioso da instrução (1882-86). Infelizmente, a divisão política dos católicos facilitou notavelmente a obra dos inimigos da igreja; não obstante repetidas advertências de Leão XIII nas encíclicas de 1884, 1890 e 1892 (época do “Ralliement”), e o exemplo do cardeal Lavigerie na Argélia, muitos deles, membros da nobreza, do episcopado, do clero e de algumas ordens religiosas, não se deixaram convencer a pôr-se lealmente no terreno do estado republicano. Não era difícil, assim, com o pretexto de lutar contra os inimigos da república, atingir a própria Igreja. (TUECHLE E CAMARGO, 1965, p.543).

Paralelamente a todos esses acontecimentos existiam uma sociedade dominada por altos índices de analfabetismo.

Em Bor, como nas aldeias vizinhas naquela época, as crianças cresciam sem instrução. A taxa de analfabetismo era alta e isso preocupava ao Padre Gavalda.

Desde o começo do século XIX, todos os curas da França, sendo o Cura d'Ars o mais célebre, tentaram remediar a ignorância de seus paroquianos. O número dos analfabetos era, com efeito extremamente elevado lá pelo ano 1850: 40% dos meninos e 50% das meninas, em média, não sabiam ler nem escrever. O Aveyron situava-se, então, no nível médio dos departamentos franceses.

Foi nessas circunstâncias que o padre Gavalda preocupado com a falta de instrução abriu com seus próprios recursos uma escola para meninos e outra para meninas. Essas escolas assumidas por religiosos e religiosas vindos de outros lugares tiveram um início promissor, mas em pouco tempo, sérias dificuldades provocaram a saída tanto dos Irmãos de Saint-Viateur como das Irmãs da Sagrada Família de Villefranche.

Padre Gavalda preocupou-se em dar continuidade ao trabalho de educação anteriormente iniciado. Ele começou a pensar um outro projeto: fundar uma Comunidade com moças da região, que ele mesmo formasse de acordo com as necessidades de sua paróquia. Assim suas escolas poderiam funcionar como ele desejava. (LAJEUNUE, 1993, p. 36-37).

Sua aproximação com Alexandrina Conduché deu-se da seguinte forma:

Perto dele vivia uma sobrinha, Virginie Gavalda, moça que tinha ideia de se fazer religiosa. Com o apoio de seu Irmão, padre Jean François, Virginie aceitou o convite de seu tio para fazer parte do projeto de fundação de uma comunidade religiosa. Neste mesmo tempo, Padre Artières, parente de Padre Gavalda, trouxe-lhe a notícia de que sua sobrinha Alexandrine havia manifestado o desejo de se tornar religiosa. O projeto não era mais apenas um sonho. Estas duas jovens seriam a coluna mestra da comunidade. Elas seriam as fundadoras do Instituto.

Enviou então, suas duas sobrinhas, para serem formadas na comunidade religiosa das Irmãs de Notre Dame, em Saint Julien d'Empare. Quando receberam o hábito religioso, Virginie se tornou Irmã Marie Joseph e Alexandrine, Irmã Marie Anastasie. Após seis meses de formação, por insistência de Padre Gavalda, elas regressaram a Bor em 31 de dezembro de 1849 e no dia seguinte, com o início das aulas, começou a fundação. Pelo privilégio da idade, Irmã Marie Joseph foi nomeada Superiora aos 24 anos; Irmã Marie Anastasie ficou incumbida da escola, com a idade de 17 anos. A 8 de outubro de 1851, festa de Nossa Senhora do Rosário, Irmã Anastasie foi nomeada Mestra de Novícias e já era a alma da comunidade.

A Irmã Marie Joseph não era feita para a vida religiosa. Pouco a pouco, ficou claro que ela não tinha convicção de sua vocação. A situação agravou-se com o decorrer dos anos, até sua saída do convento, em setembro de 1862. Madre Anastasie tinha 29 anos quando, pela saída de sua companheira, se encontrou à frente do Instituto.

A 10 de outubro de 1862, foi designada por suas Irmãs como Priora da Comunidade, da qual era desde o início a verdadeira mãe. No ano seguinte, na festa de Nossa Senhora do Rosário, ela fez seus votos perpétuos com um primeiro grupo de oito Irmãs. Estava fundada a Congregação do Santo Rosário. (LAJEUNUE, 1993, p.37).

Nos registros da congregação encontram-se descritas as peculiaridades de seu carisma pessoal:

Mulher prática, dotada do senso das realidades, ela não esquecia que a realidade suprema é o fim sobrenatural. Empenhou-se em fazer da Casa de Bor um verdadeiro Convento, isto é, a morada do silêncio, do sacrifício e da oração. A pobreza era-lhe particularmente cara. Pode-se dizer que, com a simplicidade, era a virtude que ela mais louvava. “A pobreza, dizia ela, é nossa fortaleza... Ah! O bom Deus nos preserve de jamais nos tornarmos ricos!” Os poucos recursos do Convento foram sempre partilhados com os pobres. Ela exigia de todas as Irmãs o mesmo desapego. (PROVÍNCIA NOSSA SENHORA DE GUADALUPE, 1995, p.5).

Desde o início, Madre Anastasie levou a sério a educação das crianças e adolescentes, sobretudo a educação dos pobres que as Irmãs deviam acolher gratuitamente. Desde o início, levou a sério o serviço aos enfermos, sobretudo dos pobres, os quais deviam ser cuidados gratuitamente e com o mesmo zelo e exatidão que se dispensava aos ricos: “É preciso visitar os doentes, sobretudo os pobres. Essas visitas são santas”. (V-201, doc. 537). Madre Anastasie preocupava-se vivamente com um ensino de qualidade. Sempre incentivada e buscava meios de aprimorar a cultura das Irmãs. Enfatizava a importância do estudo: “Não sacrifique a hora de estudo. É seu ofício canônico”. (IV – 162 doc. 414, cf. IV – 117, doc.398).

Ditava às professoras a atitude que deviam tomar frente às crianças e adolescentes que ela tanto amava e para as quais exigia o bem-estar; sala espaçosa, jardim e que não houvesse salas de aulas com mais de 25 alunos. Exigia que se esmerasse na educação religiosa. Para a confirmação, as meninas deviam conhecer e explicar o catecismo, conhecer as epístolas e os evangelhos. (V – 133, doc. 509).

Madre Anastasie era uma mulher forte e de muita coragem. Enfrentava inspetores, prefeitos, sacerdotes, bispos, sempre que a defesa de suas escolas, o direito das comunidades e da congregação o exigissem. (LAJEUNUE, 1993, p.16-17).

Desde muito, a Madre sentia necessidade de reformar Constituições primitivas de seu Instituto. Conservara-se uma regra manuscrita, redigida pelo padre Caubel, uma espécie de copilação sem perfeita unidade, tirada de Constituições diversas: das Irmãs de Notre Dame, das Irmãs de Gramont, das Dominicanas de Langres e de Puy a experiência sempre mais perfeita da vida religiosa revelava melhor, à Fundadora, as lacunas desse compêndio, necessariamente provisório. Mas, a quem confiar esta obra de reforma tão necessária e delicada? As estações que a Piora fez a Sete puseram-na em relação com madre Maria de Jesus, Fundadora dominicana da Irmãs Educadoras daquela cidade, que a aconselhou a escrever aos Padre Dominicanos de Toulouse. O Padre Colchem dirigiu-se ao Padre Cormier, então Prior de Merseille, sugerindo-lhe convidá-lo para o retiro, o que fez. Esse grande religioso veio trazer a Bor o sorriso de São Domingos, “na segunda semana de outubro do ano de 1875”, segundo precisa a Madre, em carta datada de 23 de junho de 1875. (LAJEUNUE, 1993, p. 229).

A verdade e o estudo são componentes do espírito dominicano, como também, a ênfase dada pela fundadora ao valor de evangelização da vida comunitária e o caráter coletivo. Ela conclamava suas Irmãs a colaborarem fraternalmente ao trabalho em equipe.

Sob esta bênção, o Instituto não cessou de crescer e se estender. Por uma lei misteriosa, o desenvolvimento desta fundação se opera, se assim me posso exprimir, de fora para dentro. É de um modo muito exterior que ela nasceu sob o signo de São Domingos. Dominicanas, no início, as Irmãs o eram só de nome, mas, por uma predestinação singular, a alma da Fundadora, pelo que possuía de, mas vivo e de mais pessoal, remontava, por instinto, às fontes de nossa tradição apostólica. O Padre Cormier deu forma e figura a estas forças espirituais inatas e, quando morreu a Madre, um impulso irresistível tinha sido dado que dirigia as Irmãs do Santo Rosário sempre mais para junto do coração de seu Bem-Aventurado Pai, o Patriarca Domingos.

Após sua afiliação oficial, a 27 de novembro de 1875, as Irmãs de Bor participaram da graça da Ordem. Esta graça não permaneceu “estéril”, foi sempre como uma seiva que dá à árvore forma, vigor e beleza. A ata foi assinada a 27 de novembro de 1875 e posta em execução, pelo Bispo de Rodez, a 8 de fevereiro de 1876. A 30 de novembro de 1877, o Mestre General dos Pregadores, o Padre Sanvito, escrevia a Priora de Bor estas promessas para o futuro: “Pela graça de Deus e a bênção de São Domingos, seu instituto florescerá cada vez mais, de modo a merecer a plena aprovação da Santa Sé”. E Leão XIII, efetivamente, em um breve muito religioso, de 5 de março de 1891, aprovou publicamente o espírito religioso, tão simples, tão cheio de zelo, e recomendou, com insistência, a finalidade da Congregação.

A 18 de dezembro de 1897, a pedido de vários bispos, e em virtude “dos frutos inumeráveis que o trabalho das Irmãs produzem incessantemente pela glória de Deus e a salvação das almas”, o mesmo Papa aprovou solenemente o Instituto. Faltava um último ponto: o hábito. Desde a origem Dominicana de Gramont. A 12 de setembro de 1899, Dom Germain deu, pela primeira vez, o hábito branco da Ordem às noviças e professoras. Este hábito, por decisão sua, foi então adotado por todas as Irmãs da Congregação. Mais tarde, as Irmãs de Gramont adotaram também o hábito branco de São Domingos.

Mas todos estes atos não eram senão sinais exteriores de uma integração dominicana sempre mais profunda no interior. As gerações novas descobriram quanto à religião dominicana, segundo a palavra de Deus Pai à Santa Catarina de Sena, é “toda real, toda larga, toda alegre, toda perfumada”. Elas compreendiam que o Bem-aventurado Patriarca abria as fontes desta alegria na luminosa e simples adaptação da antiga tradição monástica posta a serviço do apostolado: o estudo das coisas belas e divinas, a contemplação, a maravilhosa liturgia, uma cultura aberta a tudo que é verdadeiro, um senso penetrante das novas necessidades das almas, um cuidado de renovação e de marcha avante, para a conquista do mundo, ao Cristo. As Irmãs pressentiam que seu ideal verdadeiro estava do mundo, ao futuro, e não no extinto passado. Compreendiam, sobretudo, que este impulso sempre crescente de convergência para a grande tradição dominicana continuava, desenvolvendo-a. Impulso essencial, impulso vital dado pela Fundadora. (LAJEUNUE, 1993, p. 248-249).

Em meados de 1881/1895 inicia-se a trajetória histórica das Irmãs Dominicanas no Brasil. No ano de 1881, o Papa Pio X aconselha as congregações religiosas a abrirem núcleos fora da França, a fim de contornar as perseguições de autoridades leigas naquele país. Padre Cormier, dominicano e francês, apresenta um projeto para a viagem e instalação das Irmãs em solo brasileiro, seguindo os passos missionários dos próprios dominicanos que aqui estavam desde 1880. As Irmãs estavam dispostas a deixar a França, trocando-a pelas distantes terras do

Brasil. Eis que o plano une dois pontos básicos que sedimentam o carisma dominicano: o cuidado com a saúde e a educação.

Três anos após a morte de Madre Anastasie, o mesmo Padre Cormier “escolhe as Irmãs de Bor” para atravessarem o oceano numa ação missionária. Numerosas Irmãs se apresentam como voluntárias, vão à Lisboa aprender português e, como pioneiras, chegam a Uberaba, Minas Gerais, Brasil.

A força do propósito missionário mede-se pela extensão da jornada que empreendem seis Irmãs “Marias” – José, Otávia, Eleonora, Hildegarda, Juliana, Reginalda – por meio das únicas e penosas formas de transporte enfrentadas à época. Espanta, hoje, essa mistura de sonho e coragem de “frágeis” mulheres.

Em Lisboa as seis Marias aprendem a falar português, no Convento Dominicano de Benfica. Partem do porto de Bordeaux para enfrentar o oceano. Chegam ao Rio, onde recolhem forças para, de trem, seguirem a São Paulo e, depois a Ribeirão Preto. Após as águas do mar e as estradas de ferro, agora vêm os leitos esburacados de terra a serem vencidos num carro puxado por cinco juntas de bois. Finalmente, a 15 de junho, a população de Uberaba (mais o Bispo de Goiás, D. Cláudio Gonçalves Ponce de Leão) está ali, festiva e surpresa, para receber as seis valentes Marias.

Numa ala da Santa Casa de Misericórdia, abrem-se as portas do Colégio Nossa Senhora das Dores, de onde as pioneiras têm fácil acesso aos bancos escolares e aos leitos dos doentes. O ano letivo começa de forma bem tímida: duas alunas internas e quatro externas. Afinal, é justo que a população local veja com olhos desconfiados a permanência dessas “estrangeiras”. Basta um ano apenas, porém, e elas atraem uma centena de estudantes que, por sua vez, exigem a vinda de um segundo grupo de Irmãs francesas: o das Irmãs Beatriz, Imelda, Estefânia, Elisabeth e Verônica.

Em 1895, instalam-se no Colégio e deixam a Santa Casa, ainda que algumas continuem prestando serviços aos enfermos. Em 1879, outra leva de destemidas francesas refaz o caminho das pioneiras e, na última etapa, a cavalo, irrompe em Goiás, para fundar o Educandário Sant’ Ana. Num movimento surpreendente, se fazem presentes em vários estados, seguem para Conceição do Araguaia, Pará, onde vencem preconceitos machistas ao assumirem a educação de turmas mistas, depois Bela Vista, interior de Goiás, Porto Nacional, Formosa, Rio de Janeiro, Araxá, São Paulo, Goiânia, Marabá, Belém, Camará do Sul, Torres e Curitiba, Brasília.

Educando a juventude, cuidando de doentes, ampliando serviços ao atendimento de comunidades carentes: a Congregação Dominicana de Nossa Senhora do Rosário de Monteils atinge, hoje, lugares da Europa, América do Sul e Central, Ásia e África.

Seguindo os passos de sua fundadora, Madre Anastasie, as dominicanas de Monteils, apoiadas e incentivadas pelos padres dominicanos, desenvolveram um importante trabalho no Brasil, no campo da educação.

Encontraram, no Brasil, um terreno favorável para exercer o Carisma do ensino, já que o sistema educacional no Brasil nessa época era muito deficiente. O trabalho educacional das Irmãs se encaixa dentro do projeto reformador das dioceses brasileiras, uma vez que o ensino religioso, no século XIX, foi aos poucos sendo relegado a uma situação secundária em relação ao ensino público. Esse processo culminaria com a laicização do ensino público no Brasil, após a proclamação da República, mas com a possibilidade de abertura a sistemas privados de ensino.

Apoiadas pelo bispo de Goiás, Dom Cláudio Ponce de Leon, e incentivadas pelos frades dominicanos, as Irmãs fundaram colégios em todas as cidades onde os filhos de São Domingos já haviam fundado seus conventos.

Os próximos capítulos detalharão as circunstâncias e a história do trabalho educacional da Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Monteils em Goiás e mais especificamente no Colégio Externato São José em Goiânia.

## 4 O CARISMA EDUCACIONAL DAS IRMÃS DOMINICANAS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE MONTEILS

### 4.1 CHEGANDO AO BRASIL E A GOIÁS

Nos fins do século XIX, com as leis anticlericais<sup>19</sup> da França, com a perseguição aos religiosos, a Congregação das Irmãs Dominicanas viu-se tolhida em sua expansão e muitas de suas casas foram fechadas. O senso de realismo e adaptação, um dos princípios fundamentais da Ordem Dominicana, na procura de caminhos novos, que exige rupturas com o passado, e o senso de oportunismo sadio, levou a Congregação a empreender uma aventura apostólica transoceânica rumo ao Brasil.

Aqui chegando, de 1885 em diante as Irmãs Dominicanas viveram uma verdadeira aventura pelos sertões do Brasil. Oriundas da civilização francesa adaptaram-se à vida e aos costumes brasileiros. Deste então, elas começam a fazer parte da história da Educação Católica no Brasil.

O estudo da história da Educação Católica no Brasil não pode ser feito sem mencionar a relação Igreja e Estado e a atuação específica da Igreja na educação de brasileiros e brasileiros no contexto da evolução e história da educação brasileira.

Especialistas no assunto esclarecem como as coisas aconteceram.

Desde as “escolas de ler e escrever” dos primeiros jesuítas a educação escolar brasileira esteve nas mãos da Igreja. Eram em larga parte das escolas voltadas para os nativos da terra e não para as elites. Aliás, a Igreja, em seus inícios e até fins do século XX, desenvolveu significativa atividade no campo da educação dos órfãos e abandonados. A expulsão dos filhos de Santo Inácio (em 1759) e uma série de outras medidas governamentais tomadas ao longo do século XIX provocaram um estrago no nascente sistema escolar brasileiro. Criaram-se situações que se

---

<sup>19</sup> Anticlericalismo é um movimento histórico que se caracteriza por condenar a influência dominante de instituições religiosas, especialmente do clero da Igreja Católica (padres e bispos), sobre aspectos sociais e políticos da vida pública. Sua atitude denota uma crítica à instituição eclesiástica e à hierarquia católica em geral, o que não implica necessariamente em anticristianismo, ou seja, o sujeito pode ser anticlerical e cristão. O anticlericalismo propugna pela separação e não interferência entre as esferas do poder religioso e do civil. O ativista anticlerical critica a ação política das instituições religiosas. ANTICLERALISMO. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anticlericalism>. Acesso em 2/11/2012.

estenderam pela fase imperial de nossa história e entraram pelo século XX a dentro. A situação se modificou notavelmente com a entrada de dezenas e dezenas de congregações e ordens masculinas e femininas já em fins de Segundo Império. Em sua maioria, os milhares de religiosos/as que desembarcavam em portos como os do Rio de Janeiro e de Recife se dedicaram à implantação de uma vasta rede de instituições sociais. (VALLE, 2009, p. 10-11).

Nesse final de século XIX o fato mais importante para a história da sociedade brasileira foi a proclamação da República em 1889 e promulgação de sua Constituição em 1891 que extinguiu o “regime do padroado”, praticado nos tempos imperiais e separa em definitivo as instâncias Igreja e Estado tendo como sequência a implantação da lei cidade do ensino com nítidas restrições ao ensino religioso nas escolas públicas. A Igreja sempre lutou contra a posição assumida na Constituição, que estabeleceu a laicidade do ensino nas escolas públicas. Uma das razões pelas quais assim procedia era a da proibição do Ensino Religioso nas escolas públicas, nas quais estava um percentual muito elevado de alunos do curso primário, não tendo a Igreja condições de criar uma rede de escolas primárias gratuitas, já que lhe eram vedadas quaisquer subvenções por parte do Estado. A dimensão transcendental do ser humano é algo que não pode estar ausente na educação, principalmente da criança. Ora, a laicidade do ensino público consagrada pela contribuição e a proibição do Ensino Religioso nas escolas públicas representavam uma falha considerável na educação recebida por grande parte de brasileiros. [...] só em 1928 conseguiu a Igreja uma primeira vitória parcial, com a introdução pelo Estado de Minas Gerais em suas escolas do Ensino Religioso. (MAURA, 2000, p. 186).

Com a difusão das escolas públicas, a instituição católica passava a perder paulatinamente parte expressiva de sua clientela, sobretudo daqueles que tinham menor poder aquisitivo. Nas cidades pequenas, principalmente, surgiam dificuldades para a manutenção dos colégios católicos. (MAURA, 2000, p. 155).

Tudo isso gerou consequências sócio políticas significativas para a sociedade brasileira e para a história da educação católica no país.

Sociologicamente falando, escola católica exerceu uma função supletiva com relação ao que em si era atribuição do Estado. Ela se estabeleceu quase exclusivamente em função das classes médias emergentes. Com relação aos demais segmentos da população brasileira houve um distanciamento. A rede escolar católica se tornou muito mais um serviço supletivo dos religiosos/as às classes médias urbanas e brancas, das quais por sua vez, recebia apoio financeiro e parte substantiva de suas vocações. Claro que o panorama diferia de região a região e que, comprovadamente, sempre existiu um contingente de obras voltadas para os grupos sociais marginalizados. Mas é inegável que a Vida Religiosa ajudou o Episcopado a realizar uma espécie de “opção preferencial pelas classes médias”. Com isso criou-se um distanciamento com relação aos segmentos mais despossuídos, como, por exemplo, o dos afrodescendentes e dos migrantes que com o surto industrial e agrário especialmente do centro-sul começavam a se deslocar para as regiões mais prósperas do país. Criou-se em poucos decênios um impressionante conjunto de obras que abrangiam o país inteiro, com predominância nas cidades, o que, de um lado, trouxe prestígio e influência para a Igreja e a Vida Religiosa (VR), mas por outro, condicionou fortemente a presença e ação apostólica dos (as), religiosos (as) a uma estrutura e estilo de obras grandes e caras (coisa quase existente nos séculos XVII e XIX quando a VR

tinha uma característica bem “missionária”. Costumo dizer que a Vida Religiosa tornou-se, assim, a parceira das classes média brasileiras; ela as equipou para se consolidarem econômica, política e socialmente. Além disto, durante um certo período, a VR tirou daí suas vocações, treinando-as em função das tarefas e das obras que assumira na primeira metade do século XX. (VALLE, 2009, p. 12).

Em seu trabalho cotidiano, a Igreja e as escolas católicas gradualmente vão promovendo uma articulação maior entre fé e vida na perspectiva de uma nova evangelização. No entanto, tendo concentrado seu trabalho na educação das elites, as escolas católicas tiveram de enfrentar no passado graves crises em nome de sua opção preferencial pelos pobres. (MAURA, 2000, p. 160).

Na visão das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora de Monteils e seus educadores esse mesmo processo histórico pode assim também ser entendido:

A educação sempre foi um processo decisivo na formação da pessoa e da sociedade. E, como a sociedade vive em constantes transformações, o ensino tem acompanhado as exigências sociais e culturais e está sujeito a reformas. O Ensino Religioso também passou por alterações e, no Brasil acompanhou a movimentação do contexto histórico: movimentos sociais e religiosos, sistemas de organização da sociedade, governos.

Por quase quatro séculos, o Brasil viveu em regime do Padroado, ou seja, com uma única religião oficial, a católica, sob o domínio do rei e concessão do Papa. A Coroa Portuguesa catequizava os índios, convertia novos fiéis, construía templos e mosteiros. Em contrapartida, o Papa concedia ao Rei o controle sobre as igrejas da colônia. Era o rei quem indicava os bispos e pagava os salários do clero. Naquela época, foram ignoradas e perseguidas as demais religiões. As crenças e práticas religiosas de origem africana e indígena eram consideradas práticas de feitiçaria e tratadas com desprezo pelos católicos.

Em 1886, imigrantes estrangeiros fundaram a Igreja Evangélica Alemã do Brasil no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Movimentos em prol da liberdade de crença começaram a se espalhar pelo país. A constituição de 1891 legitimou esta liberdade.

O Ensino Religioso, visto como catequese, tanto nos estabelecimentos católicos como na escola pública emergente no século no início do século XX, era orientado por autoridades católicas, com a finalidade de fazer seguidores.

De acordo com as Constituições de 1891, 1934 (1937) 1946 e, a partir da Declaração dos Direitos humanos, em 1948, o Ensino Religioso tornou-se uma disciplina facultativa para o aluno, mas, na prática, ainda acontecia com a finalidade de cristianização.

Na constituição de 1967 e na Lei Diretrizes e Bases da Educação (LDB), número 5692/71 continuou como disciplina facultativa e com a finalidade de tornar as pessoas mais religiosas. Durante o regime militar, a escola foi usada como instrumento ideológico e a religião era tida como necessária para orientar o comportamento humano. Nesse período, foi introduzida a disciplina de Educação Moral e Cívica que, de certa forma, ensinava os valores e se aproximava de uma educação religiosa, já sem marcas confessionais.

Na década de 70, em diversos estados, articularam-se movimentos e organizações de natureza interconfessional cristã com propostas de conteúdos e de formação de professores de Ensino Religioso na escola pública, com o objetivo de conseguir espaço para um ensino ecumênico. As escolas católicas continuaram com uma orientação ainda catequética, mas com forte tendência a reforçar o ensinamento de valores.

A constituição de 1988, ainda vigente, em seu art. 210, conferiu ao Ensino Religioso a condição de disciplina de matrícula facultativa, mas durante o horário normal das aulas das escolas públicas de Educação Básica. E, a LDB- número 9394/96, em seu art. 33, reformulado pela Lei número 9475/97, reafirmou ser esta disciplina parte integrante da formação básica do cidadão, assegurando-lhe o respeito à diversidade religiosa do Brasil, vedando quaisquer formas de proselitismo. Esta mesma lei deu competência aos sistemas de ensino de regulamentação dos procedimentos para a definição dos conteúdos do Ensino Religioso e o estabelecimento de normas para a habilitação e admissão de professores. As denominações religiosas poderão ser representadas por uma entidade civil, para serem ouvidas pelos sistemas de ensino na definição de conteúdos. E, ainda, a Resolução da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional (CEB), de 07/04/98, definiu o Ensino Religioso com área de conhecimento. (DIRETRIZES, 2000, p.13-14-15)<sup>20</sup>.

As Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils desenvolveram no Brasil diferentes frentes de trabalho. Nas palavras de Dom Tomás Balduino, no prefácio do texto de POINSENET, *São Domingos- O campeão da verdade*.

As Irmãs Dominicanas, que vieram da França ao Brasil há mais de cem anos, trabalham entre nós em vários campos: educação, saúde, paróquias, comunidades de base, etc. – são bastante conhecidas e merecidamente amadas.

Brotam agora, em suas preocupações religiosas, o desejo de tornar conhecido o Santo de quem herdaram o nome e o espírito, o carisma e o ardor: São Domingos, o Pregador. (POINSENET, 1986, p.7).

De 1885 em diante floresceram as fundações das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils de Norte a Sul do país. Atualmente, são três regionais: Província de Nossa Senhora do Rosário com sede em São Paulo, Província Nossa Senhora de Guadalupe com sede em Goiânia e província Madre Anastasie com sede em Brasília. Essas províncias desenvolvem seus trabalhos de ensino, serviços de saúde e inserções populares materializados em colégios, hospitais, asilos, casas de acolhida, centros de espiritualidade, consultorias, assessorias e projetos sócio-pedagógicos etc, nos estados do Tocantins, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Atentas aos sinais dos tempos e sem se afastar de uma linha humanista, o trabalho desenvolvido pelas Irmãs Dominicanas no Brasil e mais especificamente, na cidade de Goiás, torna-se notícia:

---

<sup>20</sup> Diretrizes da Educação Religiosa das Escolas Dominicanas (trabalho feito na metodologia do Planejamento Participativo), 2005/2011.

O Jornal O Popular, da cidade de Goiânia, do dia 14 de setembro de 1984, publicou uma reportagem de Vera Lúcia Fonseca, no Caderno 2 intitulada: “Há 95 anos, as dominicanas chegavam a Goiás”. Diz parte do texto:

Lembranças saudosas de tempos de lutas, planos e alegrias se juntam à satisfação de muita realização e trabalho. Isto é um pouco do que compõe o clima de comemorações do centenário da chegada das Irmãs dominicanas ao Brasil, em 1884 e dos 95 anos de Goiás, para a fundação do Colégio Sant’Ana, em 1889 na cidade de Goiás. Setembro, dia 5, às 11 horas da manhã. Era o ano marcado para uma grande mudança de perspectivas no ensino e da cultura de Goiás [...].

Continua a reportagem:

[...] Bandas de música, fogos de artifício, o clero regular, toda a gente da cidade e D. Cláudio Leão compunham a comitiva de recepção com muita alegria pela chegada tão esperada das missionárias que vinham de Uberaba a cavalo, e aportavam depois de 28 dias de viagem e desconforto. Cercadas inicialmente de muita curiosidade de toda a população, que, todavia pressentia nelas a confiança e responsabilidade do trabalho novo, 95 anos depois elas oferecem o saldo de uma extensa folha de serviços cumpridos em prol não só do ensino, mas das obras sociais em geral da cidade e do estado [...]. (O POPULAR, Goiânia, 1984).

Em registro eletrônico atual, encontra-se:

O colégio Sant’ Ana é a segunda casa de missão no Brasil, fundada pelas Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils na cidade de Goiás, antiga capital do Estado, a pedido do bispo Dom Cláudio Ponce de Leão. Foi fundado a 05 de setembro de 1889, com a incumbência de abrir uma escola para meninas, mas com o correr dos tempos, foi aberto também aos meninos. As fundadoras foram oito Irmãs francesas, três das quais já haviam morado em Uberaba e as outras cinco haviam partido da França em maio de 1889. A viagem da França ao Brasil foi de navio, e de Uberaba para Goiás a cavalo – 120 léguas – gastaram 29 dias.

Chegaram a Goiás no dia 05 de setembro de 1889, ocupando a casa que o bispo lhes dera. O Bispo de Rodez, da França, o superior das Irmãs, exigiu a assinatura de Dom Cláudio Ponce de Leão num contrato de onze cláusulas, das quais o primeiro artigo dizia: “O colégio será dirigido e administrado pelas religiosas Dominicanas de BOR e BAR<sup>21</sup> e compreenderá a educação das jovens ricas, pobres, filhas de escravos e ainda, visita aos doentes em domicílio”. Disponível em: <http://colsantanagoias.blogspot.com.br/html>. Acesso em 11/12/2012.

---

<sup>21</sup> Bar e Bor é uma comuna francesa na região administrativa de Midi-Pyrénées, no departamento de Aveyron. Estende-se por uma área de 12,92 km<sup>2</sup>, com 203 habitantes, segundo os censos de 1999, com uma densidade de 15 hab/km<sup>2</sup>. BOR ET BAR. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bor-et-Bar>. Acesso em 09/01/13.

Como se pode perceber a missão das Irmãs no Brasil, como atesta o bispo de Rodez da França, era para atender crianças, jovens e doentes, independente das condições sociais nas quais se encontraram. Fiéis a esta missão as Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils perseveraram fazendo da presença na cidade de Goiás uma fonte de irradiação do carisma para todas as outras regiões brasileiras. Continuando no registro eletrônico têm-se ainda as informações:

O Sant' Ana é um patrimônio da cidade de Goiás, com 120 anos de fundação e de atividade ininterrupta. Desperta nos seus alunos o desejo de progredir, de pesquisar, o gosto pela arte e pelo esporte, adquirir seu próprio conhecimento, a formar liderança, a valorizar a natureza e a lutar pelos seus Diretos. O Colégio Sant' Ana é uma Instituição de confissão católica, com ideais Dominicanos/Anastasianos, sem fins lucrativos, visando à formação integral e o desenvolvimento da Pessoa Humana, em obediência ao Plano de Deus. Tem como princípio uma educação que se realize de forma integral, dialógica, mediatizada pela realidade (num processo dialético), construindo o saber pessoal e coletivo em favor da vida, numa linha Sóciointeracionista, Libertadora. Nos dias atuais atende a comunidade oferecendo um ensino de qualidade, que contribui na formação de crianças e adolescentes capazes de viver plenamente com consciência crítica e capacidade criativa, postura ética, participação ativa no mundo, busca incessante pelo crescimento e valorização da vida. COLÉGIO SANT'ANA GOIÁS. Disponível em: <http://colsantanagoias.blogspot.com.br>. Acesso em 11/12/2012.

Dada a importância do Colégio Santana e da missão das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora de Monteils na formação de professores para o sistema de ensino goiano é fundamental ainda demonstrar como isso está registrado na historiografia da educação em Goiás:

Em 1890 foi fundado o Colégio Santa' Ana das Irmãs Dominicanas, na capital Vilaboense, onde funcionava uma escola primária para meninas, depois o Colégio instalou a escola normal que foi equiparada a Escola Normal pública pela lei número 301, de 18 de julho de 1907, juntamente com outros dois colégios dominicanos que também mantinham internatos: Santa Catarina, em Bela Vista e Sagrado Coração de Jesus, em Porto Nacional. Em 1919 a Lei número 638 equiparou a Escola Normal pública para todos os colégios estabelecidos sob a direção das Irmãs Dominicanas. [...] (BREZINSKI, 1987, p. 33).

É importante assinalar que no final do Império, quando as Irmãs chegaram a Goiás e a cidade de Goiás não havia sistema ensino estruturado, nem público nem particular, mais grave ainda era que não se preocupava com o “estabelecimento” de instrução primária e secundária para o sexo feminino. Por isso a historiografia registra:

Esta preocupação, somada ao fato de a Província não dispor de recursos para a educação, fez com que o governo incentivasse a iniciativa privada na instrução. Prova disso é que a legislação dava ampla liberdade à iniciativa particular no ensino. Isto explica talvez a recepção calorosa feita às Irmãs Dominicanas em Goiás, em 1889, onde fundaram o Colégio Sant'Anna, que no início funcionava apenas com o curso primário feminino seriado em cinco anos.

Nas eleições de 1895, para a presidência do Estado, o Centro Republicano indicou Francisco Leopoldo de Bulhões Jardim. O presidente do Estado, Xavier de Brito, apoiou Luiz Gonzaga Jaime, candidato da dissidência. As eleições confirmaram o poder dos Bulhões através da vitória de Francisco Leopoldo, que governou de 1895 a 1898. As ligações com o governo federal, um dos destaques dessa gestão, possibilitaram maior canalização de recursos para o Estado.

Deu-se certa ênfase ao ensino através de verbas para criação e manutenção de aulas secundárias e liberação de recursos da loteria destinados à construção do prédio para a instrução secundária.

Gestões feitas juntos aos deputados por pessoas ligadas às Irmãs Dominicanas viabilizaram a aprovação, em 22/6/1896, da Lei nº 113, que concedia às Irmãs Dominicanas a quantia de “um cento e duzentos mil reais anuais, como auxílio ao colégio que dirigiam”. (CANESIN, 1994, p.44).

Outro historiador ainda acrescenta:

Nos anos 1900 a 1920 o Colégio Santa' Ana mantinha de 10 a 20 alunas no curso Normal; de 1920 a 1940, esse número foi crescendo até 40 alunas. Foi um sério concorrente da Escola Normal Oficial. Esta, com um número pequeno de alunos, formou nesses anos todos não mais que três dezenas de normalistas. (BRETAS, 1991 p. 472).

Contribuindo dessa maneira com a formação de professoras para o Estado a educação dominicana se erradia acompanhando a missão dos frades da Ordem dos Pregadores. Nessa execução fundam-se Colégios em Porto Nacional, Arraias, Formosa, Bela Vista e mais tarde Goiânia e Brasília. No contexto dessa irradiação o carisma se exercita, disponibilizando-se a não ficar imune aos “sinais dos tempos”.

#### 4.2 APROFUNDANDO O ESTUDO DE CARISMA DOMINICANO

Ao longo dos tempos nas escolas das Irmãs Dominicanas das Províncias Nossa Senhora de Guadalupe (Goiânia) e Nossa Senhora do Rosário (São Paulo) a cotidianização/materialização do Carisma se fez pela valorização da educação religiosa, sempre desperta aos sinais dos tempos, em diferentes épocas. Para tanto este percurso sempre se nutriu de estudos e possibilidades de renovação. O documento das Diretrizes da Educação Dominicana para o Ensino Religioso que historia as ações:

Antes do Concílio Vaticano II, a linha de trabalho era catequética. A Catequese e as aulas de religião eram ministradas somente pelas religiosas. Era dada importância à preparação para a primeira comunhão, celebrações com ritos e orações, como missa, reza do terço, novenas, tríduos, coroação de Nossa Senhora, retiros espirituais.

Depois do Concílio Vaticano II, algumas dessas práticas foram sendo abolidas e outras, permaneceram por mais tempo. Foi dada menor importância aos aspectos devocionais e rituais. Nessa época por influência do Concílio Vaticano II, organizaram-se movimentos de jovens, contribuindo para um novo enfoque da religiosidade.

As aulas de Religião, ainda sob a responsabilidade das religiosas e seminaristas, gradativamente, foram sendo assumidas por leigos e leigas, primeiro nas séries iniciais, e a Catequese continuava sob a orientação das Irmãs.

As aulas de religião com a metodologia Ver, Julgar e Agir deram forte enfoque à formação humana ou educação para a vida, explorando temas gerais como: amor, amizade, namoro, drogas, sexualidade, identidade e outros. Eram promovidos cursos de capacitação e reuniões de planejamento para a organização e a avaliação das atividades religiosas na escola. Os primeiros livros didáticos eram recheados de roteiros catequéticos como instrumento de trabalho na ótica da Doutrina Social da Igreja Católica, privilegiando temas bíblicos ligados à realidade sócio religiosa do país. As principais editoras da época procuravam estabelecer, através dos conteúdos programáticos, diálogo entre ciência e fé, valorização da vida e da natureza e, conseqüentemente, a valorização e o respeito às demais religiões.

A partir das Conferências dos Bispos da América Latina em Medellín (1968) e em Puebla (1979) e dos ideais da Teologia da Libertação, instalou-se uma mudança na visão das escolas católicas em relação ao Ensino Religioso e demais atividades escolares, enfatizando a opção preferencial pelos pobres. Paralelamente a este trabalho, as escolas dominicanas bem como outras escolas confessionais católicas, envolveram-se na proposta da CNBB de campanhas da Fraternidade que refletiam as necessidades de mudanças profundas para a preservação da vida e da dignidade humana.

Com o advento da nova LDBEN, em 1996, definiu-se a escolarização do Ensino Religioso como área de conhecimento nas escolas públicas. Criou-se, inicialmente, nas escolas dominicanas, um impasse na definição de como este assunto seria tratado, sem que se abandonasse a identidade cristã e o carisma dominicano. Agora com uma presença significativa de leigos como professores de Ensino Religioso se percebeu a necessidade de um aprofundamento no conhecimento da nova concepção. Nessa época, foram oferecidos cursos, encontros e estudos por iniciativa de entidades católicas. (DIRETRIZES, 2005, p. 16-17-18).

O fazer religioso é a ação transformadora que inclui os projetos de responsabilidade social da escola e a dimensão celebrativa, atingindo a comunidade educativa. É um conhecimento que constrói significados e desenvolve na escola católica além da tríplice relação: educando-conhecimento-educador, a vigência dos valores evangélicos, do carisma institucional.

Sobre isso já falava Irmã Valéria Moutinho por ocasião do Sesquicentenário da Congregação no ano 2000, quando toda a comunidade dominicana de Nossa Senhora do Rosário de Monteils no Brasil foi chamada a rever e aprofundar o carisma e sua espiritualidade à luz dos sinais dos tempos:

A palavra da Irmã Valéria, repassada de unção e de alegria, vai aqui transcrita:

Nossa congregação nasceu, sem nenhuma grande pretensão. Era uma pequena resposta de uma jovem simples e pobre às necessidades do momento: Educar as crianças, alfabetizando-as, ensinando-as o catecismo e cuidar dos doentes como membros do Cristo Sofredor. O nome da jovem era Alexandrina que se tornou Madre Anastasie. Local: sul da França. Época: século XIX, mais precisamente 1850. Situação ambiental: analfabetismo, falta de instrução religiosa, abandono dos doentes. A esse conjunto de circunstâncias, damos o nome de “Sinais dos Tempos”. A essa intuição de Madre Anastasie, damos o nome de Carisma. Estão aí os dois componentes que permitem à congregação ser itinerantes com a história: Sinais dos Tempos e Carisma [...]. Apenas 35 anos depois de fundada a congregação, seis missionárias francesas vieram pra o Brasil. Tudo era tão difícil: viagens longas de 30 dias de navio, depois de trem, de carro de boi, a cavalo [...]. (BOLETIM ITERPROVINCIAL, 2000, p.2).

Mas tudo segue o seu curso. As escolas dominicanas se pensam, se repensam e continuam firmes na missão.

Por iniciativa das duas Províncias de Nossa Senhora de Guadalupe e nossa Senhora do Rosário, realizou-se durante seis anos em São Paulo, Uberaba, Goiânia e Goiás, encontros e seminários entre Irmãs e educadoras das duas províncias com o objetivo de elaborar um documento definidor das diretrizes da Educação Religiosa das Escolas Dominicanas. A experiência que aconteceu em São Paulo, Uberaba, Goiânia e Goiás produziu efeitos benéficos e paradoxais quanto à “cotidianização” do carisma. Foram momentos muito importantes onde se viveu e experimentou a essência do Carisma dominicano seja nas relações e ações sociais, seja como dom, seja como graça em suas dimensões de oração, contemplação, estudos e comunidade.

Uma parte específica do documento foi construída onde as linhas direcionais para a prática educativa das escolas dominicanas foram traçadas a partir de um marco referencial, subdividido em: situacional, doutrinal e operativo. A citação desses referenciais, mesmo que longa precisa ser feita aqui para que se possa compreender, sobretudo o que vai ocorrer no processo educativo do CESJ daí em diante.

Em termos situacionais:

O mundo atual processa uma nova cultura, marcada pela globalização e pelo processo tecnológico e científico. No entanto, a concepção neoliberal orienta o comportamento a buscar a acumulação dos bens pelos mais fortes e bem situados, o que gera a pobreza, a fome, o desrespeito à cidadania e à dignidade de 50% dos habitantes de nossa terra. Os poderes constituídos, em diversas nações, lançam mão de guerras e ações terroristas em favor de seus interesses, desrespeitando a vida humana prejudicando a paz. As tecnologias avançadas, aplicadas na descoberta e no uso de medicamentos e alimentos, pelo alto custo de seus investimentos, ainda estão sob controle de grandes empresas transnacionais; os seus benefícios não chegam à maioria da população que ainda luta pela sobrevivência.

A violência atinge a todos. Ainda se encontram ilhas de trabalho escravo. Foram-se organizações paralelas às estruturas estatais que vivem do tráfico de drogas, da lavagem de dinheiro, do sequestro e do contrabando, da indústria pirata e de falsificações. Leis são criadas, mas se tornam inaplicáveis ou passíveis de interpretações equivocadas.

O ser humano, ser de relações, tem sido tratado como coisa; é tido pelo mercado apenas como consumidor e possível produtor de riquezas nas diferentes etapas da vida.

[...] Em contraposição a estes sistemas desumanos, no mundo todo, organizações e movimentos lutam pela paz e, avivados pela esperança, tentam o caminho da defesa da vida na terra, contra a degradação do ambiente e pela busca do equilíbrio universal. Muitos são os grupos, inclusive governos, ou se dedicam a propagar as ideias da urgência da solidariedade, da partilha e da preservação ambiental, para formar uma consciência de responsabilidade individual e coletiva. Os movimentos em defesa dos direitos humanos e as iniciativas de solidariedade, inclusive nos meios de comunicação social, têm aumentado a consciência da criação de um “novo mundo possível”.

[...] A educação de qualidade oferecida às crianças e aos jovens nas escolas não atinge a todos os que dela necessitam, por condições econômicas desfavoráveis ou falta de vagas. Os que têm acesso, nem sempre a família assume, junto com a instituição, a responsabilidade da educação.

Os projetos governamentais de inclusão de crianças, jovens e adultos ao sistema escolar com vistas à aquisição de conhecimentos, aliados às iniciativas de grupos organizados da sociedade, ainda não produziram os resultados esperados. Os analfabetos reais e funcionais, em número elevado, são excluídos do mercado de trabalho, o que aumenta ainda mais as dificuldades de se erradicar a miséria, a fome e as doenças.

É uma época em que o fenômeno religioso e o misticismo estão em alta. Aconteceram inúmeras experiências religiosas com raízes no pluralismo, sincretismo, fundamentalismo e fatalismo. Grupos religiosos das mais variadas espiritualidades propõem-se a dar respostas a todos os males humanos. Religiões e igrejas constituídas, muitas vezes, pecam pelo ritualismo exagerado e pela imposição de normas doutrinárias, em vez de vivenciarem o que lhes é fundamental. O que não pode entender é que a religião ainda tem sido provocadora de guerra, ao lado de sua marca principal de promotora de paz, que reúne os seres humanos como filhos de um só mesmo Deus.

[...] Constata-se a fragmentação de grupos religiosos cristãos. Ao mesmo tempo, vê-se o aparecimento e fortalecimento de outras religiões. Têm aumentado o número de seguidores evangélicos e diminuído o número de seguidores católicos, embora a participação destes, em suas comunidades, tenham crescido.

Não se pode esquecer os caminhos do ecumenismo religioso entre as igrejas cristãs, em iniciativas de estudos, celebrações internas e atividades sociais; movimentos diversos, constituídos por pessoas de denominações religiosas diferentes, dedicam-se à promoção dos direitos humanos. Para conseguir suas metas, todos se utilizam dos recursos materiais disponíveis

e, também, acreditam no poder da oração para terem a ajuda do transcendente [...]. (DIRETRIZES, 2005, p, 24 - 25).

#### Em termos doutriniais:

A formação humana completa vincula-se às atitudes éticas e responsabilidade e comprometimento com a cidadania universal, principalmente pela opção de um modelo econômico que contemple as diferentes dimensões da vida. Os conhecimentos produzidos pela humanidade, os avanços científicos e tecnológicos e os bens materiais são patrimônio da humanidade e todas as pessoas têm direito de acesso a eles. As informações, devem alimentar as sociedades em benefício da qualidade de vida de todos e não apenas de grupos específicos.

A sociedade precisa ter como fundamento uma forma de vida que respeite defenda os direitos e deveres individuais e coletivos, oportunizando o exercício da democracia. Tem no trabalho oralizado a fonte e o meio de realização e transformação pessoal e social.

O ser humano deve ter consciência de que, em grupo organizados (Cooperativas, ONG, Movimentos Sociais e outros), possui poderes para beneficiar a sociedade toda e não apenas alguns indivíduos. O progresso precisa estar a serviço do bem comum em constante defesa da vida, em todas as suas formas. Nos grupos sociais, a dignidade do ser humano deve estar acima de qualquer outro interesse, pautando-se por valores universais, em vista de uma sociedade livre justa e solidaria.

O ser humano é um ser histórico com uma dimensão temporal e política, inacabado e limitado em suas possibilidades. Livre, está em constante processo de crescimento, acredita em si, num sentido para sua vida, sendo capaz de optar e ser responsável por suas escolhas. É um ser de relações: consigo mesmo, com o próximo, com a natureza e com o transcendente. É imagem e semelhança de Deus, tendo como referência de vida a pessoa de Cristo.

A educação é o processo de humanização e personalização que visa adquirir meios para uma atuação no mundo. Busca os conhecimentos sobre a humanidade, a excelência acadêmica, o desenvolvimento e a vivência de valores. Cultiva sonhos e utopia; compromete-se com a ética e a cidadania; desenvolve a competência profissional, na prática da verdade, da justiça, da liberdade, da solidariedade e da compaixão; aponta para o sentido último da existência humana.

A educação religiosa deve promover o conhecimento, o respeito e o diálogo entre as religiões, patrimônio cultural da humanidade, que necessita estar à disposição de todos. (DIRETRIZES, 2005, p, 26).

#### Em termos operativos:

Em vista das concepções de mundo, sociedade, pessoa, educação, religião explicitadas no marco doutrinário, o trabalho educativo deverá se pautar:

por uma prática pedagógica dialógica que efetive a autonomia em vista de uma sociedade democrática, pluralista e participativa;

por vivências escolares, familiares e comunitárias que concretizem o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a conviver e o aprender a ser.

pela criação de situações e desenvolvimento de atividades (dinâmicas de grupo, pesquisas de grupo, pesquisas de campo, seminários, debates, grêmios e outros) que ajudem a formar consciência das pessoas como cidadãos do mundo;

pela prioridade da ética e da interação sócio-afetiva nos relacionamentos;

pela construção de uma sociedade de justiça, fraternidade, de amor, de igualdade, de respeito mútuo, a cidade da paz, a cidade nova;  
pelo desenvolvimento de conhecimentos e valores religiosos sobre o sentido da vida e da transcendência;  
pela capacitação das pessoas para o enfrentamento de desafios mundiais de emprego, alimentação, moradia, alfabetização, acesso às comunicações, uso de tecnologias e outros;  
pelo conhecimento do Ensino Religioso como área de conhecimento e componente curricular integrante da formação básica do cidadão, que deve acontecer sem proselitismo;  
por vivências contextualizadas do saber religioso dos educandos e de suas famílias para que compreendam o significado das afirmações de fé nas diferentes tradições religiosas, respeitando as suas opções;  
pela ajuda ao aluno a formular perguntas sobre sua existência e fundamentar respostas, que ele poderá encontrar, devidamente informado pelos conhecimentos;  
pela análise do papel que as tradições religiosas têm nas diferentes culturas, desde o início da humanidade;  
pela criação de espaços no cotidiano escolar ou fora dele, para, como escola confessional cristã-católica, de carisma dominicano, dar atendimento, evangelização. (DIRETRIZES, 2005 p. 27 e 28).<sup>22</sup>

Como se percebe, o texto é reflexivo e atualizado e com nítidas intervenções quanto à educação carismática. Daí por diante a tarefa de cada equipe, por escola, seria levar o texto para ser conhecido, estudado e discutido a fim que uma Matriz Curricular comum a todas as escolas fosse também construída e articulada. A Matriz foi construída e está em execução. É evidente que a implantação da Matriz não se deu com rapidez e plena facilidade. Nem todos os professores a exercitam de forma completa, mas a unidade fundamental foi preservada: nas escolas dominicanas o Ensino Religioso é reconhecido como área de conhecimento, consta nas matrizes curriculares com dia e hora aula específicas; não é doutrinário e respeita todo e qualquer aluno de outra confissão religiosa.

Em outubro de 2011, as equipes de Educação Religiosa das escolas dominicanas, reuniram-se em Uberaba/MG para rever o andamento da implantação da Matriz do Ensino Religioso. Vejamos também esta outra carta da Irmã Valéria Moutinho, agora como Priora geral da Congregação, à Irmã Rejane, coordenadora do encontro, e às equipes de Educação Religiosa:

Querida Irmã Rejane e Equipe de Educação Religiosa.  
Pela quarta vez, iluminadas e iluminados pela tocha de Domingos, vocês se reúnem na busca de caminhos seguros para a implantação, no próximo ano, em nossas escolas, da Matriz do Ensino Religioso!

---

<sup>22</sup> O texto das Diretrizes da Educação Religiosa das Escolas Dominicanas foi feito na metodologia do Planejamento Participativo, sobretudo, a partir da teoria do Danilo Gandin. A nomenclatura usada nos Capítulos II, III e IV seguem, também, o pensamento de Gandin.

Como educadoras e educadores Dominicanos, vocês participam do carisma de Domingos – o anúncio da Palavra – ajudados pelas quatro forças que ele escolheu como sustento e apoio de nossa missão. A *oração* como expressão de tudo aquilo que brota do fundo de nosso coração como oferta a Deus, carregada de nossa ação de graça, de nossas carências, de nossos pedidos. Tudo revela a profundidade de nosso ser e de nosso relacionamento com o Deus Pai Materno de profundo amor e misericórdia. O *estudo* que nos revela a verdade de DEUS, a verdade da criatura humana, a verdade da natureza, o grande sacramento de nosso Deus Criador.

A *vida em equipe*, em grupo, em família, em comunidade, o único caminho que nos leva à humanização, que nos livra do egoísmo, que liberta nosso coração, que nos faz crescer ajudadas e ajudados pelo nosso semelhantes para irmos juntos ao encontro de Deus.

Apoiadas e apoiados na oração, no estudo, na comunidade, vocês estarão nascendo do alto, bebendo da água viva e do vinho novo, sempre à procura da pérola preciosa, ajudando crianças e adolescentes a percorrerem, com amor e convicção, os caminhos do bem, da beleza, da verdade, do amor, chegando assim ao fundo de seus corações onde DEUS quer nascer.

Grande e nobre é a missão de vocês. Não tenham medo!

Jesus trouxe o reino para o meio de nós e o Espírito Santo vamos mostrando os caminhos, abrindo nossos olhos e dilatando nosso coração. Bom e fecundo Encontro.

Com alegria, vivo com vocês esse tempo forte de procura, de troca, de enriquecimento e de vida.

Grande abraço, Irmã Valéria Moutinho. (EDUCADORES DOMINICANOS. Relatório. Uberaba 2011).

É nessa perspectiva de lembrança da essência do carisma, oração, estudo, vida fraterna e missão de apoio e orientação da Piora Geral que o “anúncio da palavra sustenta a missão, cria fraternidade, dá força e vigor para a prática educativa daqueles que escolheram trilhar os caminhos de Jesus pela experiência de São Domingos e Madre Anastasie.

Por outro lado é importante não esquecer o alerta Weberiano: (...) “a cotidianização do carisma” não se faz sem lutas. (WEBER 1996, p.202).

Para os estudiosos da educação católica no Brasil essas lutas são inerentes ao trabalho educacional de formação humana, por isso é fundamental compreender que:

No limiar do terceiro milênio a educação e a escola católica encontram-se perante novos desafios criados pelos contextos sociopolíticos e cultural. Trata-se especialmente da crise de valores que, sobretudo nas sociedades ricas e desenvolvidas, assume muitas vezes as formas de subjetivismo difuso, de relativismo moral e de niilismo, exaltados pelos meios de comunicação social. O profundo pluralismo, que invade a consciência social, dá origem a comportamentos diferentes, às vezes de tal maneira antitéticos que acabam por destruir qualquer identidade comunitária. As rápidas mudanças estruturais, as profundas inovações técnicas e a globalização da economia incidem cada vez mais sobre a vida do homem em todas as partes do mundo. Contrariamente à perspectiva dum desenvolvimento para todos, assistimos ao crescimento acentuado da

diferença entre os povos ricos e os povos pobres e as enormes ondas migratórias dos países subdesenvolvidos para os desenvolvidos. O fenômeno de uma sociedade multicultural que se torna cada vez mais multirracial, traz consigo não só enriquecimento, mas também novos problemas. A isto se junta, nos países de antiga evangelização, uma marginalização crescente da fé cristã como ponto de referência e luz na interpretação efetiva e convicta da existência. (MAURA, 2000, p. 218)

É nesse meio ambiente cultural, que condiciona a vida das escolas e universidades, que a Igreja tem que atuar. Não há como fugir da realidade que os cerca, tentando criar modelos irrealistas de comportamentos e expectativas. Para tanto, seus membros, religiosos e leigos, precisam ter coragem e condições intelectuais adequadas para o enfrentamento não só indagações contundentes dos nossos dias, como também oferecer, ao mesmo tempo, formação de excelente nível científico e humanístico, para todos os seus alunos. Certamente, na atual conjuntura nacional e internacional, a tarefa a ser desempenhada não é fácil. (MAURA, 2000, p. 219-220).

Várias intervenções insistem na necessidade de que cada escola católica, mediante sua atuação, manifeste verdadeiramente uma identidade católica [...]. Como bem explica a Lei de Diretrizes de Bases, em seu artigo 1º, “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisas, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. No parágrafo primeiro do mesmo artigo, esclarece a lei que visa ela disciplinar “a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias”. (MAURA, 2000, p. 224-225).

Como se pode perceber há uma exigência histórico/legal “instituições próprias” como também sócio/cultural “identidade católica” para que a escola religiosa explicita claramente seu carisma, mostre a que veio e porque continua existindo. Contudo, como todo processo de evangelização, não basta o discurso é preciso comprovar as ações e legitimá-las. Esse é o sentido histórico/sociológico do carisma, como aprendemos com Weber.

## **5 A “COTIDIANIZAÇÃO” DO CARISMA DOMINICANO/ANASTASIANO NO COLÉGIO EXTERNATO SÃO JOSÉ**

Após o relato sucinto da Educação Católica no Brasil, do Ensino Religioso nas escolas dominicanas, da vinda das Irmãs Dominicanas para o Brasil, em especial para Goiás e Goiânia, e do entendimento da manutenção do carisma ao longo dos tempos, buscaremos proceder uma leitura da realidade em questão sob a ótica da hipótese: os valores dominicanos/anastasianos, entendidos como ação evangelizadora, são fatores ímpares para o exercício da preservação do carisma dominicano e sua cotidianização no processo educativo do CESJ, nesses tempos de terceiro milênio.

### **5.1 DAS ORIGENS DO COLÉGIO EXTERNATO SÃO JOSÉ**

Assim era o cenário da educação na cidade de Goiânia ao longo das décadas que antecederam a vinda das Irmãs dominicanas: a primeira escola de ensino médio, o Colégio Santa Clara (escola confessional católica), que formava ginasianas e normalistas, desde 1922. O Liceu de Goiania, escola pública, que chegou a Goiânia em 1937.

A primeira Faculdade de Goiânia se instalou em 1937, a qual foi uma espécie de embrião da Universidade Federal de Goiás

A chegada das Irmãs Agostinianas, que colocaram em funcionamento o Colégio Santo Agostinho. Nas salas dessa escola, doze anos mais tarde foram dadas as primeiras aulas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, embrião da Universidade Católica de Goiás. Em 1941, os salesianos fundam o Ateneu Dom Bosco. E compondo o cenário da educação goianiense, a chegada das Irmãs Dominicanas em 1948, para a fundação do CESJ.

O dia 7 de janeiro de 1948 marca o início do CESJ na cidade de Goiânia. É mais um arrojado sonho das educadoras Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteis: fundar mais um colégio onde a infância e a juventude seriam educados na fé e na ciência.

Irmã Marie Aimée, vinda do colégio Nossa Senhora das Dores de Uberaba-MG, onde trabalhou durante 30 anos, foi a escolhida pelas superiores da Congregação para fundar o Externato São José. Ela contou com a colaboração da Irmã Maria Celina, francesa, radicada no Colégio Sant' Ana para auxiliá-la em todos os empreendimentos e dificuldades.

O primeiro compromisso foi procurar uma casa onde pudessem alojar-se e acolher os primeiros alunos. No dia 10, chegou a terceira fundadora: Irmã Gabriela da Imaculada e, nesta mesma data, seu pai, o Senhor Hermógenes Coelho, prefeito da cidade de Goiás, colocou à disposição das fundadoras, uma casa de propriedade sua, à rua 23, número 25, no centro de Goiânia. Nessa residência nasceu o CESJ.

Não havia móveis. Uma caixa lhes servia de mesa, rememorando as primeiras escolas francesas de Madre Anastasie, pobreza e despojamento. Isa Gomes, uma senhorita goiana, providenciou as camas necessárias, tornando-se uma grande benfeitora.

No dia 19, apresenta-se a quarta fundadora, vinda de São Paulo, Irmã Maria Eulália Costa, que se dedicaria à cozinha e ao jardim.

Irmã Inês de Jesus, priora geral da Congregação, e Irmã Angela da Eucaristia, regional do Brasil, chegaram no mesmo dia 19 para visitarem a nova fundação.

No dia 2 de março do mesmo ano iniciou-se o ano letivo do novo Estabelecimento de Ensino, com três classes, com um total de 125 alunos. E assim, tem início a tarefa de educar, das Irmãs dominicanas na cidade de Goiânia.

Com a fundação da primeira série do curso Ginásial (atualmente o sexto ano do Ensino Fundamental), com 32 alunos, em 1952, foi necessário a construção de 8 salas, no terreno adquirido na mesma rua. Bem acolhido pelos pais e amigos, o colégio foi crescendo e conceituando-se. O CESJ escreve sua história simultaneamente com a história da capital goiana.

Nas décadas de 1940 e de 1950, a nova capital de Goiás já registrava um crescimento superior ao planejamento inicial, que era de 50 mil habitantes. Da população de mais de 53 mil pessoas em 1950, cerca de 40 mil (cerca de 75%) viviam em território urbano, formado basicamente pelos bairros Centro, Norte, Sul, Oeste e cidade satélite. O crescimento demográfico aumentou consideravelmente devido a uma série de fatores, tais como a chegada da estrada de ferro em 1951, a retomada da política de interiorização de Vargas entre 1951 e 1954, a inauguração da Usina do Rochedo em 1955, a construção de Brasília entre 1956 e 1960, as obras viárias que promoveram a ligação do Planalto Central com o resto do país e

uma das leis aprovadas por Eurico Viana, então prefeito da cidade, que consistia em não obrigar os donos de loteamentos em oferecer estrutura urbana nos novos bairros causou o surgimento de novos bairros na cidade em regiões mais distantes, como Jardim Balneário Meia Ponte, Coimbra, Universitário, Norte Ferroviário, Setor dos Funcionários, Sul, Oeste, Aeroporto, Fama e Pedro Ludovico. Nessa década a capital goiana ganhou mais 125 bairros. Em 1960, Goiânia já contava com mais de 150 mil habitantes. GOIÂNIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/>. Acesso em 26/10/2012.

Em 1957, em pleno mato iniciou-se a construção do atual prédio, pelo engenheiro Dr. Tleido Emrich, cujas filhas foram alunas e onde estudaram seus netos. Foi lenta a construção devido à ausência de recursos financeiros. Em 1963, o CESJ se transferiu para o atual prédio.

O trabalho das Irmãs dominicanas em Goiânia com a educação se ampliava, assim como a cidade de Goiânia a qual viveu nestes tempos marcos históricos como:

A inauguração da Santa Casa (instituição destinada a atender a população carente) do primeiro hospital, Santa Luisa, da Associação Médica de Goiás, o primeiro Congresso médico do estado de Goiás, primeiro aeroporto, os clubes Jóquei, Jaó, Country, o Lago das Rosas, o I Congresso Nacional e Internacional de Escritores [...] com a presença de um dos maiores poetas da Língua espanhola- Pablo Neruda, e ainda, a benção do Santo Padre João de Deus. Outros eventos da jovem capital nas décadas de 50 a 80: Primeira emissora-Rádio Clube de Goiânia, a inauguração do Teatro Goiânia, a inauguração da estátua do Bandeirante. (ROCHA, 2009, p.197-227-243-259).

Na década de 1970, à medida em que a população mais do que dobra em relação à década anterior, o trânsito goianiense ganha o acréscimo de milhares de carros. A cidade ganha três emissoras de televisão, três jornais diários e o Estádio Serra Dourada, à época um dos mais modernos do país. GOIÂNIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/>. Acesso em 26/11/12)

É também nessa mesma década que o Colégio atingiu a faixa de mais de mil alunos, chegando às décadas seguintes a 1.800 alunos. Atualmente a escola conta com 1.400 alunos. Esse decréscimo explica-se muito mais por fatores sócio-político da dinâmica da cidade e não por questões internas do colégio quais sejam abertura de muitas escolas de ensino fundamental, também de qualidade e definições mais rígidas na legislação educacionais estadual e municipal, principalmente quanto ao número dos alunos por sala.

Ao longo dessas décadas aos dias atuais, foram diretoras do CESJ:

De 1948 a 1950 - Irmã Maria Aimée de Jesus

De 1951 a 1953 - Irmã Maria da Glória Smith

De 1954 a 1960 - Irmã Colomba  
 De 1963 - Irmã Norbertina Saddi  
 De 1962 a 1994 - Irmã Regina Zicardi  
 De 1965 a 1966 - Irmã Maria Margarida  
 De 1967 a 1968 - Irmã Edilberta da Veiga Jardim  
 De 1969 a 1971 - Irmã Anísia de S. Lôbo  
 De 1972 a 1966 - Irmã Rosa Amélia de Figueiredo  
 De 1977 a 1984 - Irmã Mirtes Luis Pereira  
 De 1984 a 1987 - Irmã Rita Silveira Borges  
 De 1988 a 1999 - Irmã Maria Edith de Rezende.  
 De 2000 a 2011 - Professora Esp. Maria Terezinha Baptista e Lins Rocha  
 De 2011[...] - Professora Ms. Darlei Padilha<sup>23</sup>.

Como se pode notar a partir do ano 2000 a direção do CESJ passou a ser exercida por educadoras leigas. No linear do terceiro milênio, essa mudança de direção, de religiosas para leigos, foi um fenômeno nacional entre as escolas católicas brasileiras. Um especialista em educação católica assim refletiu sobre a questão, considerando, sobretudo as transformações ocorridas no interior das congregações religiosas. Na sua perspectiva:

[...] estou convencido de que a ação evangelizadora da igreja não pode prescindir de uma dimensão e ação educativa. Por minha atuação na CRB<sup>24</sup> e na CLAR<sup>25</sup>, adquiri algum conhecimento pessoal das mudanças históricas vividas pela Vida Religiosa no Brasil e do impacto dessas sobre a escola católica, uma instituição que teve enorme peso na configuração das congregações que se firmaram em nosso país. (VALLE, 2009, p.10).

Para o autor, a vida religiosa hoje, que emerge no Brasil tem limitações quanto ao trabalho educativo escolar.

---

<sup>23</sup> Ms. Darlei Padilha- Mestra em Educação pela UFG, MBA em Gestão de Pessoas pela ALFA e especialista em Docência Universitária pela PUC, graduada em Pedagogia e Direito pela UEL, Black Belt em Lean Six Sigma. Foi superintendente de Gestão Escolar na SEE-GO, Gerente de Qualidade Acadêmica das Faculdades ALFA, Coordenadora do curso de Pedagogia das Faculdades ALFA, Consultora Externa do MEC no Programa de formação continuada de professores PCN em Ação. Atuou como Coordenadora do Colégio Dom Bosco/PVH, professora no Ensino Fundamental em escolas da rede pública e privada. É professora universitária há 20 anos das disciplina de didática e gestão educacional. (REVISTA INFORMATIVA, 2011).

<sup>24</sup> CLAR – Conferência Latino Americana de Religiosos.

<sup>25</sup> CBR – Conferência dos religiosos do Brasil

As novas formas que emergem aqui e ali estão pouco ou nada interessadas pelo trabalho institucional no campo educativo. Em outros termos, elas não trazem nenhum alívio para a crescente ausência de religiosos/as em escolas mantidas por congregações religiosas. Em compensação, aumenta proporcionalmente a presença ativa de leigos/as, fato promissor em si, mas ainda não bem discernido na prática. (VALLE, 2009, p. 15).

De forma ainda mais crítica acrescenta o autor,

[...] leigos e leigas e que, por algum motivo, permitem ver melhor os impasses e contradições entre o que a Igreja Católica proclama em suas afirmações de princípio e documentos e o que é de fato vivido em sua realidade prática.

Foi nesses tempos que o CESJ passou por uma mudança significativa. Em dezembro de 1999, quando a Congregação Dominicana de Nossa Senhora do Rosário de Monteils completaria seus 150 anos de Missão evangelizadora, a educadora dominicana, Maria Teresinha e Lins Rocha, ex- aluna, psicopedagoga, com uma experiência de trabalho no Colégio por mais de 20 anos como orientadora educacional e coordenadora pedagógica, recebeu o convite da Piora Provincial para assumir a Direção do ESJ. Nas palavras da educadora escolhida:

Em 1999, às vésperas da Congregação Dominicana de Nossa Senhora do Rosário de Monteils completar 150 anos de missão evangelizadora, recebi o honroso convite de Ir. Valéria Moutinho, então Piora Provincial, para assumir a Direção do Externato São José. Um privilégio e um desafio e tanto! Principalmente, porque pela primeira vez na Congregação dominicana, uma leiga assumiria o cargo, até então restrito às Irmãs. Porém, a confiança das Irmãs Dominicanas, o apoio da Comunidade Educativa e a minha convivência significativa com a instituição (ex-aluna, mãe de quatro ex-alunos e, a época funcionária, já há 25 anos), motivaram-me a aceitar [...]. (REVISTA INFORMATIVA, 2011, p.6).

Como se nota em termos de “cotidianização do carisma” não houve nenhuma ruptura. Uma Irmã da congregação foi substituída por uma educadora dominicana (ex- aluna) com mais de 25 anos de experiência profissional no Colégio. Nestas circunstâncias é importante lembrar o referencial weberiano [...] “a capacidade carismática se converte em um objeto possível de educação”. (WEBER, 1996, p.876).

Ainda dentro das comemorações de 150 anos de missão das Irmãs dominicanas, o Boletim Interprovincial das Províncias de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora de Guadalupe e Madre Anastasie nos traz os seguintes

depoimentos que comprovam o compromisso dos educadores leigos com o carisma dominicano.

Desejo de coração fraterno que as Irmãs dominicanas continuem a responder aos apelos da cultura Pós – Moderna, vivendo e praticando os ensinamentos da Boa Nova nas dimensões seguintes: política, técnica e humana. Nesses anos de convivência, sou testemunha deste trabalho. José Xavier Patrono<sup>26</sup> (BOLETIM INTERPROVINCIAL, 2000, p.19).

Que a congregação continue, nesse novo milênio, cada vez mais firme e mais forte em seu testemunho e seguimento a Jesus pelos caminhos traçados por Domingos e Anastasie: buscar e testemunhar a Verdade, a autenticidade e a simplicidade com bom senso. Bom senso esse que nunca foi tão necessário como nos dias de hoje, tempos de modernidade, de novos paradigmas. Tempos para serem enfrentados com ‘prudência e sabedoria prática’, como nos ensina Frei Timothy.

Nós, educadores dominicanos, precisamos que essa fonte não seque. A ‘erupção’ dessa água é o nosso sal, a nossa Luz, a nossa esperança na difícil missão de compartilhar com a Congregação e as famílias que a nós confiam a formação de crianças e jovens para se tornarem adultos amantes do Evangelho e comprometidas com a transformação da realidade social e ecológica tão injusta e excludente na qual estão inseridos. Maria Teresa Lousa.<sup>27</sup> (BOLETIM INTERPROVINCIAL, 2000, p. 21).

A compreensão atualizada e a fidelidade ao carisma serão, pois a fonte para abertura de um leque de possibilidades, para uma ação dinâmica, conjunta e renovada voltada ao Evangelho de Jesus Cristo, possibilitando uma formação sólida e coerente com evidências de manutenção deste carisma.

Percebe-se nos depoimentos acima, além da função de celebrar, a preocupação com a essência do carisma dominicano.

Portanto, ter comprometimento com a causa da Missão da Comunidade é ter conhecimento da vida e ensinamentos do Carisma dos Fundadores, da espiritualidade, das Constituições e das Regras, e principalmente, ter a capacidade de ajudar os membros na leitura dos sinais dos tempos.

Aqui, então é fundamental registrar um trecho das constituições das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteis para se perceber a articulação das falas com os princípios e valores da congregação.

---

<sup>26</sup> José Xavier Patrono–Teólogo, seminarista, filósofo. Graduado pela Faculdade de Letras e Ciências Dom Bosco, João Del Rei, MG. Em 1968 passou a fazer parte da equipe do CESJ como Orientador Educacional. Cargo que ocupou durante 35 anos.

<sup>27</sup> Maria Teresa Lousa. Ex- Aluna do CESJ Doutora em Educação pela PUC/SP. Professora aposentada da UFG, mãe de duas ex-alunas do colégio. Trabalhou no CESJ de 1997 a 2006, como Coordenadora Pedagógica e Assessora Pedagógica.

Na fidelidade as nossas origens e a nossa tradição, procuramos responder hoje às necessidades de nosso tempo e aos apelos da Igreja por diversas formas de presença seja em instituições escolares, hospitalares ou de caráter ou de caráter social, seja em pequenas comunidades não-inseridas em uma instituição, na maioria missionária e implantadas em meio popular. Como nossa vida apostólica se deve concretizar por uma inserção autêntica nos meios e evangelizar, essa exigência nos conduz a ponderar atentamente as mutações do mundo moderno que engendram novos tipos de estruturas e de relações sociais. (CONSTITUIÇÕES, 1985, p.59).

Como se pode perceber, mesmo cem anos depois, esse texto transmite as mesmas expectativas da carta do Bispo francês ao Bispo da cidade de Goiás, em 1885, quando da chegada das Irmãs a essas terras de cerrado.

Sabe-se que os princípios e, conseqüentemente, os valores os quais estão contidos no carisma da instituição decorrem da inspiração fundacional, da razão de existir da instituição. Quando a instituição passa por mudanças, como é o caso da direção do CESJ ser assumida por leigos exigindo o enfrentamento do pensamento moderno, isso leva a pensar em mudanças da sua visão de futuro, e de opções estratégicas. Percebe-se então, mais do que nunca, que a manutenção do carisma deve ser permanentemente útil já que a realidade prática exige estar em dia, com os diferentes enfoques e matizes dos sinais dos tempos.

## 5.2 A DINÂMICA DA RELAÇÃO CARISMA E PROCESSO EDUCATIVO NO COLÉGIO EXTERNATO SÃO JOSÉ

A nova direção, iniciada em 2000, teve então de aprender defendendo o duradouro, mas sem negar-se a aceitar as mudanças da realidade. Assim, no momento que assumiu a direção do CESJ, assumiu também o compromisso de seguir trabalhando pela justiça, pela tolerância, pela aceitação e respeito às individualidades de cada um, pela preocupação com os mais pobres tal como desejaram seus fundadores, tal como seus projetos centenários previam que acontecesse.

Outro momento muito importante da vida do CESJ foi a comemoração de seus 60 anos de existência.

Nas palavras da diretora à época:

Tempo de memória! Tempo de lembranças e gratidão por todos aqueles – Irmãs Dominicanas, professores, alunos, funcionários e pais – que deram sua contribuição para fazer do Externato São José, um marco educacional,

na sociedade goianiense. E também para os que ainda estão aqui realizando um trabalho com seriedade, competência e responsabilidade, na busca de responder às necessidades vitais dos homens de hoje: é a certeza de estarmos concretizando o carisma de Madre Anastasie, na condição de educadores dominicanos.

[...] Continuemos firmes em nossa Missão, deixando belas e profundas marcas, na vida das crianças e jovens que passam por esta escola. Investir nas crianças, nos jovens, nas famílias é ter o privilégio de trabalhar com a matéria prima necessária à construção de outro mundo possível. O mundo que sonhamos. (REVISTA INFORMATIVA, 2008, p.1).

E ainda mais uma vez a Piora qual Irmã Valéria com seu “jeito dominicano” de escrever cartas, (hábitos que os dominicanos repetem através dos tempos), sempre descrevendo com clarividência a prática vivida e resumindo com alegria, espírito de justiça e verdade a fidelização e animação para com o carisma.

Parabéns, Externato São José, pela comemoração de seus 60 anos! Você cresceu com a força das DOMINICANAS, suas fundadoras, que, inspiradas no carisma dominicano, se tornaram uma presença profética como educadoras de formação integral nos conteúdos, na metodologia e, sobretudo no testemunho dos valores evangélicos.

O tempo foi passando e você, Externato, foi compreendendo que seu carisma é dinâmico e por isso apostou, soube ler os sinais dos tempos. Você foi crescendo em espaço físico à medida que via aumentar o número de crianças e jovens que o procuravam. Os métodos foram se modernizando e se adaptando às exigências de uma formação integral. Os professores foram se especializando e com grande criatividade buscaram formas de assumir o educando ajudando-o a crescer em todas as dimensões do ser humano. Os pais foram percebendo esse empenho, esse jeito dominicano de educar, transcendendo os limites pessoais e conjunturais para fazerem de seus filhos e filhas cidadãos do mundo de hoje, aptos a enfrentar seus desafios, firmes na conquista de meios que lhe possibilitem a sua integração no meio universitário e profissional. Parabéns, Externato São José, pelos seus Projetos Sociais que educam famílias, crianças e adolescentes na ótica do oprimido, cultivando a sensibilidade para com os nossos semelhantes, ouvindo seus gritos por justiça e solidariedade. Parabéns, Externato São José, pelos seus Projetos de Inclusão, o respeito à limitação de cada um, sendo todos e todas nós filhos do mesmo Deus que é Amor e Misericórdia. Parabéns, Externato São José, pelos seus Projetos Ecológicos, mostrando que a Terra é nossa Casa e que dependemos uns dos outros para vivermos pacificamente garantindo às gerações que se seguem um futuro comum. Parabéns, Externato São José, pelo seu Projeto de Educação Religiosa, aberto ao ecumenismo, respeitando toda procura de Deus, uma vez que ela se dá e se verifica no amor que temos para com nosso semelhante. E hoje, quantas gerações estão aí, celebrando com saudade, alegria e gratidão, seus 60 anos! [...] (REVISTA INFORMATIVA, 2008, p.2).

Como se pode perceber nessa carta estão descritas as condições de manutenção do carisma dominicano na trajetória histórica do CESJ, que há mais de seis décadas está incrustada no tradicional bairro do Setor Oeste, na cidade de Goiânia.

O texto da Irmã Valéria torna-se então para o texto e o contexto desse último capítulo uma referência esquemática para a busca de comprovação de nossa hipótese: os valores dominicanos/anastasianos entendidos como ação evangelizadora são fatores ímpares para o exercício do carisma dominicano/anastasiano e sua cotidianização no processo educativo do CESJ nesses tempos de terceiro milênio.

Nos dizeres da Piora Geral estão presentes: o modo dominicano de ser (carisma) do CESJ no cotidiano de seu processo educativo; sua missão, a modernização dos seus métodos, o perfil dos professores, atuação dos pais, perfil dos alunos, o desenvolvimento dos projetos pedagógicos e sociais. Explicitar esses itens na tentativa de corresponder a nossa hipótese será a tarefa a seguir. Para tanto buscaremos no material de arquivos e registros existentes no Colégio a base documental para realizar tal tarefa.

### 5.2.1 O modo dominicano de ser (carisma) do Colégio Externato São José

**A escola.** O CESJ é uma das unidades da Congregação Dominicana de Monteils e da Província de Nossa Senhora de Guadalupe. Ela tem por finalidade, a educação formal de crianças e adolescentes e, para melhor efetivá-la, constrói e sistematiza sua proposta pedagógica, tendo com pontos de referência: a palavra de Deus, o ideal Cristão Dominicano Anastasiano, o ser humano e o contexto onde ele está inserido. Assim sendo, o CESJ é convocado a participar e a interagir numa sociedade científica e tecnológica, mas ao mesmo tempo, desafiado a se transformar pela exigência de novos paradigmas. O CESJ, em sua missão evangelizadora, visa à formação integral de seus educandos. Ele propõe cultivar valores humanos, como a solidariedade, à qual supõe-se a capacidade de sentir o coração do outro, a capacidade de conviver com todas as coisas, com reverência e respeito e, por fim, com a compaixão, que é a capacidade de compartilhar da paixão do outro com o outro. (REVISTA INFORMATIVA, 2012, p.15).

### 5.2.2 Explicitando a missão

Toda organização tem uma razão para existir. Essa razão é explicitada no texto da Missão. No caso das escolas católicas, a missão retrata a inspiração do seu fundador ou fundadora. É a inspiração fundacional, que norteia a postura institucional, geralmente ligada ao carisma.

Para o CESJ sua missão assim se revela:

**Filosofia e missão.** À luz do pensamento de nossa fundadora, Madre Anastasie, a congregação tem como prioridade a Missão, que se realiza através da educação nas instituições e nas inserções populares. Fiéis nas nossas origens e à nossa tradição que tem como ponto de partida o Evangelho e a opção pela igreja, na América Latina, a Comunidade Educativa de Externato São José desenvolve uma educação Libertadora, luta pela justiça e pela Paz, buscando responder às necessidades vitais do homem de hoje aos quais nossa vida apostólica nos envia. (REVISTA INFORMATIVA, 2012, p.14).

### 5.2.3 Sobre a modernização dos métodos

A proposta pedagógica do CESJ está pautada pela perspectiva sóciointeracionista e nos fundamentos da aprendizagem significativa. Desta forma, nossa prática educativa sustenta-se no modo pelo qual trabalhamos a dimensão de unidade na diversidade entre nossa missão e nossos norteadores teóricos, ou seja, o modo de perceber e captar a realidade educacional em sua essência, dinamicidade aperfeiçoamento.

A escola adota como eixo metodológico a ênfase na aprendizagem significativa, pautada em um currículo que privilegia as habilidades e competências que se apresentam como decorrência dessa aprendizagem [...]. (REVISTA INFORMATIVA, 2011, p.16).

E ainda, ilustrando um pouco mais com as falas das duas últimas diretoras, a do período de 2000 a 2011 e a atual:

Em 2010 falava a Professora Terezinha Batista Lins e Rocha ainda diretora do CESJ:

Estamos novamente em clima de jubileu. Neste ano, a Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Rosário de Monteils completa 160 anos. Em todo esse período sempre trabalhou pela justiça, pelo amor, pela paz e buscando constantemente, encontrar respostas às questões vitais de todos aqueles a quem são enviados.

Os acontecimentos recentes, porém, nos levam a comemorar de uma maneira menos festiva e mais reflexiva, abordando a questão ambiental, o bullying e visando não só as vítimas das tragédias, mas principalmente, no nosso dia a dia. Queremos também, neste ano enfatizar mais o contato família - escola. Acreditamos que a escola, que busca resultados positivos, deve agir como elemento de união dos alunos, da família e da comunidade. (INFORMATIVO, 2010, p. 5).

Na continuidade das mesmas preocupações e enfatizando mudanças pedagógicas, em 2011, a nova diretora, Darlei Padilha, expõe:

Fizemos a revisão com o grupo gestor, do Regimento Escolar e as mudanças mais significativas foram incluídas na agenda institucional, que é um importante documento e meio de comunicação escola- família. Por esta razão, ela foi adotada como material didático obrigatório para todos os alunos de primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental.

Definimos a nova coleção do uniforme escolar. Ela será, gradativamente, adotada a partir deste ano para todos os alunos da Educação Infantil ao nono ano do Ensino Fundamental. Mais que uma forma de identificação dos alunos, o uniforme escolar contribui para a integração, socialização e proteção dos alunos, o que justifica a importância do nome do aluno bordado na camiseta.

Pretendemos que todos os nossos alunos sejam chamados pelos próprios nomes, tanto pelos professores e demais funcionários da escola, quanto pelos outros alunos, em especial em momentos de confraternização livre nos pátios e quadras esportivas. Esse simples procedimento contribui com o fortalecimento da rede social de proteção, quando todos se conhecem e podem alertar os responsáveis, monitores, professores e gestores sobre alguma irregularidade ou risco que, por ventura alguém possa sofrer.

Na busca de inovação e da qualidade, ainda maior, no processo ensino-aprendizagem, fizemos também a revisão da matriz curricular do colégio. A partir desse ano, os alunos de oitavo e nono anos terão uma aula semana a mais em função da inclusão da disciplina "Arte- Expressão música," no currículo da segunda fase do Ensino Fundamental.

Já é comprovado cientificamente que o ato de ouvir, tocar e compor música mobiliza quase todas as áreas do cérebro. Por meio de atividades musicais é possível desenvolver aspectos como atenção, concentração, socialização, disciplina, criatividade e memória. Ainda, alguns livros didáticos e paradidáticos foram substituídos, por motivo de atualização e em nome dessa qualidade, da qual, não abrimos mão. (REVISTA INFORMATIVA, 2012, p.15).

Contudo, nada disso pode ser concretizado se mulheres e homens educadores não estiverem comprometidos com esta causa. E como devem ser esses educadores?

#### 5.2.4 Perfil do educador dominicano:

**O educador Dominicano/Anastasiano.** É aquele que assume a filosofia da escola, a qual se sustenta em quatro pilares: missão, estudo, oração e comunidade. Dessa forma, ele tem a missão de educar de acordo com os valores cristãos; de investir no estudo a fim de aprimorar sua formação pessoal e competência profissional; de praticar a fé e a oração através de ações que promovam a vida e a fraternidade na escola e fora dela. A capacidade de trabalhar em equipe, cooperativamente, também é uma qualidade que o educador dominicano deve aprimorar a fim de promover a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças e jovens, contribuindo para que sejam cidadãos éticos, responsáveis e que atuem positivamente na comunidade. O educador deve assumir a filosofia a filosofia dominicana/anastásiana e a proposta pedagógica da escola e, conseqüentemente: Ser acolhedor, verdadeiro, sensível, às necessidades do(s) outro(s). Aprimorar sua prática cotidiana, sua competência profissional e seu crescimento profissional. Ser capaz de promover o diálogo interdisciplinar e as aprendizagens significativas. Ter a percepção das diferenças individuais e respeito criterioso a elas, bem com realizar, efetivamente, uma Educação Inclusiva. (REVISTA INFORMATIVA, 2012, p.15).

Na expressão de um professor, alunos e ex- alunos esse perfil pode ser assim ilustrado:

A feira de Ciências do CESJ, assim como todo o projeto pedagógico dessa instituição, prima pela excelência acadêmica e pela formação de estudantes protagonistas e que saibam compreender e intervir conscientemente no mundão que estão inseridos. Estimulamos a [...] Irmã Colomba recebia os estudantes na chegada, tocava o sinal do recreio, estava sempre na porta no término da aula. Tinha uma palavra ou um gesto para sensibilizar, confortar e transmitir esperança, indicando o caminho a ser seguido. E assim ela nos influenciava a sermos melhores.

Atenciosa, não esquecia jamais de alguém que já havia passado pela escola [...] Mulher decidida, tomava decisões com segurança e sabedoria. A alegria era sua companheira constante. Tinha um lema: fé, força e coragem [...]. (REVISTA INFORMATIVA, 2011, p.9)

Construção de valores éticos e morais que possam guiar os jovens em uma sociedade carente de cidadãos versáteis, antenados com o mundo, mas, acima de tudo, íntegros. Prof. Ivan Alexis Matta Júnior<sup>28</sup> (REVISTA INFORMATIVA, 2012, p. 25).

Nosso muito obrigada aos professores que nos acompanharam nessa trajetória, oferecendo-nos não só conhecimento, mas também amor. Em cada festa junina, em cada JIEX- Jogos Internos do CESJ, em cada recital, nas Feiras de Ciência, nos gestos fraternos, sentíamos o gostinho delicioso de estudar em uma escola tão completa e maravilhosa! Para o CESJ que nos fez crescer na fé, no respeito, na integridade, no amor, representados nos gestos humildes de nossa querida e saudosa Irmã Colomba<sup>29</sup>, o nosso muito obrigada. Foi aqui que vivemos momentos cercados de magia e que ficaram marcados em nosso coração. Aprendemos o valor da amizade e fizemos não só amigos, mas companheiros eternos [...]. Afinal, cativamos e fomos cativados. Amanda Guriam, aluna do 9º ano/ 2012. (REVISTA INFORMATIVA, 2012, p.21).

Foram onze anos de CESJ e, se pudesse, ficaria mais onze, mais vinte e dois, a eternidade! Se pudesse, contaria cada segundo maravilhoso e inesquecível que passei por aqui. [...]. Ouço as músicas dos intervalos, as preocupações ainda de menina e até mesmo- com muita saudade – do sininho da nossa querida Irmã Colomba. Vejo a simpatia dos professores, diretores e funcionários e a preocupação deles com os alunos [...]. Fui amadurecendo a cada ano, não só por aprender fatoração, mas, principalmente, por me tornar uma cidadã cada vez melhor. Andreza Martins<sup>30</sup>. (REVISTA INFORMATIVA, 2012, p. 39).

Foram nove anos no CESJ, entre 1981 e 1990. Entrei criança, vivi a adolescência e sai do colégio quase adulto. Levei o aprendizado das disciplinas como base para o 2º grau e também para o vestibular Universidade Federal de Goiás, onde me formei para Jornalismo. Mas o mais importante foi a influência decisiva da Escola na formação de caráter. E acho muito legal ver meus sobrinhos Mateus, que conclui o 9º Ano em 2010, e Ana Clara com a mesma base escolar. Até hoje guardo boas amizades com ex- colegas e ex- professores. E guardo também o gosto pelo esporte que vem desde a época do CESJ, o que contribuiu para seguir a carreira de jornalista esportivo. Nas aulas de Educação Física

<sup>28</sup> Ivan Alexi Matta Junior. Licenciado em Física pela PUC-GO. Especialista em Educação Matemática pela Faculdade Araguaia. Professor de Física e Matemática do CESJ.

<sup>29</sup> Irmã Colomba-Irmã- (1916-2010) - uma das fundadoras, ex- diretora, e ex-secretária do CESJ.

<sup>30</sup> Andreza Martins. Ex- aluna do CESJ. 1º lugar no ENEM-2011.

comandadas pelo professor José Humberto, eu era o primeiro a chegar e o último a sair. Joguei futsal em todas edições do JIEX que tive direito, além de ter representado a escola em vários torneios externos. E no esporte aprendemos muito a lidar com vitórias e derrotas, servindo de lição para toda a vida. É com muita alegria que vejo o JIEX chegar aos seus 30 anos bombando. E como também faça parte dessa história, quero comemorar e dar os parabéns a todos que contribuíram e ainda contribuem para o sucesso e eficiência do CESJ. Sem deixar de lembrar, claro, da nossa saudosa e inesquecível Irmã Colomba. Rafael Sebba<sup>31</sup>. (REVISTA INFORMATIVA, 2012, p.25).

### 5.2.5 E quanto ao perfil do aluno? O que é ser um aluno dominicano/anastasiano?

O aluno dominicano/anastasiano deve: ser ativo, capaz de perceber, conhecer, questionar e aperfeiçoar a realidade em que vive. Comprometer-se com sua aprendizagem e seu desenvolvimento físico, psicológico e cognitivo. Ser respeitado em sua condição humana de vida, em suas características individuais, mas também convocado ao respeito próprio e mútuo, à interação com o outro, com os outros e com a comunidade. Ser estimulado a reconhecer-se em suas potencialidades, limites, a sentir-se desafiado e condignamente avaliado pela firmeza, amplitude de horizontes, clareza e justiça do processo pedagógico que vivencia e do qual faz parte. (REVISTA INFORMATIVA, 2012, p.15).

Nas palavras do próprio aluno tudo isto é assim, pensado, descrito e idealizado como referencial de vida.

A palavra dominicano tem sua origem em São Domingos. Então, ser dominicano é seguir os princípios de São Domingos. Ele era um homem que nasceu rico, numa família de nobres, mas logo que conheceu a história de Jesus, começou a doar seus bens e a seguir seus princípios. Domingos adotou muitos valores na sua vida. Alguns deles eram: fé, verdade, humildade, alegria, fraternidade e sabedoria. Ser estudioso, ter sensibilidade, fazer oração e lutar pela verdade foram exemplos dedicados por ele. O CESJ é uma escola fundada pelas Irmãs Dominicanas e muitas famílias já perceberam que esses valores são vivenciados pelos seus alunos do Infantil até o 9º Ano. Sou prova disso; acho muito bom que as escolas de hoje tenham valores dominicanos, faz muito bem para o caráter dos alunos. Devemos lembrar que os valores dominicanos são muito diferentes do Bullying, que é uma atividade que deve ser desencorajada pela escola, pois gera coisa totalmente contrárias aos valores que foram propostos por São Domingos. Para finalizar, gostaria de falar que não se deve ter vergonha de seguir os princípios dominicanos, pois eu sei que você irá sentir orgulho de estudar numa escola com esses princípios e valores. E de fazer a coisa certa para a sociedade e para Deus. Satisfação pessoal garantida. Podemos ser pessoas melhores, seguindo o exemplo de São Domingos, ou não fazer nada. Pode ser até um pouco difícil, mas afinal, o que você prefere? Rafael Nunes Santana, 8º Ano/ 2011. (REVISTA INFORMATIVA, 2011, p. 15).

---

<sup>31</sup> Rafael Sebba, Ex-aluno; jornalista esportivo da TV Globo/ Anhanguera.

## 5.2.6 Quanto aos pais, os testemunhos também são bastante interessantes

Quais os critérios que você utilizou para a escolha do CESJ para seus filhos?

Vários foram os fatores que influenciaram na escolha da escola para os meus filhos. No primeiro momento, essa escolha foi realizada por mim e por meu marido e, no segundo momento, apresentei as três melhores opções aos meus filhos, observando e ouvindo a opinião e o comportamento deles quando conheceram a escola.

Detalho os principais critérios para a escolha do CESJ para os meus filhos, que foram: A escola apresenta valores que acreditamos e compartilhamos no dia a dia com os nossos filhos e a sua proposta humana e pedagógica está de acordo com o perfil de cidadãos que queremos formar. O CESJ possui excelente espaço físico, quadro de professores qualificados, coordenadores, direção e funcionários capacitados, e, também, constantemente reciclados e treinados para oferecer a melhor qualidade de ensino. O CESJ prioriza a formação humana e religiosa de seus alunos e ao mesmo tempo desenvolve cidadãos críticos e capazes de lidar com a diversidade, respeitando o ritmo de cada um. A escola traz em sua proposta pedagógica, a preocupação com a formação humana, social, política, cognitiva e afetiva com seus alunos. Possui vários projetos que realmente viabilizam a participação de alunos, família e escola, visando à percepção das diferenças e a possibilidade de fazermos o bem o bem ao próximo. As atividades extracurriculares do colégio formam outro ponto positivo. Detalhes importantes na formação do cidadão, como por exemplo, o fato de que desde os porteiros da escola, passando pelos auxiliares da limpeza até a alta direção da escola conhecem cada aluno e prestam atitudes de gentileza aos mesmos. O acolhimento que nossa família recebeu da escola é outro ponto positivo e que confirma a nossa escolha como acertada. É uma escola que estimula o pensamento crítico, o respeito, o envolvimento das pessoas, a participação e a cooperação das famílias, o desenvolvimento da autonomia, responsabilidade e criatividade de cada aluno. Outro ponto fundamental vem a ser também a assessoria externa para Língua Portuguesa e Matemática, com renomados e conceituados profissionais. Ana Cristina Merzian<sup>32</sup>. (INFORMATIVO, 2010, p.7).

Nós pais do aluno Lucas Prado<sup>33</sup>, somos gratos e valorizamos a educação holística que esta escola proporciona aos alunos, principalmente os valores morais, a caridade por meio dos projetos sociais, as aulas motivadas por professores competentes e carismáticos, além das valiosas amizades. Apesar de vivermos uma realidade, cada dia mais assustadora na criação dos filhos, principalmente pela proximidade das drogas em todas as classes, não tememos o futuro, pois acreditamos na base familiar e na formação realizada desde a primeira infância. É esse um dos motivos pelos quais mantemos nossos filhos nessa escola, acreditando numa formação para toda a vida. (REVISTA INFORMATIVA, 2012, p.36).

<sup>32</sup> Ana Cristina Merzian - psicóloga mãe dos alunos Marcello e Giovana Merzian.

<sup>33</sup> Lucas Prado é aluno do 6º ano D, 1º lugar, MEDALHA DE OURO na Olimpíada Estadual de Matemática 2010, promovida pela Universidade Federal de Goiás. No ano de 2010, os alunos do CESJ participaram de muitas competições, uma delas foi a OMEX – Olimpíada de Matemática do Externato, que selecionou 20 alunos para participarem da competição estadual (OMEG– Olimpíada de Matemática do Estado de Goiás), realizada em agosto e promovida pela Universidade Federal de Goiás. Durante este período os alunos selecionados frequentaram aulas preparatórias oferecidas pelo colégio. O Externato São José participa da OMEG há mais de 5 anos, sempre obtendo êxito.

Como é sua convivência com o CESJ?

O CESJ fala por si e pelo testemunho de várias gerações que formou. Tem projeto pedagógico que proporciona a formação humanista, educa para os valores, orienta para o respeito, forma para a vida. Não digo isto falando de longe. Por mais de uma década, alternando com a esposa, busquei diariamente os filhos na escola. Acompanhei todas as etapas dos filhos, do maternal ao 9º ano. No CESJ frequentei os jogos internos, as festas e celebrações de aniversário da escola, as feiras de ciências, os momentos de apresentação cultural, o comovente momento do dia dos pais. Vivenciei nascimentos e falecimentos relacionados ao CESJ. Acompanhei as mudanças de gestão. E até participei de um dos sábados de formação dos professores. Esta escola não apenas marcou a vida de meus filhos, marcou a minha vida também. Ajudou no crescimento de minha família. E faz um bem imenso a Goiás e ao Brasil. Wolmir Amado<sup>34</sup>. (REVISTA INFORMATIVA, 2011, p. 9).

### 5.2.7 Formação humana e religiosa

O CESJ pauta ainda a cotidianização do carisma pela convicção de que é a Educação Religiosa, que na sua globalidade, envolve todos que convivem na instituição como sujeitos do processo educativo, isto é, interação educandos e educadores, na busca de sua realização como seres humanos, numa missão que dá sentido à vida: ser feliz e fazer o outro feliz.

Dentre as dimensões da pessoa humana, cumpre-nos ressaltar a religiosa, que tem levado cientistas a estudarem o cérebro humano e propor a teoria de uma possível "inteligência espiritual", que faz com que os seres humanos acreditem na existência de um ser superior, causa primeira e fim último universal.

Entendida como dimensão do ser humano, a Religião, através de seus ritos e símbolos, ajuda a pessoa a estabelecer as relações consigo mesma, com o mundo e com Deus. Nela encontramos respostas às questões existenciais com o objetivo de "sermos felizes e fazermos os outros felizes".

Art. 33 da LDB afirma que o Ensino Religioso é parte integrante da formação básica do cidadão, e constitui disciplina dos horários normais das escolas de ensino fundamental, assegurando o respeito à diversidade cultural de nosso país e vedados quaisquer formas de proselitismo.

O fenômeno religioso deve ser estudado e refletido também, como área de conhecimento. Em nossa escola acontecerá o fazer religioso, (ações transformadoras e celebrativas), através da pastoral e da iniciação à Vida Cristã, do aprofundamento da fé e dos princípios da Missão Dominicana em horários diferentes.

NO CESJ, o professor de Ensino Religioso é convocado a conhecer o patrimônio cultural de diferentes tradições religiosas, colaborar na educação para o exercício da cidadania, e contribuir para a construção da paz e efetivação dos direitos de cada aluno expressar sua fé. Mais ainda, o professor tem, necessariamente, de ser competente, criativo e sensível para lidar com as situações diversas de aprendizagem, e estar aberto para conhecer e dialogar com as diferentes religiões. Como educadores dominicanos, temos de imaginar, desejar e sonhar um Ensino Religioso

---

<sup>34</sup> Professor Dr. Wolmir Amado- Reitor PUC- Goiás, pai do aluno Fernando Amado.

plural e respeitoso, administrado por um professor atualizado, afetuoso, alegre, prazeroso e aprendiz. (REVISTA INFORMATIVA 2012, p. 30).

Nesta importante tarefa, o diálogo respeitoso e fraterno será o caminho privilegiado para unir esforços e assegurar a indispensável coerência na escola, sob a guia de seus fundadores.

A qualidade espiritual dos seus fundadores e membros torna-se cada vez mais presente na consciência da Comunidade. E é isto que configura o núcleo do carisma dominicano.

Desses princípios deriva uma espiritualidade missionária, uma nova metodologia de trabalho, especificamente segundo o ardor, a efusão do Espírito na vida do fundador. Esta é a fonte de inspiração onde o educador deve beber, para assumir os desafios atuais e desenvolver sua ação missionária á serviço dos alunos. Assim a força do carisma dominicano apresenta algumas características bem definidas para nossa vida e trabalho. É preciso olhar e fazer constar o mérito da Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils na pessoa de Madre Anastasie, por tê-la enviado para formar e educar com tanto amor e dedicação. O que hoje vemos, é fruto do trabalho, silencioso e benemérito de muitos leigos e leigas e de tantos religiosos e religiosas que contribuíram e contribuem para a edificação desse carisma.

#### 5.2.8 O Desenvolvimento dos projetos pedagógicos e sociais

O CESJ desenvolve a cada ano letivo inúmeros projetos pedagógicos, relativos a cada desenho curricular e ano sequencial correspondente seja na Educação Infantil (Infantil I ao infantil 5), seja no Ensino Fundamental (1º ao 9º ano) e também projeto de Formação Humana e Religiosa, que configura-se como projeto social. Os projetos são planejados, e procuram incluir toda a comunidade escolar.

Dentre esses projetos apontaremos aqui para exame três deles por serem aqueles, que mesmo não conquistando aprovação e participação total da comunidade escolar, obtiveram reconhecimento público com premiações outorgadas

por instituições de renome nacional: Comissão Dominicana de Justiça e Paz<sup>35</sup>, e Rede Católica de Educação<sup>36</sup>.

São eles:

“Bullying: Conhecer, Prevenir e Educar Para a Paz”, o projeto de educação inclusiva, “Educação Para Todos no Externato São José à Luz do Carisma Dominicano” e, principalmente, o projeto social- “Gesto Fraternal a Serviço da Vida e da Esperança”.

Ao longo da nossa vivência no CESJ e do nosso tempo de estudo e reflexão necessários para fundamentação e comprovação ou não, da nossa hipótese, foram apresentadas evidências de que o projeto antibullying, “Bullying: Conhecer, Prevenir e Educar Para a Paz”, o projeto de educação inclusiva, “Educação Para Todos no Externato São José à Luz do Carisma Dominicano” e, principalmente, os projetos sociais: “Extensão do CESJ” e o “Gesto Fraternal a Serviço da Vida e da Esperança”

---

<sup>35</sup> O Colégio Externato São José e a aluna Carolina Moraes M. de Barros do 8º ano A, ganharam o prêmio "Lília Azevedo de Solidariedade". O Prêmio Lília Azevedo de Solidariedade leva esse nome em homenagem à Lília Amaral de Azevedo (1929-2008), membro-fundadora da COMISSÃO DOMINICANA DE JUSTIÇA E PAZ DO BRASIL. Como leiga dominicana foi co-fundadora do Grupo Solidário São Domingos e nele trabalhava desde 1982, fazendo com que as causas internacionais da África do Sul, Timor Leste, Palestina, Chiapas-México, Haiti, Iraque e tantas outras, fossem conhecidas no Brasil. Era membro também do Conselho da Renovação Cristã do Brasil e da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. Apoiava o trabalho da Comissão Pastoral da Terra, do Movimento Sem terra e das demais Pastorais Sociais.

O Colégio Externato São José, na condição de entidade dominicana, foi premiado em 4º lugar, pela apresentação do “Projeto Gesto Fraternal a Serviço da Vida e da Esperança”.

<sup>36</sup> A Rede Católica de Educação – RCE foi fundada no dia 26 de outubro de 2006 e iniciou suas atividades em 2007 com a participação de dez escolas pioneiras, que se uniram para fortalecer a educação em torno dos princípios e valores das escolas católicas de todo o país).

de abrangência nacional, destina-se a experiências gerenciais e educacionais inovadoras e bem sucedidas.

O PRÊMIO EDUCADOR CATÓLICO é uma promoção e uma concessão da Rede Católica de Educação. Os projetos inscritos concorrem em quatro categorias: educador educação infantil, educador primeira etapa do ensino fundamental, educador segunda etapa do ensino fundamental, educador ensino médio e a categoria gestor, destinado a experiências desenvolvidas pela coordenação pedagógica, orientação educacional e direção da escola de forma abrangente nas instituições de ensino. Para o concurso de 2012 se inscreveram 140 projetos de todas as Escolas Católicas do Brasil. É premiado o melhor projeto de cada categoria.

O Colégio Externato São José foi premiado na CATEGORIA GESTOR com dois projetos inscritos: "Educação para todos à Luz do Carisma Dominicano, que é o projeto de educação inclusiva na escola e está sob a responsabilidade da coordenação pedagógica e "Bullying: conhecer, prevenir e educar para a paz", que está sob a responsabilidade dos orientadores educacionais.

A premiação foi entregue no dia 01 de julho de 2012, às 16h, durante o V Congresso Internacional Conexão RCE, realizado em Brasília no Centro de Eventos e Convenções Brasil 21. A diretora do Colégio Externato São José, professora Darlei Padilha, representou a escola nessa premiação.

- materializam e consolidam de uma forma especial o carisma dominicano, embora não consigam sensibilizar a todos da comunidade.

Vejamos primeiramente o projeto de educação inclusiva- Educação Para Todos no Externato São José à Luz do Carisma Dominicano.

O contexto educacional brasileiro atravessa grandes mudanças após a criação da última Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96). Esse documento reafirma o direito de todos os cidadãos brasileiros à educação na rede regular de ensino, tenham eles deficiências, necessidades educacionais especiais (n.e.e.) ou não.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – Necessidades Educacionais Especiais (BRASIL, 1999b), o plano teórico-ideológico da escola inclusiva requer superação dos obstáculos impostos pelas limitações do sistema regular de ensino, pois podemos afirmar que essa superação pode ser o único meio privilegiado capaz de favorecer o processo de inclusão social dos cidadãos. Seu ideário defronta-se com dificuldades operacionais e pragmáticas reais e presentes, como recursos humanos, pedagógicos e físicos ainda não contemplados.

Nesse contexto, a garantia dos direitos do cidadão, o respeito à dignidade, a importância da solidariedade e do respeito são formas de se eliminar a discriminação e se iniciar um processo de efetivação dos preceitos igualitários no âmbito escolar.

O CESJ, ao longo de sua história e muito antes de estar previsto na legislação educacional, acolheu e educou alunos com deficiências. Pautado pelo carisma dominicano, procurou oferecer as condições adequadas e a melhor educação possível a todos esses alunos, considerando as suas necessidades individuais. Nessa continuidade o referido projeto tem como objetivos promover a aprendizagem e o desenvolvimento de todos os alunos com deficiência que chegam ao colégio; Sensibilizar e conscientizar toda a comunidade educativa acerca da necessidade de se construir uma educação que considere a diversidade humana como fator que constitui e enriquece a nossa sociedade e a nossa escola; Desenvolver valores éticos, morais e cristãos de valorização da vida, do outro e capacidade de viver em comunidade com harmonia, tolerância e respeito através de atitudes como o diálogo, a reflexão e das ações individuais e coletivas; Incluir toda comunidade educativa no processo ensino-aprendizagem dos alunos por meio de

grupos de pais e professores, eventos coletivos, projetos interdisciplinares e outros. (Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96).

Mais especificadamente, o Grupo Gestor do colégio começou a construir uma prática pedagógica inclusiva, pautada nos princípios da L.D.B. 9.394/1996 no segundo semestre do ano de 2006, por meio de um grupo de estudos, que discutia os parâmetros legais, a concepção de inclusão e os fundamentos da adequação curricular. Cumprindo o seu papel social de educar a todos, e atento às demandas sociais, o Colégio Externato São José construiu e implantou em 2007 o Projeto “Educação Para todos no Externato São José à Luz do carisma dominicano”, foi proposto pelo serviço de Psicologia Escolar/Educacional da Escola, sendo desenvolvido em parceria com as coordenações pedagógicas da Educação Infantil, do Ensino Fundamental I e II.

O referido projeto abrange desde a Educação Infantil até o nono ano do Ensino Fundamental, propondo ações que consideram a diversidade humana e as necessidades especiais dos alunos. Após a implantação do projeto, houve a sistematização de uma formação continuada e da capacitação dos profissionais que atuam diretamente com os alunos. Atualmente, o colégio atende a 83 alunos com necessidades especiais, com diversas peculiaridades, desde leves e transitórias, até alunos com diagnóstico de comprometimentos significativos nas áreas cognitiva, motora e da socialização. Dentre as medidas administrativas que visam à inclusão, destacamos:

A previsão de duas vagas, por sala, para alunos que possuem necessidades educacionais especiais (n.e.e.), sendo que uma delas é para um aluno que não apresente necessidade de adaptações significativas, e a outra é reservada para o aluno que está amparado por laudo médico e/ou psicodiagnóstico, e que necessite de acompanhante pedagógico.

A triagem por meio de entrevistas com familiares, análise de laudos, entrevista com a criança que pleiteia uma vaga no colégio, e troca de informações e experiências com equipe multiprofissional que atende a criança, a fim de determinar qual o grupo-classe mais adequado para recebê-la e quais adaptações serão necessárias (físicas e curriculares).

Orientações para pais e/ou familiares responsáveis quanto às ações do projeto de educação inclusiva da escola e à importância da parceria família-escola para a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos.

A escola seleciona, contrata, remunera, faz a formação pedagógica e o treinamento de uma acompanhante pedagógica (estagiária do curso de pedagogia) para auxiliar a professora regente no processo ensino-aprendizagem do aluno que tem maiores comprometimentos.

A escola paga uma hora extra, por semana, para a professora do Ensino Fundamental I, que possui um aluno com n.e.e. e que necessita de adequações curriculares significativas. Nesta hora extra de trabalho remunerado, a professora participa de reuniões com as coordenadoras de língua portuguesa, de matemática e com a psicóloga escolar/educacional, a fim de definir objetivos, procedimentos e avaliações específicas para o aluno em questão.

A escola organiza periodicamente reuniões entre as professoras e estagiárias para “estudo de casos”, avaliação de procedimentos e reordenamento, de ações coordenadas pela psicóloga escolar e/ou coordenadoras; com os profissionais (psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos) que atendem aos alunos em tratamentos extraescolares, sempre que necessário.

O êxito desse projeto pode ser constatado por meio da enorme lista de espera composta por candidatos com necessidades educacionais especiais, dos três segmentos, indicados por profissionais e por pais/familiares de alunos que conhecem o trabalho desenvolvido pela escola, embora é válido registrar que há pais que não veem o CESJ como uma escola inclusiva, repetindo o que foi dito no início desse capítulo, este reconhecimento não atinge a totalidade de pais.

Vejamos, agora, o projeto: Antibullying - “Bullying: Conhecer, Prevenir e Educar Para a Paz”

Mesmo antes de o termo bullying ter sido cunhado por pesquisas, durante as décadas de 1970 a 1990, e cair em domínio público, o CESJ já desenvolvia atividades e projetos que discutiam a paz e a importância do combate a todo tipo de violência, na preocupação com a formação dos valores morais de seus alunos e cobra a observância e a vivência dos mesmos no cotidiano escolar, de modo a promover a convivência saudável e respeitosa entre os pares. O colégio procura respeitar seus alunos em sua condição humana de vida, em suas características individuais, mas também os convoca, continuamente e em todas as atividades pedagógicas, ao respeito próprio e mútuo, à interação com o outro e com a comunidade. Eles são estimulados a reconhecerem-se em suas potencialidades, limites, a sentirem-se desafiados e condignamente avaliados pela firmeza, amplitude

de horizontes, clareza e justiça do processo pedagógico do qual fazem parte e vivenciam. Do professor, é exigido domínio teórico e metodológico, é orientado para promover entre seus alunos o diálogo interdisciplinar sobre a necessidade do respeito pelas diferenças individuais para a constituição de uma sociedade de paz. Esse é o principal princípio do projeto pedagógico antibullying, Bullying: Conhecer, Prevenir e Educar Para a Paz, o qual integra a proposta de Educação Inclusiva exercida no Externato São José.

Promover, junto às crianças e adolescentes, reflexões sobre as relações estabelecidas na sala de aula e na escola, enfatizando a convivência saudável, respeitosa, pautada pelo carisma dominicano, que rejeita toda expressão de violência e injustiça, incluindo a prática do bullying.

Cumprindo o seu papel social de informar e de formar o seu aluno, e atento às demandas sociais, o CESJ construiu e implantou em 2009 o Projeto “Bullying, Conhecer, Prevenir e Educar para a Paz” O trabalho foi realizado por iniciativa do serviço de Psicologia Escolar/Educacional da Escola, em parceria com as Coordenações Pedagógicas e o Serviço de Orientação Educacional da Educação Infantil, do Ensino Fundamental I e II.

O referido projeto abrange desde a Educação Infantil até o nono ano do Ensino Fundamental, propondo ações que consideram a diversidade humana e as necessidades especiais dos alunos. Após a implantação do projeto, ações antibullying passaram a constar nos planejamentos semanais de todas as series, sendo, portanto, desenvolvidas ao longo do ano letivo como tema transversal no currículo escolar.

Dentre as atividades previstas no projeto antibullying, o CESJ promove a formação e a capacitação de seus profissionais para atuarem com os alunos na implementação da cultura da paz; ações formativas, educativas e preventivas para funcionários, familiares e alunos. Está atento para prevenir, identificar e solucionar os casos de bullying que possam ocorrer na escola. A partir do desenvolvimento do projeto, o setor de orientação educacional registrou um decréscimo significativo nos casos de brigas entre os alunos e conflitos em geral, resultado este, documentado em relatórios e em atas. O interesse da mídia pelo projeto e o convite da PUC\_ GO, para que o mesmo fosse apresentado no colóquio sobre Direitos Humanos/2011, evidenciam o sucesso do projeto. Este projeto também recebeu o prêmio Educador Católico 2012.

Entretanto ressaltamos que o projeto encontra inúmeras dificuldades, pois um número significativo de pais e alunos nomeiam qualquer situação considerada normal e passível de acontecer entre os alunos, como um ato de bullying, e nem tudo é bullying<sup>37</sup>:

Projeto Social do CESJ - Projeto Gesto Fraternal a Serviço da Vida e da Esperança.

Este é o maior projeto do Colégio. Conta com a participação de todos os alunos, dos professores, dos pais e das famílias assistidas. É um projeto que envolve os alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental com o objetivo de estimular a fraternidade, a solidariedade e a sensibilidade. É uma aula de carinho e de respeito pelas carências e diferenças sócio-econômicas que são conhecidas e até reduzidas por alunos, pais e professores. De mãos dadas, a comunidade educativa do CESJ busca a dignidade humana e a igualdade de direitos. O projeto é coordenado pela Irmã Ana Rita Lopes, que também assume a coordenação do Ensino Religioso. Alunos do Infantil ao nono ano do Ensino Fundamental II são envolvidos no projeto.

Uma educação eficaz supõe um projeto pedagógico que enseje o acesso e a permanência – com êxito - do aluno no ambiente escolar, que assuma a diversidade dos educandos, de modo a contemplar suas necessidades e potencialidades. Por isso, é necessário a adoção de medidas, dentre as quais a interação entre os alunos, reconhecendo todos os tipos de capacidades presentes na escola, de modo

---

<sup>37</sup>Segundo a especialista em Bullying Cleo Fante, nunca se falou tanto em bullying como nos últimos tempos. Apesar de ser uma forma de violência antiga quanto à própria escola, o tema vem sendo discutido à exaustão. Sem dúvida, o problema é extremamente preocupante e deve ser debatido nas diversas esferas e à luz das diversas ciências. No entanto, milhares de crianças e adolescentes continuam a se desenvolver no fenômeno, que parece não ter solução.

Talvez, o grande entrave em nosso país seja a escassez de pesquisas e de estudos científicos - capazes de gerar conhecimento sobre o assunto -, o que tem comprometido o entendimento e o desenvolvimento de ações efetivas para o enfrentamento e erradicação do problema.

Bullying não é isso que muitos estão a divulgar. Não se trata de brincadeiras inconvenientes, conflitos ou ofensas pontuais, que resultam em mágoa ou raiva passageira. Trata-se de violência gratuita, persistente e cruel. O desconhecimento, a precipitação na análise e divulgação de casos tem colaborado para a generalização e banalização do problema.

O termo bullying deve ser empregado para tipificar comportamentos agressivos ou violentos entre pares. Ocorre quando um estudante ou vários deles - fazendo uso de sua força física ou poder - elege outro(s) como alvo de chacotas, humilhações, ameaças, perseguições, espancamentos, calúnias, dentre outras formas de abusos. O alvo é exposto à opressão de forma gratuita, repetitiva e intencional, resultando em prejuízos, muitas vezes irreversíveis. Por causa do bullying, estudantes deixam de frequentar as aulas, mudam de escolas ou desistem de estudar. Devido ao medo ou vergonha da exposição, se retraem ou se isolam dos demais, comprometendo a saúde mental e o processo sócioeducacional. (FANTE, 2005, p.74)

à sequenciar conteúdos e adequá-los aos diferentes ritmos de aprendizagem, bem como adotar metodologias diversas e motivadoras, avaliando os educandos numa abordagem processual e emancipadora, em função de seu progresso e de suas conquistas futuras (BRASIL, 1999 b).

A educação escolar deve exercitar a democracia e a cidadania, enquanto direito social, através da apropriação e produção dos conhecimentos. Para tanto, faz-se necessária a busca de uma sociedade isenta de seletividade e discriminação, libertadora, crítica, reflexiva e dinâmica, onde homens e mulheres sejam sujeitos de sua própria história. Contudo, a escola por si só não forma cidadãos, mas pode preparar, instrumentalizar e proporcionar condições para que seus alunos possam se firmar e construir sua cidadania em um viés humanista. Referimo-nos aqui à qualidade da educação escolar como aspecto essencial para o efetivo cumprimento de sua função social, em oposição à abordagem de qualidade veiculada pelo mercado. Nesta perspectiva, falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição. O projeto social do CESJ está contido no Projeto Político-Pedagógico da escola e, desde sua implantação, tem como foco as famílias em situação de risco social e se volta para o atendimento de suas necessidades e demandas mais urgentes.

O projeto social proporciona uma relação humana dentro de diferentes segmentos sociais e à luz do pensamento da fundadora da Congregação, Madre Anastasie, realiza a prioridade à Evangelização integral pela palavra, pelo testemunho e pela ação. Desta maneira, o projeto Gesto Fraternal a Serviço da Vida e da Esperança motiva todos os membros da comunidade à prática de ações solidárias, justas e fraternas, como dizia Madre Anastasie: “O essencial na vida é que fique em algum lugar o fruto de nossa bondade.”

Por projeto social entende-se:

Os projetos sociais são pontes entre o desejo e a realidade. São ações estruturadas e intencionais, de um grupo ou organização social, que partem da reflexão e do diagnóstico sobre uma determinada problemática e buscam contribuir, em alguma medida, para “um outro mundo possível.

Os projetos sociais tornam-se, assim, espaços permanentes de negociação entre nossas utopias pessoais e coletivas – o desejo de mudar as coisas –, e as possibilidades concretas que temos para realizar estas mudanças – a realidade. (STEPHANOU, MULLER e CARVALHO, 2003, p.10).

Portanto, a elaboração de um projeto social implica em diagnosticar uma realidade social, identificar contextos sócio-históricos, compreender relações institucionais, grupais e comunitárias e, finalmente, planejar uma intervenção, considerando os limites e as oportunidades para a transformação social.

Este é o histórico do projeto social do CESJ: Em 1995 nasceu a ideia de desenvolver um projeto com as famílias carentes a partir de uma visita de um grupo de alunos da então terceira série do EFI, à periferia de Goiânia, ocasião que estudavam os bairros dessa capital, conteúdo curricular dos alunos em questão. O grupo de alunos ficou sensibilizado com a família que visitou e eles, juntamente com a professora, sugeriram apoiar esta família, fazendo visitas mensais, levando alimentos que os próprios alunos arrecadavam, roupas usadas, remédios, materiais escolares, e principalmente, criando vínculo afetivo entre a família carente que recebia o apoio, os alunos e suas respectivas famílias.

A coordenadora de Ensino Religioso, Irmã Ana Rita Lopes<sup>38</sup>, percebendo no envolvimento entre as famílias, a possibilidade de um exercício real de solidariedade, o qual ia além de assistencialismo, começa a sensibilizar outros grupos de alunos para a mesma ação. Assim, alunos de outras séries, demonstraram o desejo de também ter uma família carente para apoiar. Diante da possibilidade de ampliar o número de famílias carentes nessa ação, foi percebida pela coordenação de Ensino Religioso, a necessidade de se ter dados a respeito do bairro onde reside a maioria destas famílias, o Residencial Itaipu, zona sul de Goiânia e Aparecida de Goiânia.

Foi então realizada a pesquisa de campo coordenada pela assistente social do CESJ, a qual contou com a participação dos alunos do EF II e professores desse segmento. Ao final, chegou-se a um diagnóstico social da comunidade do bairro em questão, a saber:

Grande parte do terreno do Residencial Itaipu foi cedida pela prefeitura de Goiânia. Lá, residiam na época 6.132 habitantes, de acordo com o censo 2000, em sua maioria desempregados que buscavam na informalidade formas de garantir a condição mínima de sustento da família. Grande parte do bairro não possui saneamento básico e atendimento escolar imediato para a demanda de educação infantil, principalmente a faixa etária de 04 a 05 anos. A escola de ensino fundamental e a creche (atendimento de 0 a 6

---

<sup>38</sup> Irma Ana Rita Lopes - Irmã Dominicana de Nossa Senhora do Rosário de Monteils. Graduada pela PUC em Letras Modernas, formação social/política/religiosa na Instituição Lumen, na Bélgica. Coordenadora de Formação Humana e Religiosa e do projeto social do CESJ- Gesto Fraternal a Serviço da Vida e da Esperança desde 1995 aos dias atuais.

anos) estão localizadas no bairro vizinho, Jardim Itaipu. O perfil socioeconômico da comunidade é de baixa renda e baixa escolaridade. As profissões dos pais e ou responsáveis estão divididas em serventes, auxiliar de serviços gerais, lavrador, cozinheiro, pedreiro, autônomo, gari, porteiro, mecânico, auxiliar de produção, açougueiro, jardineiro, carroceiro. Os não empregados relatam que às vezes realizam qualquer tipo de serviço, na maioria das vezes como serventes de pedreiro. As profissões das mães/responsáveis estão definidas como domésticas, babá, cozinheira, diarista, bordadeira, garçomete, auxiliar de serviços gerais, catadoras de papel. As mães/responsáveis que não trabalham fora ficam apenas em casa. (RELATÓRIO, 1995, p.3).

Foi diante da realidade diagnosticada que o colégio CESJ, resolve então, abrir duas salas de Educação Infantil, no Jardim Itaipu, em espaço cedido pela Associação Vitória<sup>39</sup> para atender crianças de quatro e cinco anos, em caráter filantrópico (Unidade do CESJ no Itaipu) e apoiar outras famílias carentes, com intenção de minimizar o número de pessoas que vivem à margem da sociedade, buscando sobretudo o resgate da dignidade humana e oferecer às pessoas condições para o exercício da cidadania.

Dois anos depois, já estruturada, essa ação toma a performance de projeto. Recebeu o nome de Gesto Fraternal a Serviço da Vida e da Esperança, se instalou e tem sido reconhecido como o projeto social do CESJ e é assim composto:

Cada grupo desenvolve uma expressão diferente, assim estabelecida: da Educação Infantil ao 5º ano: Tema: Cuidando das famílias-Irmãs. Lema: Gente feliz fazendo gente feliz. 6º ano: Tema: Cuidando da Associação de Serviço à Criança Excepcional de Goiânia (ASCEP). Lema: Juntos somos importantes. 7º ano: Tema: Cuidando da Creche Santa Luzia Lema: O essencial é invisível aos olhos. 8º ano: Tema: Cuidando dos idosos do Abrigo São Vicente de Paula. Lema: É preciso Saber Viver. 9º ano: Tema: Cuidando dos direitos humanos das crianças do CESJ no, Residencial Itaipu. Lema: Amar como se não houvesse amanhã.

Como vimos, o projeto social do CESJ é composto por diferentes expressões, elegemos uma delas para a comprovação da nossa hipótese, a expressão desenvolvida pela Educação Infantil ao 5º ano: nomeada “Cuidando das famílias-Irmãs”, que tem por lema Gente feliz fazendo gente feliz.

Esta escolha se deu pela importância e alcance dessa expressão e também pela sua relevância do ponto de vista pedagógico e religioso. Além do envolvimento dos pais, pois trata-se de criança de 03 a 11 anos, tudo o que ocorre durante as

---

<sup>39</sup> Associação Vitória- Espaço Comunitário no Jardim Itaipu, Goiânia-Goiás.

ações do projeto deve, precisa e busca ser discutido e trabalhado no cotidiano escolar. São objetivos desta expressão:

- Desenvolver o espírito de cooperação e solidariedade dos alunos e pais;
- Despertar a sensibilidade dos alunos, pais e professores para o trabalho voluntário;
- Resignificar o sentido da doação;
- Contribuir para que os alunos, pais e professores percebam a diferença entre dar esmolas e partilhar;
- Conhecer e respeitar as diferenças socioculturais;
- Desenvolver os valores humanos.

Nem tudo acontece como o planejado e o previsto, mas, a experiência já vai para o seu 18º ano.

São particularidades da expressão Cuidando das famílias-irmãs: constitui um meio para que os pais e alunos do CESJ tenham o conhecimento da realidade vivida pelas famílias em situação de riscos sociais dando a oportunidade de relacionar-se com as famílias-Irmãs, de conhecer de perto as suas condições de vida e planejar ações que possam enfrentá-las e melhorá-las.

A seleção das famílias Irmãs é feita com base em alguns critérios. Entre eles estão as famílias que possuem o maior número de filhos e que vivem em condições sociais de vida mais precárias. Nesse sentido, para a participação das famílias-irmãs no projeto, é feito contato inicial com a Ir. Ana Rita Lopes, e a Sra. Minelvina Borges, que mora no Residencial Itaipu. Ambas são responsáveis pela organização e implementação das visitas. A partir delas, as famílias são selecionadas para receberem o atendimento da escola.

Essa expressão conta com a participação de alunos, professores e pais, que realizam visitas domiciliares às famílias-irmãs. Cada família-irmã selecionada é de responsabilidade de uma turma do Externato São José, no tocante a visitas domiciliares, atendimento, cuidado e acompanhamento.

As visitas domiciliares são realizadas mensalmente, estendendo-se durante o ano, conforme cronograma e planejamento prévio.

Para participarem das visitas às famílias-irmãs, os alunos devem trazer por escrito uma autorização dos pais. Esses alunos vão representando sua turma. São organizados em 3 ou 4 grupos a cada visita mensal. Os pais fazem as visitas em seus próprios carros, sem ônus para a escola.

No início e no final do ano é realizada uma ação de confraternização com as famílias-irmãs. Essa ação possibilita às famílias visitarem e conhecerem a escola. É realizada assim uma relação de conhecimento, troca de informações e amizade entre as famílias.

Os pais que conduzem os alunos até a casa das famílias-irmãs ficam emocionados ao presenciarem a realidade em que elas vivem. O encontro dos pais e alunos com as famílias-irmãs é tão marcante que cria laços fortes de amizade. Permite-nos também perceber a transformação das pessoas nas condutas de pequenos atos como: a higiene da casa, o cuidado e o carinho ao receber a todos. É importante relatar que até hoje não tivemos nenhuma reclamação por parte dos pais que tenham ido às visitas. Ao contrario, eles agradecem a oportunidade que tiveram e se oferecem para ir quando precisar. Em um depoimento, uma avó do aluno do infantil, que é dona de uma escola, disse que soube do Projeto do CESJ e ficou tão encantada que resolveu desenvolver ação igual em sua escola. Em outro depoimento, pais dizem que se emocionam ao chegar à casa das famílias-irmãs. Eles manifestam assim: “A gente vem para ajudar e dar algumas coisas, mas quem ganha somos nós. É gratificante”. Há ainda depoimento de pais que vão uma vez à visita e ficam ansiosos para chegar o dia da outra.

O projeto Gesto Fraternal a Serviço da Vida e da Esperança passou em 2004 por uma pesquisa de Opinião e Avaliação apresentado através de relatório ao CESJ, pela EPOM\_ Empresa de Pesquisa de Opinião e Mercado Ltda., representada pelos Senhores Prof. Ms. Roque Toscano, Diretor Geral, e prof. Dr. Délio Moreira de Araújo, Gerente Técnico.

A pesquisa teve como objetivo geral, levantar a opinião e avaliação dos pais de alunos sobre o CESJ.

O Universo da pesquisa se voltou aos pais de alunos. O período da coleta de dados foi segundo semestre de 2004 e a amostra contou com o número de cem pais de alunos. Dentre vários quesitos avaliados estão a Formação Humana e Religiosa (Princípios e Valores Humanos Cristãos) e o projeto social da escola “Gesto Fraternal

a Serviço da Vida e da Esperança”. Os resultados que dizem respeito a estes quesitos mostram:

\*Quanto ao sentimento dos pais em relação ao Projeto Gesto Fraternal à Serviço da Vida e da Esperança:

Percentual e justificativa:

52,2% dos pais acham muito bom, com restrições ao assistencialismo. O resultado indica que a visão dos pais difere do pensamento da escola que não o classifica como assistencialista, já que proporciona aos pais, alunos e professores a vivência da partilha e o desenvolvimento da sensibilidade, tornando-se instrumento de cidadania.

26,1% dos pais entrevistados acham que o projeto mostra à criança outra realidade e a ensina a ajudar.

13,0% dos pais responderam que nunca participam das visitas às famílias adotadas porque estão em horário de trabalho.

8,7% dos pais disseram que deveria haver mais incentivo da parte dos professores.

\*Avaliação do trabalho da escola quanto à Formação Humana e Religiosa (Princípios e Valores Humanos e Cristãos).

Percentual e justificativa:

56,2% Muito bom. Aulas de Formação não interferem nos credos.

30,8% Bom. Aulas criativas/ dinâmicas com a participação efetiva do aluno. Aprofundamento do lado cristão/religioso/leituras bíblicas/orações. Envolvimento dos alunos em atividades comunitárias/projetos

11,5% Precisa melhorar. Estimular mais nos alunos a Formação Humana religiosa. Envolver mais os alunos nos projetos de Formação Humana. Falta maior estímulo às orações. Trabalhar os valores humanos e éticos entre os colegas.

Há de se considerar também depoimentos de membros das famílias adotadas:

Depois que o Externato São José apareceu em minha vida tudo mudou pra melhor. Esses anjos fizeram coisas que jamais em meus sonhos pude imaginar, me tiraram praticamente da rua com meus seis filhos, hoje tenho uma casa, o que comer, posso dizer que tenho uma vida decente. Tenho paz, meus filhos estudam e tem uma vida digna. Vou realizar um grande sonho: vou estudar: Vocês são minha família. Somos gente felizes que faz gente feliz (DALVA).

Com a ajuda de vocês somos hoje uma família com mais dignidade. Consegui um trabalho, meus filhos estudam. Somos felizes. Que Deus abençoe todos vocês. (ROSINETE).

De 2002 para cá, nossa vida mudou. Com a ajuda de vocês, construímos nossa casa que ainda não ficou pronta. Um sonho que estou vendo sendo realizado. Nunca mais passamos fome. Meus presentes aqui são vocês. Meu marido e meus 9 filhos agradecemos de coração tudo o que vocês fizeram e faz por nós. (FRANCISCA). (RELATORIO, 2007, p.13).

Nas falas dessas pessoas que fazem parte do projeto nota-se um jeito bastante idealizador, de plena resolução dos problemas vivenciados pelas suas famílias. A realidade se distancia do que é colocado. Há sim, melhoras, mas ainda resta muito a se fazer para o alcance de uma vida digna.

A pesquisa institucional anteriormente citada apontou a necessidade de aperfeiçoamento e desafios do Projeto Gesto Fraternal. Demonstrou que 66,2% dos pais do CESJ aprovam o projeto como ótimo, enquanto 33,8% o consideram entre o bom e insatisfatório, entre esses últimos, ainda foi detectado que 17,7% consideram o projeto de assistencialista. No dizer desses pais:

- Muito boas restrições ao assistencialismo
- Com relação ao Projeto “Gesto Fraternal” acho muito assistencialista. É melhor quando se cria uma situação de educar essas famílias e recolocá-las na sociedade, através de empregos. No projeto Gesto Fraternal, eu não concordo totalmente com essa ajuda material às Famílias Irmãs.
- Só não dei ótimo para o Projeto “Gesto Fraternal” porque acho que necessita de um apoio maior da escola no item segurança, pois muitas vezes as mães não participam por medo (distâncias e levar outras crianças) / é muito bom o projeto Gesto Fraternal. Porém, a sensibilização das crianças para as doações deve ser algo mais cuidadoso.
- As visitas não podem estar voltadas essencialmente à ajuda material, embora eu saiba que há momentos de espiritualização. Estou falando de outros gestos, como fazer um jardim, uma horta ou pintar uma parede/Projeto “Gesto Fraternal” acredito que não cumpre o objetivo de despertar nas crianças a importância da ajuda espontânea e de se inter-relacionar com as famílias.
- Projeto “Gesto Fraternal” verifica a possibilidade da criação de um banco de dados com a relação dos integrantes das famílias participantes como busca de oferta a procura de empregos para auxiliar na colaboração de pessoas desempregadas no mercado de trabalho, resgatando assim a dignidade e auto-estima dessas pessoas.
- Percebo como fundamental ajudar o próximo, porém acredito que é importante que a ajuda seja por um tempo até a família “andar com as próprias pernas”, daí passa-se a ajudar outras. É uma ideia maravilhosa que ainda não alcançou o envolvimento emocional que deveria ter alcançado. (EPON, 2004).

Por diversas vezes é questionado se a proposta deste projeto não é de cunho assistencialista. Sabe-se no que se refere às práticas assistenciais, tem sido comum a confusão na utilização dos termos assistência e assistencialismo<sup>40</sup>. Trata-se de uma questão delicada. Pela nossa percepção e vivência nesta escola, entendemos que o projeto propicia a inserção social, através de assistência às famílias adotadas, ou seja, a intenção é a inclusão/inserção social das famílias que participam, já que visa o resgate da dignidade humana e o desenvolvimento da cidadania do ser humano. Suas ações estão sempre a favor da vida, não deixando as pessoas se acomodarem, a ficarem satisfeitas em ganhar uma cesta de alimentos. Há uma preocupação muito grande para que trabalhem, estudem. São ações que procuram fortalecer as famílias adotadas e vão além do assistencialismo, pois trazem um benefício que vai além das expectativas iniciais das pessoas que participam do projeto.

Conforme encarte do Informativo do CESJ que diz:

O projeto visa proporcionar aos alunos, professores e pais a vivência da partilha e o desenvolvimento da sensibilidade, como valores fundamentais para a relação fraterna do grupo. É um projeto que não se quer como reprodução da "cultura "entidades tradicionais, laicas e religiosas; assistencialista das ações do favor", que está na raiz do paternalismo, do assistencialismo, mas como instrumento de construção da cidadania. Procura mostrar o "outro lado da vida", em contraponto à sociedade de espírito individualista dos tempos atuais, bem como para aquela situação de fome, de desemprego, falta de saúde e de moradia, extrapolando os muros da escola, possibilitando condições para uma educação aberta às amplas necessidades da pessoa humana. (INFORMATIVO, 2006, p.2).

Ao longo de mais de dezoito anos, esta expressão/ação do projeto social do CESJ, já atendeu mais de oitenta famílias, num total estimado de 500 pessoas, dentre elas, muitas deixaram de participar porque melhoraram significadamente

---

<sup>40</sup> Assistência Social é considerada uma política pública, faz parte da "Seguridade Social" e está prevista na Constituição Federal do Brasil regulamentada na Lei Orgânica da Assistência Social. A Assistência Social assegura o direito de todo cidadão brasileiro que se encontra excluído do trabalho, da saúde, da previdência social, da educação, da possibilidade de alimentação, etc. É uma prática comprometida com a libertação humana e consciente da necessidade de se pensar e promover condições mínimas para a sobrevivência, para o crescimento intelectual, político e social da população que sofre com a exclusão social presente na sociedade capitalista brasileira. O assistencialismo social, ao contrário, tem práticas paternalistas e clientelistas de má-fé, na maioria das vezes marcado por "doações aos pobres" feitas com a finalidade de manter uma relação de dependência entre a pessoa que recebe e a que dá. É uma prática incentivadora da tradicional proteção exagerada e da doação desenfreada aos excluídos sociais; reforçando as correntes que mantém a população presa na ignorância e mascarando as diferenças socioeconômicas e os modos de superá-las. Assistência social e assistencialismo social. Disponível em: <https://google.com/site/vileirine/> Acesso em; 03/11/2012.

suas vidas com aquisição de moradias, reformas, empregos, melhoria na escolarização, e há componentes que conseguiram concluir estudos universitários.

A essência do carisma dominicano nos leva a procurar enternecer os corações e torná-los sensíveis aos sofrimentos e misérias do próximo. A exemplo de Jesus, o CESJ entende que é preciso ir ao encontro dos pequenos e sofredores, sobretudo dos mais necessitados para conhecê-los, para deixar-nos interpelar pela sua realidade concreta e para por-nos a serviço deles de modo efetivo, e pedir a Deus que nos dê o verdadeiro espírito de misericórdia.

Irmã Ana Rita, coordenadora do projeto, a exemplo de São Domingos e de Madre Anastasie, consegue manter viva a chama dominicana nos alunos levando-os a serem sensíveis aos sofrimentos e misérias do próximo, tornando-os agentes para um “outro mundo possível”.

Acreditamos que esta é uma ação que possibilita a materialização do carisma dominicano/anastasiano, através da possibilidade de inserção/inclusão social das famílias adotadas, inserção esta entendida como possibilidade de levar o ser humano a se encontrar bem na sociedade em que se encontra.

A inclusão ou inserção social é inserir, fazer parte, não apenas com outro indivíduo, mas sim com todas as pessoas de modo igualitário, pois vivemos em uma sociedade e não isolados uns dos outros (FERREIRA, 1993). Assim, um mundo inclusivo é aquele em que todos os indivíduos têm oportunidades de serem inseridos de maneira participativa na sociedade.

A inclusão na concepção de Carvalho (1998) é um processo que envolve mudanças de atitudes, dinamismo e reflexão em torno da sociedade. Com relação à inclusão no contexto social, ou seja, indivíduos que pelo próprio mecanismo social são considerados excluídos pressupõe-se a sua inclusão por meio de ações e processos pelos quais a sociedade procura dar oportunidades para que ocorra a inclusão.

Sasaki (1997, p. 41) diz que a:

[...] inclusão social é o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas [...] e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidade para todos.

Nessa perspectiva humanitária o CESJ convida a comunidade ao trabalho voluntariado.

Trabalho voluntariado são iniciativas individuais ou coletivas que visam a proporcionar a melhoria da qualidade de vida de pessoas e comunidades. Por meio de contribuições voluntárias, a sociedade se mobiliza, organizando e desenvolvendo projetos e ações sociais para transformar determinada realidade para o bem comum, contribuindo para um mundo mais justo e mais solidário.

[...] as organizações que formam terceiro setor brasileiro estão divididas em linhas que refletem suas origens em grupos sociais diversos, que espelham esse abismo social encontrado na sociedade bem com a diversidade de interesses existentes. No contexto em que surgem há poucos elementos e incentivos para a criação espontânea de uma identidade de setor que se caracteriza por um grande número de organizações com características, origens, finalidades, portes e recursos os mais diversos. A diversidade de organizações do Terceiro Setor existentes no Brasil dificulta a formação de um perfil claramente delineado em relação a aspectos comuns entre si, como seu propósito, fontes de financiamento, origem, etc. (FALCONER, 1999, p.91).

Portanto como ação voluntária, que é uma possibilidade do Terceiro Setor, o CESJ constrói e executa seu projeto social, constituindo assim, um meio para que os pais e alunos tenham o conhecimento da realidade vivida pelas famílias em situação de riscos sociais dando a oportunidade de relacionar-se com as famílias-Irmãs, de conhecer de perto as suas condições de vida e planejar ações que possam enfrentá-las e melhorá-las.

Por meio dessa expressão a comunidade educativa do CESJ se relaciona com as famílias que participam do projeto com espírito de respeito, conhecendo e vivenciando as várias situações e formas de vida dessas famílias.

Como já foi dito, o projeto não consegue envolver toda a comunidade educativa. O percentual de pais que participa efetivamente, acompanhando os filhos às visitas, é bem limitado, pode-se apontar uma estimativa inferior a 50% e o percentual dos alunos que participa efetivamente gira em torno de 70%. Mas ainda assim, há subsídios que comprovam que a execução do Projeto Gesto Fraternal, vem por quase vinte anos, sendo veículo de uma educação transformadora, quando possibilita crianças e jovens irem ao encontro dos desprovidos de moradia, alimentação, saúde, educação. Muitos deles se sensibilizam. Uma semente é plantada e, no futuro pode brotar, fazendo-os adultos éticos e solidários.

## 6 CONCLUSÃO

Na investigação do processo pedagógico apresentado neste trabalho, os pontos relevantes confirmam nossa hipótese. Podemos assim afirmar que o ideal de São Domingos e de Madre Anastasie, bem como o de outras lideranças dominicanas, se manteve e se materializou em ações qualificadas as suas épocas, conforme mostramos ao longo do terceiro e quarto capítulos.

O CESJ tem tentado permanecer com os mesmos princípios e valores. Sua Missão o demonstra: a busca da formação das crianças e dos jovens no sentido da transformação da sociedade através de uma Educação Libertadora que prioriza aspectos da solidariedade e da formação para a cidadania, através de um ensino de qualidade que busque a construção de conhecimento.

Entre os valores que a escola prega percebe-se que o valor solidariedade (inserção/inclusão), é o cerne do projeto pedagógico e social da escola, percebidos e vivenciados por “parte” da comunidade.

Portanto, a cotidianização do carisma dominicano se dá através do exercício de ser solidário desenvolvido dentro da escola por meio de seus projetos que cultivam a inclusão, a paz e a solidariedade.

A vivência desses valores tenta confirmar a ampla missão da escola, enquanto escola confessional católica dominicana. Sensível às mudanças e no meio delas, direcionada à verdade, a instituição captou os pontos luminosos do carisma dominicano.

O colégio dedica especial atenção à execução dos diferentes projetos pedagógicos focados na inclusão, respeito e na solidariedade. O projeto social da escola “Gesto Fraternal a Serviço da Vida e da Esperança” é o seu maior desafio e o seu diferencial. Desafio por tratar-se de um trabalho voluntariado e por ser visto por um grupo de pais, com cunho assistencialista. Diferencial, porque encerra em suas ações a materialização do carisma dominicano ao ser objeto de promoção de inserção/inclusão.

A solidariedade que a escola desenvolve através do referido projeto na forma de ir ao encontro dos mais necessitados, possibilita aproximação dos educandos

daquelas realidades, fazendo-as conhecidas, para tornar todos agentes de transformação deles mesmos e da sociedade como um todo.

Sabe-se que nas últimas décadas muitas escolas de classe média passaram a promover intercâmbio com crianças e jovens pobres. Esse encontro nem sempre é tranquilo, mas a semente do respeito e da percepção frutifica.

Uma outra conclusão que vamos apresentar refere-se a situação de leigos na gestão. A grande interrogação é se a gestão leiga é capaz de assegurar a manutenção do carisma dominicano na sua rotina, nas tomadas de decisões. O tempo de gestão leiga no ESJ já acontece há mais de uma década. Uma primeira certeza é da necessidade de uma gestão mais profissional, pois a escola está inserida num mercado cada vez mais competitivo, e para concretizar seus propósitos, inclusive proporcionar que a comunidade educativa viva o carisma da escola, ela tem que, em primeira instância, existir, se manter.

È necessário se faz atualizar e ao incorpora as contribuições de uma gestão profissional, nota-se que caminhos foram abertos para uma fidelidade criativa ao carisma dominicano proporcionando seu espaço na sociedade.

Pode-se afirmar que o CESJ, reconhecido como tradicional, não se firmou por reflexões intelectuais, mas surgiu da espiritualidade de São Domingos, fundador da Ordem dos Pregadores e Madre Anastasie, fundadora da Congregação das Irmãs Dominicanas de Monteils de Nossa Senhora do Rosário. Foi firmado nos preceitos do Fundador e da Fundadora, que o colégio sempre foi atento ao sentido dos acontecimentos fazendo da cultura lugar vital na educação dominicana, com intuito de formar uma pronunciada comunidade de educadores, educandos e de educação. Portanto, como tal acumula experiências, aprende dos sucessos e dos fracassos. Têm um vasto acervo de memória institucional, tem conseguido sobreviver em meio a crises políticas, sociais e culturais. È capaz de elaborar um conhecimento sapiencial que não consiste na soma de informações, mas em postura de vida, em maturidade de enfrentar desafios, ancorada no passado. È fato que o CESJ que têm dificuldades em responder com rapidez às demandas imediatas do mercado e da sociedade, mas em contra partida, tem tentado não embarcar em novidades sem fundamentos. A vivência uma gestão leiga há mais de dez, tem ajudado o colégio a encontrar o equilíbrio entre inovação e tradição, ruptura e continuidade.

Nesse tipo de gestão, cada vez mais, a proposta pedagógica do CESJ é feita em vista de uma sociedade em constante mudança, como no alto grau do desenvolvimento tecnológico, na informática, cibernética, robótica, na engenharia genética e na mídia e na necessidade de intensificar o trabalho inclusivo e solidário. Todas essas questões são analisadas, refletidas e vivenciadas na sala de aula. Não se trata de uma doutrinação, mas de libertação, tendo por base os pilares dominicanos: verdade, estudo, vida em comunidade e pregação, que se fundamentam no amor a Deus e ao próximo.

Finalizamos nossa conclusão, apontando os impasses do CESJ, que são os mesmos das outras escolas católicas do Brasil, nos tempos atuais: definir claramente sua identidade, e a de trabalhar na linha de um novo modelo de gestão que possa ajudá-la a descobrir uma contribuição para uma sociedade inclusiva, ecologicamente sustentável e sintonizada com o transcendente. Organização de uma escola católica sem gestão fracassa, sem espiritualidade esvazia.

O CESJ, assim como a maioria das escolas católicas, há bastante tempo é conduzido por professores, orientadores, coordenadores, funcionários leigos e leigas e mais recentemente, também por direção leiga. A mantenedora deve tomar consciência de que o protagonismo dos leigos é um desafio em experimentação.

O CESJ, como escola confessional católica, necessita viver a missão educativa segundo as exigências que decorrem de sua identidade, enquanto um projeto que tem seu fundamento em valores da fé cristã, como educação libertadora, educação para a justiça, educação inclusiva, educação solidária, e que, não podem ser esquecidos, uma vez que são os grandes sinalizadores da utopia da Escola Católica do Brasil.

## REFERÊNCIAS

ANTICLERALISMO. Disponível em <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em 2 de 11 de 2012.

ANTISERI, D. *História da filosofia: do romantismo até nossos dias* (4 ed., Vol. 3). São Paulo: Paulus, 1991.

ARTUSO. Disponível em <http://google.com.br> . Acesso em 06 de 08 de 2012.

ASSISTÊNCIA SOCIAL. Disponível em [https://google.com/site/vileirine/meus textos](https://google.com/site/vileirine/meus%20textos). Acesso em 03 de 11 de 2012.

ÁVILA, G. d. *Você em oração e catequese pastoral: Ofício da Imaculada*. Brasília: Catedral Militar, 2002.

AZZI, R. *História da Educação Católica no Brasil*. São Paulo: FTD, 1997.

\_\_\_\_\_. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BAR E BOR. Disponível em <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em 09 de 01 de 2013.

BATISTA, N. J. *História da Baixa Idade Média*. São Paulo: Ática, 1989.

BÍBLIA SAGRADA. *Antigo e Novo Testamento* (2ª edição ed.). (J. F. Almeida, Trad.) São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BOBBIO, N. *Dicionário de Política*. 7ª edição. Brasília: UNB, 1995.

BOEHNER, P., & ETIENNE, G. *História da Filosofia Cristã: das origens a Nicolau de Cusa*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

BOLETIM INTERPROVINCIAL. DOMINICANAS DE MONTEILS, 2000.

BRASIL, M. d. *Parâmetros Curriculares Nacionais. Adaptações Curriculares: estratégias para a educação de alunos com necessidades especiais*. Brasília, 1999.

BRETAS, G. *História da instrução pública em Goiás*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991.

BREZINSKI, I. *A formação do professor para o início de escolarização*. Goiânia : UCG/SEd./GO/ABEU, 1987.

BUCCELATO, G. *Carisma e rinnovamento*. Rifondazione della vita consacrata e carisma del fundadore. Bolonga: EDB, 2012.

CAMBI, F. *História da Pedagogia*. São Paulo: UNESP, 1999.

CANEZIN, M., & LOUREIRO, W. (1994). *A escola normal em Goiás*. Goiânia: UFG, 1994.

CARISMA. Disponível em <http://www.capuchinhosprsc.org.br>. Acesso em 12 de 10 de 2012.

CARVALHO, A. d.B. *Educação e liberdade em Max Weber*. Ijuí: UNIJUI, 2004.

CARVALHO, E . R. *Temas em educação*. Rio de Janeiro: WVA, 1998.

CHENU, M. D. *Os dominicanos*. São Paulo: Província Dominicana do Brasil, 1981.

CLÁUDIA. *Projetos na escola*. Dez., 2007.

CLEMENTE VII. Disponível em <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografia>. Acesso em 12 de 12 de 2012.

CISTERCIENSES. Disponível em <http://www.mb-soft.com.br>. Acesso em 10 de 01 de 2013.

CONCÍLIO DE TRENTO. Disponível em <http://www.paginaoriental.com.catecismo>. Acesso em 11 de 12 de 2012.

CONCÍLIO VATICANO I. Disponível em <http://www.infopedia.pt/Svaticano>. Acesso em 17 de 10 de 2012.

CONCÍLIO VATICANO II. Disponível em <http://.abril.com.br>. Acesso em 10 de 12 de 2012.

CONSTITUIÇÕES. *Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils*. Goiânia: UCG, 1985.

COLÉGIO SANTANA. Disponível em <http://colsantanagoias.blogspot.com.br>. Acesso em 10 de 12 de 2012.

DICIONÁRIO TEOLÓGICO DA VIDA CONSAGRADA. São Paulo: Paulus, 1994.

DICIONÁRIO TEOLÓGICO DA VIDA CONSAGRADA. São Paulo: Paulus, 1999.

DICIONÁRIO DE CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE TEOLOGIA. São Paulo: Paulus, 1993.

DOMINICANAS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE MONTEILS. *Relatório. Província Nossa Senhora de Guadalupe*. Goiânia, 1995.

DOMINICANAS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE MONTEILS. São Paulo: Gráfica Publi, 2005.

DOMINICANAS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE MONTEILS. *Relatório. Província Nossa Senhora de Guadalupe*. Goiânia, 2007.

DOMINICANAS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE MONTEILS. *Relatório. Província Nossa Senhora do Rosário*.Uberaba, 2011.

DOMINICANOS. Uberaba: A.Gráfica, 2011.

EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.

EPOM. EMPRESA DE PESQUISA DE OPINIÃO E MERCADO LTDA, 2004.

EXTERNATO SÃO JOSÉ. Disponível em <http://www.externatosaojose.com.br>. Acesso em 10 de 01 de 2013.

FANTE, C. *Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz* (2ª ed.). Campinas-SP: Veros, 2005.

FALCONER, A. P. A. *A promessa do terceiro setor*. São Paulo: USP, 1999.

FERREIRA, J. R. *A exclusão da diferença*. Piracicaba: UNIMEP, 1993.

FROHLICH, R. *Curso básico da história da igreja*.(A.Antoniuzzi, Trad.)São Paulo: Paulus,1987.

GÓMES, J. Á. *Carisma e História*. Madri: Clarentianas, 2001.

GREGÓRIO X. Disponível em <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias>. Acesso em 09 de 12 de 2012.

INFORMATIVO. Colégio Externato São José, 2006.

NFORMATIVO. Colégio Externato São José, 2008.

INQUISIÇÃO MEDIEVAL. Disponível em <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em 10 de 08 de 2012.

JOSAPHAT, F. C. *Os dominicanos*. Os estudos na ordem dominicana. São Paulo: Loyola, 1981.

\_\_\_\_\_. *Os dominicanos*. Província dominicana do Brasil. São Paulo: Loyola,1998.

\_\_\_\_\_. *Tomás de Aquino e a nova era de espírito*. São Paulo: Loyola, 2009.

JOULIN, M. *Domingos: homem de Deus e servidor da palavra*. São Paulo: Paulinas,1997.

KLOPPENBURG, B. A. *Eclesiologia do vaticano*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LAJEUNIE, O. M. *A Priora de Bor: História de uma fundação dominicana segundo depoimentos inéditos*. (N. d. Uberaba, Trad.) Uberaba: A.Gráfica, 1993.

LAKATOS, E. M., & MARCONI, M. A. *Metodologia do trabalho científico*. (2ª ed.). São Paulo: Atlas, 1987.

LEI DE DIRETRIZES E BASE DA EDUCAÇÃO. (LDB9.394/96).

MAURA, L. D. *A educação católica no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2000.

MOVIMENTOS IDADE MÉDIA. Disponível em <http://www.casadehistoria.com.br>. Acesso em 12 de 10 de 2012.

MURAD, A. *Gestão e espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 2007.

O POPULAR, J. Goiânia, 1984.

OLLA, P. Y. *Reflexões sobre o carisma da vida consagrada e dos institutos particulares*. Convergência , p. 32-43, (s.d.).

ORDEM TERCEIRA DOS DOMINICANOS. Disponível em <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em 02 de 09 de 2012.

PAPA INOCÊNCIO. Disponível em <http://pt.wikipedia.org> Acesso em 10 de 01 de 2013.

POINSENET, D. M. *São Domingos: o campeão da verdade*. (I. M. Oliveira, Trad.) Uberaba: A. Gráficas, 1986.

POTENTE, A. (s.d.) *Muita Alegria*. (Almeida, Fr. H. P. , Trad.), (s.d.).

PRANDI, R. *Um sopro do espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: EDUSP, 1998.

PROFECIAS. Disponível em <http://www.profeciasnet.com.br>. Acesso em 10 de 11 de 2012.

REALE, G. *História da Filosofia* (Vol. I). ( Perine, M. , Trad). São Paulo: Paulinas, 1990.

REIMER, I. R. *Como fazer trabalhos acadêmicos* (2ª ed.). Goiânia: UCG, 2008.

REVISTA INFORMATIVA. Colégio Externato São José. Goiânia: Gráfica ART3, 2010.

REVISTA INFORMATIVA. Colégio Externato São José. Goiânia: Gráfica ART3, 2011.

REVISTA INFORMATIVA. Colégio Externato São José. Goiânia: Gráfica ART3, 2012.

ROCCA, G. *O carisma do fundador*. Milão: Ancora , 1998.

ROCHA, M. *Os dominicanos. As origens da ordem dos pregadores*. Juiz de Fora: Mosteiro de Santa Cruz, 1978.

ROCHA, H. *Goiânia 75*. Goiânia : Ed. UCG, 2009.

RODRÍGUEZ, A., & CASAS, J. *Dicionário teológico da vida consagrada*. São Paulo: Paulus, 1994.

ROSSA, L. *Uma presença católica na educação brasileira*. Brasília: AEC, 2005.

SASSAKI, R. K. *Inclusão. Construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SENA, C. D. *Cartas Completas*. (J. A. Basílio., Trad.) São Paulo: Paulus, 2005.

SEVERINO, J. A. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2000.

SICARI, A. M. *Gli antichi carism nella Chiesa*. Milano: Jaca Book, 2002.

EXTERNATO SÃO JOSÉ. Disponível em [www.externatosaojose.com.br](http://www.externatosaojose.com.br) .Acesso em 07 de 13 de 2012.

STEPHANOU, L. M. (2003). *Guia para elaboração de projetos sociais*. . São Leopoldo: Sinodal, 2003.

URBANO V. (s.d.). Disponível em wikipedia: <http://pt.wikipedia.org> Acesso em 12 de 12 de 2012.

VALLE, E. *“Medo e esperança: uma leitura psicológica do milenarismo brasileiro”*. In. Milenarismos e Messianismos. Ontem e Hoje. São Paulo: Loyola, 2001.

VALLE, E. *A Educação Católica no Brasil e a vida Religiosa*.In: Conferência Pronunciada no Encontro de Superiores Maiores e de Presidentes de Mantenedoras das Escolas Integradas à Rede Católica de Educação. São Paulo-SP, 2009.

VERONIQUE. wikipedia. Acesso em 08 de 01 de 2013, disponível em <http://google.com.br>

WEBER, M. *Economia e sociedade – Fundamentos da sociologia compreensiva* (Vol. 1). Brasília: UnB, 1991.

\_\_\_\_\_.*Economia y Sociedad*. Esbozo de Sociología Comprensiva. (J. M. Echavarría, Trad.) México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

\_\_\_\_\_. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. (R. B. Barbosa., Trad.) Brasília: UnB, 1999.